

BOLETIM *de* ARIEL

MENSARIO CRITICO-BIBLIOGRAPHICO

LETRAS, ARTES, SCIENCIAS

DIRECTOR

Gastão Cruls

REDACTOR-CHEFE

Agrippino Grieco

RIO DE JANEIRO, NOVEMBRO DE 1937

ANNO VII

N.º 2

ESCREVEM-NESTE NUMERO :

AFFONSO ARINOS DE MELLO FRANCO
A. J. DE SAMPAIO — AURELIO GOMES DE OLIVEIRA
CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE
CORREIA DE SA' — FRANCISCO VENANCIO FILHO
GUY DE HOLLANDA — J. O. NOGUEIRA LEIRIA
JORGE DE LIMA — JOSUE' MONTELLO
MARIO VILALVA — NELSON TABAJARA DE OLIVEIRA
OSORIO DE OLIVEIRA — PEDRO GOUVEIA FILHO
RAYMUNDO MORAES — RENATO ALMEIDA
RENATO MENDONÇA

NESTE NUMERO

Secções de :

DISCOS,
MUSICA e
CINEMA

Correspondencia de
LISBOA



PAULO WERNECK

NESTE NUMERO :

"MEU PAE"
Conto inédito de
MIROEL SILVEIRA

"A CENTENA"
Conto inédito de
E. PINTO MONTEIRO

"O BODE AZUL"
Poesia inédita de
MARTINS FONTES

PREÇO PARA TODO O BRASIL : 2\$000



5.^a EDIÇÃO (12.000 exemplares)
DE UM PRODIGIOSO RO-
MANCE DE AMOR E CIUME
QUE SE TORNOU O MAIOR
SUCESSO DE LIVRARIA
DOS ULTIMOS TEMPOS.



Temos o prazer de anunciar aos nossos leitores que a ARIEL EDITORA LTDA. se tornou representante exclusiva, para todo o Brasil, dessa importante sociedade franceza de edições, de renome universal, SEQUANA.

COMITE' SEQUANA

O Comité Sequana de Paris está constituído por Henry Bordeaux, Joseph Bédier, Paul Valéry, André Champeix, Pierre Benoit, François Mauriac, Abel Bonnard, Léon Berard, Edmond Jaloux, Pol Neveux, Fortunat Strowsky, Tristan Derème, Pierre Lyautey, Henri Massis, André Maurois, Jean-Louis Vaudoyer e Georges Duhamel.

No Brasil o Comité de Honra de Sequana conta com a presidencia de Sua Excellencia o Senhor Marques Lefèvre d'Ormesson, Embaixador de França no Brasil.

E os membros desse Comité são: Annibal Falcão, redactor-chefe d'*O Economista*, director da *Revue Française du Brasil*; Elmano Cardim, Director do *Jornal do Commercio*; Herbert Moses, Presidente da Associação Brasileira de Imprensa; Miguel Osorio de Almeida, da Academia Brasileira de Letras, ex-reitor da Universidade do Districto Federal; Raul David de Sanson, medico; Rodrigo Octavio Filho, homem de letras, advogado; Senhoras Anna Amelia Carneiro de Mendonça, poetiza, directora da Casa do Estudante do Brasil; Branca Fialho, escriptora; Lucia Miguel Pereira; Lucia Magalhães, inspectora do ensino secundario; Maria Eugenia Celso, poetiza e escriptora; Maria Velloso, escriptora, professora de francez por concurso no Instituto de Educação; Rachel Boher, directora da Bibliotheca Circulante do Rio de Janeiro.

CONDIÇÕES GERAES DE ASSIGNATURAS

As assignaturas são pagas no acto da subscrição

Só são validas as assignaturas IN-TEIRAMENTE PAGAS:

a) directamente na Séde da Sociedade: Rua Sete de Setembro n.º 162-1.º and., — Rio de Janeiro. b) por cheques, ordens de pagamento, vales postaes, etc., endereçados a ARIEL EDITORA LTDA. c) CONTRA NOSSOS RECIBOS, em mãos de nossos cobradores, agentes ou correspondentes, devidamente autorizados por escripto por nós.

A assignatura dá direito a receber UM LIVRO POR MEZ, durante 12 mezes seguidos, a partir do mez seguinte ao da assignatura, e nas condições indicadas para cada caso: A, B, C, ou D.

As assignaturas cujos pagamentos forem feitos antes do dia 20 de cada mez, começarão no mez immediato.

Os livros são enviados pelo correio, cuidadosamente acondicionados, ou re-

mettidos, aos endereços indicados pelos assignantes nos seus coupons de assignatura.

Nossos assignantes poderão fazer enviar seus livros ao nosso escriptorio, onde nós os conservaremos á sua disposição.

Em caso de mudança de endereço, avisar POR CARTA REGISTRADA, antes do dia 20 do mez anterior á mudança.

ABONNEMENT A

Tarif N.º 1

Collection des AMIS DE SEQUANA

IMPRIME' sur beau et fort vélin blanc de Corvol-l'Orgueilleux, au filigrane de SEQUANA. — Impression soignée. — Tirage spécial.

BROCHE', sous couverture papier Japon deux couleurs.

Rs. 160\$000 — L'abonnement de UN AN: UN livre par mois, soit 12 livres différents pour un an, FRANCO DOMICILE. (Port et emballage compris).

ABONNEMENT B

Collection des AMIS DE SEQUANA

IMPRIME' sur beau et fort vélin blanc de Corvol-l'Orgueilleux, au filigrane de SEQUANA. — Impression soignée — Tirage spécial.

RELIE' plein cuir, véritable basane fine rouge, tête et tranches jaspées, titre et fers spéciaux à l'or, tranche-fil et signet soie.

Rs. 300\$000 — L'abonnement de UN AN: UN livre par mois, soit 12 livres différents pour un an, FRANCO DOMICILE. (Port et emballage compris).

Tarif N.º 1

ABONNEMENT C

Collection de BIBLIOPHILE

IMPRIME' sur le véritable papier de chiffon de Corvol-l'Orgueilleux, au filigrane de SEQUANA. — Impression DE LUXE. Tirage spécial.

RELIE' CUIR LUXE, larges plats. X— Entièrement fait à la main. — Tête et fers spéciaux à l'or. — Couleur: fauve, bleu ou rouge (au choix).

Rs. 380\$000 — L'abonnement de UN AN: UN livre par mois, soit 12 livres différents pour un an, FRANCO DOMICILE. (Port et emballage compris).

ABONNEMENT D

Collection de BIBLIOPHILE

IMPRIME' sur le véritable papier de chiffon de Corvol-l'Orgueilleux, au filigrane de SEQUANA. — Impression DE LUXE. Tirage spécial.

RELIE' GRAND LUXE, chagrin fin poli, avec bande, plats toile fine; tête, titre et fers spécial à l'or. Couleur: fauve, bleu, rouge, vert ou gris (au choix).

Rs. 500\$000 — L'abonnement de UN AN: UN livre par mois, soit 12 livres différents pour un an, FRANCO DOMICILE. (Port et emballage compris).

BULLETIN D'ABONNEMENT

A remplir avec soin et à envoyer par la poste à :

ARIEL, EDITORA LTDA. — Rua 7 de Setembro, 162-1.º and. — RIO DE JANEIRO

Je soussigné (NOM).....

ADRESSE.....

VILLE..... ETAT.....

declare souscrire à.....abonnement..... SEQUANA

(Barrer les indications inutiles)

A à 160\$000 broché C à 380\$000 relié cuir luxe fauve, bleu rouge

B à 300\$000 relié plein cuir D à 500\$000 relié grand luxe fauve, bleu, rouge, vert, gris.

aux conditions du tarif SEQUANA N. 1 ci-joint.

Adresse pour l'envoi des livres.....

Je vous envoie ci-joint par chèque, par mandat postal, par lettre chargée,

p. porteur, la somme de.....\$.....montant de.....abonnement.....

Signature.....

EDIÇÕES "ARIEL"

IMPORTANTE: Os assignantes do BOLETIM DE ARIEL, gosarão de um desconto de 20% sobre o preço destes livros quando os mesmos forem adquiridos directamente no nosso escriptorio, e de 10% quando, attendendo a pedidos do interior, os tivermos de remetter pelo correio, correndo então por nossa conta as despesas de porte.

ENSAIOS

A. da Silva Mello — Problemas do Ensino Medico e de Educação	10\$000
Edson Lins — Historia e Critica da Poesia Brasileira . .	10\$000
José Simplicio — Retrato Popular de um homem	5\$000
Stendhal — Do Amor (Trad. de Marques Rebello e Corrêa de Sá)	15\$000
Estudos Afro-Brasileiros	12\$000
Auguste de Saint-Hilaire — Viagem ao Rio Grande do Sul	15\$000
F. Contreiras Rodrigues — Traços da Economia Social e Politica do Brasil Colonial	12\$000
Paulo Prado — Paulistica — Historia de São Paulo 2ª edição augmentada	6\$000
Agrippino Grieco — Estrangeiros	8\$000
" " — S. Francisco de Assis e a Poesia Christã	8\$000
" " — Evolução da Prosa Brasileira	10\$000
Gilberto Amado — Espirito do nosso Tempo — 2ª ed.	5\$000
" " — Dias e horas de vibração	5\$000
" " — A Dança Sobre o Abysmo	7\$000
Miguel Ozorio de Almeida — A Vulgarização do Saber	7\$000
V. de Miranda Reis — Ensaio de Synthese Sociologica — 2ª edição augmentada	8\$000
Renato Kehl — Corno Escolher um bom Marido — 2ª edição	4\$000
Octavio de Faria — Destino do Socialismo	10\$000
Luc Durtain — Imagens do Brasil e do Pampa — (Trad. de Ronald de Carvalho) 2ª edição	6\$000

ROMANCES E NOVELLAS

Gastão Cruls — Vertigem — 2ª edição	6\$000
Iago Joé — Bagunça	6\$000
Cornelio Penna — Fronteira	6\$000
Gastão Cruls — A Amazonia Misteriosa — 4ª edição	6\$000
Graciliano Ramos — S. Bernardo	6\$000
Lucia Miguel Pereira — Em Surdina	7\$000
Miguel Ozorio de Almeida — Almas Sem Abrigo . .	7\$000
Flavio de Carvalho — Os Ossos do Mundo	7\$000
Victor Axel — Germana	5\$000

ROMANCES DE AVENTURA

Georges Simenon — O mysterio de um morto	5\$000
" " — O cão amarello	5\$000
" " — Um crime na Hollanda	5\$000

CONTOS

Rodrigo M. F. de Andrade — Velorios	6\$000
Roquette Pinto — Samambaia	6\$000
Marques Rebello — Tres Caminhos	5\$000
Gastão Cruls — Coivara	7\$000

TRADUCÇÕES DE GASTÃO CRULS

René-Albert Guzman — Ciume — 5ª edição	6\$000
J. Kessel — Luxuria — 4.º Milheiro	6\$000
T. S. Matthews — A Caminho da Forca	6\$000

POESIA

D. Milano — Antologia de Poetas Modernos	6\$000
Poemas de Alberto Ramos	8\$000
Maria Eugenia Celso — Fantasias e Matutadas	6\$000
Murilo Mendes — Historia do Brasil — Philosophia humoristica	5\$000

COLLECÇÃO "CRIMES CELEBRES"

Evaristo de Moraes — O Caso Pontes Visgueiro	6\$000
Vida e Morte de Maria Lafarge, a envenenadora	5\$000

JURISPRUDENCIA

José Julio Soares — Sociedades Cooperativas — 4ª edição — br.	15\$000
Trajano de Miranda Valverde — A fallencia no direito brasileiro — 1ª Parte, Vol. I — br.	30\$000
Trajano de Miranda Valverde — A fallencia no direito brasileiro — 1ª Parte, Vol. II — br.	25\$000
Trajano de Miranda Valverde — A fallencia no direito brasileiro — 2ª, 3ª e 4ª Parte, Vol. III br.	30\$000

PEDAGOGIA

Baptista de Castro — Vocabulario Tupy-Guarany	7\$000
Celsina de Faria Rocha e Bueno de Andrade — Tests	10\$000

LITTERATURA INFANTIL

Paulo Guanabara — A Origem do Mundo — (1.º vol. da collecção: "Historias do Tio João")	8\$000
--	--------

PEDIATRIA

Dr. Suikire Carneiro — Roteiro das Mães (Alimentação da Creança) — 1.º vol.	6\$000
---	--------

CHIROMANCIA

Arhus Sab. — A mão e Seus Segredos — 3ª edição augmentada	10\$000
---	---------

NARRAÇÕES

Ranulpho Prata — Lampeão	6\$000
------------------------------------	--------

HISTORIA

General Tasso Fragoso — Historia da Guerra entre a Triplice Alliança e o Paraguay — 5 vol.	50\$000
--	---------

ECONOMIA E FINANÇAS

Kurt V. Eichborn — Ouro ou Dinheiro? e O Enigma do Dinheiro	3\$000
Alfredo Manes — Observações Economicas e Juridicas Sobre o Seguro	10\$000

COLLECTANEA

Boletim de Ariel — Anno I — Out. 1931-Set. 1932 — 1 vol., encad.	40\$000
Boletim de Ariel — Anno II — Out. 1932-Set. 1933 1 vol., encad.	40\$000
Boletim de Ariel — Anno III Out. 1933 — Set. 1934 1 vol., encad.	40\$000
Boletim de Ariel — Anno IV — Out. 1934-Set. 1935 1 vol., encad.	40\$000
Boletim de Ariel — Anno V Out. 1935-Set. 1936 — 1 vol., encad.	40\$000

BOLETIM DE ARIEL

EXPEDIENTE

DIRECTOR:

Gastão Cruls

REDACTOR-CHEFE:

Agrippino Grieco

GERENTE:

João Teixeira Soares Neto

SECRETARIO

Donatello Grieco

ASSIGNATURAS

Preços para todo o Brasil e paizes da Convenção Postal Pan Americana:

Simple	18\$000
Registrada	24\$000

EXTERIOR

Simple	22\$000
Registrada	28\$000

Numero avulso	2\$000
Numero atrazado	3\$000

As assignaturas são sempre annuaes e começam a partir de qualquer mez.

Os pedidos de assignatura deverão vir acompanhados do seu respectivo valor.

O BOLETIM DE ARIEL, em sua parte editorial só publica trabalhos ineditos, sendo assegurada a seus collaboradores plena liberdade de pensamento.

Quem quer que transcreva trabalhos apparecidos em suas paginas, na integra ou em excerptos, fará a gentileza de mencionar a procedencia.

Em relação aos livros nacionaes, o BOLETIM DE ARIEL só se occupará dos apparecidos no ultimo trimestre, e, em relação aos estrangeiros, dos publicados nos ultimos 12 mezes.

O BOLETIM DE ARIEL não se occupará duas vezes do mesmo livro, a não ser que se trate de obra de subido valor.

NÃO HA RESTITUIÇÃO DE ORIGINAES

SÃO CORRESPONDENTES DESTA REVISTA

- Na França — Sra. Picard-Loewy — Paris
Em Portugal — Sr. Osorio de Oliveira — Lisboa
No Rio Grande do Sul — Sr. Paulo Arinos — P. Alegre
Em S. Paulo — Dr. Wladimir Malheiros — S. Paulo
Em Minas Geraes — Dr. Guilhermino Cesar — Bello Horizonte
Em Pernambuco — Dr. Aderbal Jurema — Recife
Na Bahia — Dr. Aydano Couto Ferraz — Bahia
Em Alagoas — Dr. Raul Lima — Maceió
Na Parahyba do Norte — Dr. Adhemar Vidal — João Pessoa
No Ceará — Sr. Affonso Banhos — Fortaleza
No Pará — Dr. Gastão Vieira — Belém
No Amazonas — Dr. Araujo Lima — Manáos.

DIRECÇÃO REDACÇÃO, PUBLICIDADE :

ARIEL, EDITORA LIMITADA

Rua 7 de Setembro 162-1o.

Tel. 22-1406 — End. Tel. "Ariel"

RIO DE JANEIRO — BRASIL

VANTAGENS CONCEDIDAS AOS ASSIGNANTES DO "BOLETIM DE ARIEL"

CONSULTAS:

O BOLETIM DE ARIEL, attende a qualquer consulta de seus leitores que se prenda ás letras, artes e sciencias. Prestará todas as informações que lhe forem solicitadas sobre a existencia e preço, no mercado do Rio de Janeiro, de livros communs, raros, nacionaes ou estrangeiros.

DESCONTOS:

Os assignantes desta revista gosam de um desconto de 20 % sobre os preços dos livros editados por «Ariel, Editora Ltda.», quando os mesmos forem adquiridos directamente na nossa séde, e de 10 % quando, attendendo a pedidos do interior, os tivermos de remetter pelo Correio, correndo então por nossa conta as despesas de porte. Sob o titulo «EDICÇÕES ARIEL», na nossa secção de annuncios, ha uma lista completa das obras que podem ser offercidas com aquelles descontos.

ENCOMMENDAS DE LIVROS

Encarregamo-nos da compra de qualquer outro livro que não conste das nossas listas. Essas encomendas de livros alheios não gosarão de desconto, sendo executadas ao preço de venda do mercado. As despesas do porte correm por conta do freguez.

«BOLETIM DE ARIEL» ENCADERNADO

Tanto na nossa redacção como nas principaes livrarias desta cidade se encontram volumes bellamente encadernados, reunindo as collecções do primeiro, segundo, terceiro, quarto e quinto annos do BOLETIM DE ARIEL, á venda pelo preço de Rs. 40\$000 cada volume. As encomendas do interior serão attendidas sem augmento de porte.

COUPON DE ASSIGNATURA

Junto envio a quantia de Rs.....
para que seja remettida uma assignatura annual do Boletim de Ariel, ao seguinte endereço e a partir do mez de.....

NOME

RUA

CIDADE

ESTADO

Cóрте e envie este coupon a ARIEL, EDITORA LTDA. — Rua 7 de Setembro 162 — 1o. — Rio de Janeiro.

N. B. -- A importancia deve ser remettida em carta com valor declarado, vale postal ou cheque bancario.

OBRAS PRIMAS

COLLECÇÃO OS GRANDES LIVROS BRASILEIROS

GODOFREDO RANGEL — <i>Vida Ociosa</i> — 2. ^a edição	6\$000
LÉO VAZ — <i>O Professor Jeremias</i> — 5. ^a edição	6\$000
MACHADO DE ASSIS — <i>Conceitos e Pensamentos</i> (Compilação de Julio Cesar da Silva) — 2. ^a edição	6\$000
MONTEIRO LOBATO — <i>Contos Leves</i>	6\$000
VICENTE DE CARVALHO — <i>Poemas e Canções</i> — 9. ^a edição . .	8\$000
GUILHERME DE ALMEIDA — <i>Messidor</i> — 4. ^a edição	7\$000
CASSIANO RICARDO — <i>Martim Cererê</i> — 5. ^a edição	6\$000

OBRAS PRIMAS UNIVERSAES

JACK LONDON — <i>O Lobo do Mar</i> (Traducção de Monteiro Lobato)	7\$000
RUDYARD KIPLING — <i>Kim</i> (Traducção de Baptista Pereira) . .	8\$000
WIL DURANT — <i>Historia da Philosophia</i> (Traducção de Godofredo Rangel e Monteiro Lobato)	15\$000
JOHN MACY — <i>Historia da Litteratura Mundial</i> — (Guia dos me- lhores livros de todas as nações) Traducção de Monteiro Lobato, ilustrações de Onorio Ruotolo	15\$000

A VENDA EM TODAS AS LIVRARIAS

EDIÇÕES DA **Companhia Editora Nacional**

RUA DOS GUSMÕES, 118 — SÃO PAULO

RUA 7 DE SETEMBRO, 162 — RIO DE JANEIRO



BOLETIM de ARIEL

MENSARIO CRITICO - BIBLIOGRAPHICO

LETRAS — ARTES — SCIENCIAS

DIRECTOR

Gastão Cruls

CONSELHO CONSULTIVO:

Gilberto Amado — Lucia Miguel Perelra
Miguel Ozorio de Almeida — Octavio de Faria
V. de Miranda Reis

REDACTOR-CHEFE

Agrippino Grieco

O Enterro de Mestre Aurelio

A tarde carioca estava macia, leve, e a tonalidade de côr de rosa do ar emprestava qualquer coisa de virginal aos tumulos floridos.

Sentia-se a urgente necessidade de um Casimiro, que viesse comparar as campas a berços de anjos loiros, ou a thalamos em que repousassem as pallidas Ophelias suspirosas.

Todos nós estávamos casimirianos, mas sem a febre vespéral, e era absolutamente innegavel, indisfarçavel mesmo, o nosso bem estar.

Tambem para que disfarçal-o? Era justo, era humano que nos sentissemos assim tão bem, no enterro de Mestre Aurelio.

Eramos um grupo reduzido de amigos, que nos juntávamos naquella ultima festa em torno do melhor homem de Minas Geraes.

O respeito pela grave cerimonia, o pesar pela grande perda não se abastardavam com o bulicio e a espectacularidade dos luxuosos prestitos funerarios, nem com a exhibição nevropatha dos tragicos desesperos daquelles que não sabem comprehender o recato e a dignidade da morte. Nosso respeito e nosso pesar se fundiam em ternura.

Ternura pelas barbas, pelos olhos candidos de Mestre Aurelio, pela sua vida pura do erudito de provincia, pelo seu coração cheio da poesia dos mundos.

Ternura pelo funcionario publico que passeava entre as rosas, de braço dado com a saudade, a sua ultima companheira.

Ternura pelo moço das serenatas de Diamantina e de Ouro Preto, cuja voz, emmudecida, iria ecoar agora do outro lado, no paiz cujos ruidos não ouvimos, acompanhando o côro das outras vozes, caladas ha tanto tempo.

Ternura pelo professor da sciencia da vida.

Os poucos amigos marcham passo a passo, acompanhando Mestre Aurelio na sua mudança para a ultima casa.

Era como um passeio um pouco triste, um caminhar pausado sob as folhagens amenas, entremeiado de conversas simples, francas e tranquillias.

A tarde era uma tarde de igreja de Minas. Decididamente os nossos velhos templos tinham cedido um pouco de suas côres em homenagem a Mestre Aurelio. O céu enfeitado de pequeninas nuvens estava azul e branco, como o manto de Nossa Senhora de Sabará. A Virgem Santa tinha espalhado o seu manto sobre as nossas cabeças. Mas havia franjas vermelho-ouro, tiradas indiscutivelmente ás paredes da matrix de Nossa Senhora do Pilar de Ouro Preto.

Mestre Aurelio passa entre as arvores e os passaros chilreiam á marcha compassada dos poucos amigos que o homenageado, antes de morrer, tinha mandado convidar para aquella festa intima.

A aragem que agora sopra, confidenciando segredos que só os mortos entendem, deve vir de Bello Horizonte, das ruas silenciosas do Bairro dos Funcionarios, com aquellas varandas onde os aposentados tocam flauta de chapéo na cabeça, ás 6 da tarde, depois do jantar.

Mas não, a brisa vem de mais longe talvez. Vem da Diamantina natal, das suas areias brancas, dos beiraes dos seus telhados, e embalou levemente os pesados sinos adormecidos.

Mestre Aurelio segue devagar o seu passeio, como convem aos velhos poetas latinistas. Approximamos do fim. Aqui está a entrada da casa nova, morada simples e acolhedora como as outras que teve.

Agora nos despedimos do amigo cansado que se vae recolher. Não perturbemos o seu socego. Si a vida de Mestre Aurelio nos reconcilia com a vida, o espectáculo de sua morte nos faz amavel a ideia da morte.

AFFONSO ARINOS DE MELLO FRANCO.

Morte de Federico Garcia Lorca

A *Revista Academica* deu-nos em seus ultimos numeros dois poemas de Federico Garcia Lorca e a noticia de sua vida, porque Garcia Lorca, desconhecido do nosso publico, só chegou até nós por essa informação rapida do assassinato do poeta pelos fascistas de Granada.

*Se le vio caminando entre fusiles
por una calle larga,
salir al campo frío,
aún con estrellas, de la madrugada.*

*Mataron a Federico
quando la luz asomaba.
El pelotón de verdugos
no osó mirarle a la cara.
Todos cerraron los ojos;
rezaron: ni Dios te salva!
Muerto cayó Federico
sangre en la frente y plomo en las entranas
que fue en Granada el crimen
sabed — pobre Granada! en su Granada! ...*

E' como outro poeta, Antonio Machado, em versos que têm a simplicidade de uma noticia de jornal — e o tragico jornalístico, tambem — faz o registo dessa morte. Garcia Lorca não morreu em combate, como o impressor de seus livros, Saturnino Ruiz. Morreu assassinado ou, se preferem, fuzilado por um pelotão urbano e provavelmente adversario da poesia.

Porque em Garcia Lorca a Hespanha de hoje tinha a sua expressão lyrica mais vehemente e ao mesmo tempo mais concentrada, mais subtil. Não era homem de partido. Era um poeta, ou seja um individuo dotado do poder de re-criar os objectos e a atmosphaera em que elles se realizam. E era tambem poeta no sentido medieval e eterno em que a poesia é dom que se distribue, meio de comunicação entre os homens, effusão lyrica da massa concentrando-se num individuo e refluindo sobre a massa através dos canticos que o individuo produziu sob a sua influencia e seu dictado. Sua experiencia poetica, rica de ensinamentos fecundos, mostra a possibilidade de co-existencia de um grande poeta nacional com uma força poetica universal. Assim, pode renovar a tradição gitana dos romances e canções, em versos que têm o colorido forte de Granada, os cheiros e palpitações sensuaes daquela terra amorosa, e, ao mesmo tempo, integrar-se na corrente supra-nacional daquelles que, em diferentes paizes do mundo, conseguiram depurar a poesia de tudo quanto é accidental, insubstancial ou meramente decorativo. A solução harmoniosa desse pseudo mas compromettedor conflicto entre o local e o universal é, para mim, a primeira lição de Garcia Lorca. (Entre nós, haverá a quem aproveite). A segunda reside no seu conceito rigorosamente popular do localismo. A vida e a alma espanholas, como já se tem dito, são tão marcadas de contrastes que seria possivel ao poeta ontar ou deixar-se conduzir por esta ou aquella inclinação menos generosa (fidalgos, pladres e generaes lhe disputariam o estro), ou mesmo tornar-se campo de batalha de tendencias antagonicas. Gar-

cia Lorca, porém, soube distinguir entre as contradicções de sua patria e achar, através dellas, o seu justo caminho. Ficou com o povo, apropriando-se assim do opulento cabedal lyrico que o povo costuma offerecer aos que realmente o penetram e assimilam. Daí essa «poesia de veias abertas», que um critico lhe assignalou, e que nada tem da emphatica receita nietzscheana, da litteratura escripta com o sangue. A paizagem, a figura humana, a vida social de sua terra, os dramas peculiares ao character hispanico formam a essencia mesma de seu mundo poetico, na phase que se poderá collocar sob o signo do *Romancero Gitano*:

*Las piquetas de los gallos
cavan buscando la aurora,
quando por el monte oscuro
baja Soledad Montoya.
Cobre amarillo, su carne
huelle a caballos y a sombra.
Yunque ahumados, sus pechos
gimen canciones redondas.
Soledad: por quién preguntas,
sin compañía y a estas horas?
Pregunte por quién pregunte,
dime: a ti qué se te importa?
Vengo a buscar lo que busco,
mi alegría y mi persona.
... Oh pena de los gitanos!
Pena limpia y siempre sola.
Oh pena de cauce oculto
y madrugada remota!*

Mas, tendo triturado sufficientemente a complexa substancia iberica, Federico veiu agora debruçar-se sobre outros caminhos e planos, já agora vertiginosos.

*O' Salvador Dali, de voz aceitunada!
... Marineros que ignoran el vino y la penumbra,
decapitan sirenas en los mares de plomo.
... El Gobierno ha cerrado las tiendas de perfume.
La máquina eterniza sus compases binarios.*

O cyclo lorqueano completa-se naturalmente, e a sua Granada, antes policiada tanto pelo metro tradicional como pela nitidez da visão immediata, apparece-nos agora sob um angulo feérico, uma quarta dimensão, da qual, entre outras verdades interceptadas, é possivel observar que

*la gilette descansa sobre los tocadores
con su afán impaciente de cuello seccionado.*

Federico Garcia Lorca está na posse absoluta do seu dom poetico («Oda a Salvador Dalí», «Oda al Santísimo Sacramento del Altar», «Nina ahogada en el pozo»). E' o artista que domina todos os materiaes e cursos technicos e é o homem que se nutriu de experiencias proprias. Volta-se então para o theatro, levado ainda pelo seu amor ao povo e sua identificação com elle, pois tudo indica que o theatro voltará a constituir entre os homens uma expressão natural da vida e um

POEMA DO CHRISTÃO

Por que o sangue de Christo
jorrou sobre os meus olhos,
a minha visão é universal
e tem dimensões que ninguém sabe.
Os milénios passados e os futuros
não me aturdem por que nasço e nascerei,
porque sou uno com todas as coisas
que eu decomponho e absorvo com os sentidos
e compreendo com a intelligencia transfigurada em
Christo.

Tenho os movimentos alargados.
Sou ubiquo: estou em Deus e na materia;
sou velhissimo e apenas nasci hontem,
estou molhado dos linos primitivos,
e ao mesmo tempo resôo as trombetas finaes,
compreendo todas as linguas, todos os gestos, todos
os signos,
tenho globulos de sangue das raças mais oppostas.
Posso enxugar com um simples aceno
o choro de todos os irmãos distantes.
Posso estender sobre todas as cabeças um ceu unanime
e estrellado.

Chamo todos os mendigos para comer comigo,
e ando sobre as aguas como os prophetas biblicos.
Não ha escuridão mais para mim.
Opero transfusões de luz nos seres opacos,
posso mutilar-me a reproduzir meus membros com as
estrellas do mar
por que creio na resurreição da carne e creio em
Christo,
e creio na vida eterna, amem.
E tendo a vida eterna posso transgredir leis naturaes:
a minha passagem é esperada nas estradas,
venho e irei como uma prophesia,
sou espontaneo como a intuição e a Fé.

Sou rapido como a resposta do Mestre,
sou inconsutil como a sua tunica,
sou numeroso como a sua Igreja,
tenho os braços abertos como a sua Cruz despedaçada
e refeita
todas as horas, em todas as direcções, nos quatro pon-
tos cardeaes;
e sobre os hombros A levo
atravez de toda a escuridão do mundo, por que tenho
a luz eterna nos olhos, amem.
E tendo a luz eterna nos olhos sou o maior magico:
ressuscito na bocca dos tigres, sou palhaço, sou alpha e
omega, peixe, cordeiro,
comedor de gafanhotos, sou ridiculo, sou tentado e per-
doado, sou derrubado
no chão e glorificado, tenho mantos de purpura e de
estamenha, sou burrissimo
como S. Christovam e sapientissimo como Santo Tho-
maz. E sou louco, louco,
inteiramente louco, para sempre, para todos os secu-
los, louco de Deus, amem.

E sendo a loucura de Deus, sou a razão das coisas, a ar-
dem e a medida,
sou a balança, a criação, a obediencia,
sou o arrependimento, sou a humildade
sou o autor da paixão e da morte de Jesus,
sou a culpa de tudo,
nada sou.
Miserere mei, Deus secundum magnam misericordiam
tuam!

JORGE DE LIMA.

meio de acção sobre as consciencias, recuperando o tem-
po roubado e perdido pelo cinema. *La zapatera prodi-
giosa, Amor de Don Perlímpim com Belisa en su jar-
din, Bodas de sangre, Asi que pasen cinco anos, Dona
Rosita la soltera o el lenguaje de las flores* marcam essa
phase em que o poeta busca realizar um contacto mais
quente e fraternal com o povo. E não somente escreve
farsas e tragedias como organiza uma companhia de
amadores, «La Barraca», indo com ella — conta-nos
o escriptor cubano Raul Roa — Espanha a fóra, reci-
tando, tocando piano, fazendo conferencias, passes de
prestidigitação e magia.

Uma de suas peças mais felizes, *Yerma*, é repre-
sentada no paiz quando estala o golpe fascista. Todos
os escriptores se enfileiram ao lado da republica, e Fe-
derico Garcia Lorca não trae o profundo instincto po-
pular que sempre o inspirou. E' o momento em que
já não adianta falar a linguagem dos anjos e dos mys-
terios, em que a poesia tem de ser um protesto ardente
e viril. E elle se dirige á Hespanha:

No hagas caso de lamentos
ni de falsas emociones;

las mejores devociones
son los grandes pensamientos.
Y, puesto que por momentos
el mal que te hirió se agrava,
resurge, indómita e brava,
y antes que hundirte cobarde,
estalla en pedazos y arde,
primero muerta que esclava!

Uma voz assim, de um poeta assim (sua influencia
nos paizes americanos de cerne hespanhol é immensa;
poetas amadurecidos ou gastos renovam-se ao seu con-
tacto; o Ministerio da Educação da Columbia dedica-
lhe um numero especial de sua revista) era realmente
perigosa. Fuzilaram o poeta. O compositor Manoel de
Falla, segundo nos informa o Sr. Gilberto Freyre, en-
louqueceu ao saber da morte de seu intimo amigo. Mas
o poeta continúa. A poesia não está morta, meu pre-
zado Augusto Frederico Schmidt. Um anno depois do
seu brado melancolico, a poesia está viva, e sua luz,
de tão fulgurante, algumas vezes torna-se incommoda.

CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE.

DE LISBOA

Aspectos da Litteratura Brasileira

Carlos Parreira é, talvez, hoje, a sensibilidade mais estranha da litteratura portugueza; um dos ultimos prosadores que cultivam, ainda, a «écriture artiste», que foi a mania morbida dos Goncourt e que em Portugal deu origem ao estylo de Fialho. Mas Carlos Parreira não cultiva essa esthetica litteraria por mero capricho; o seu temperamento é que exige a tortura da fôrma, a complicação ornamental, essa especie de barroco escripto. Os seus livros: A esmeralda de Nero, Byzancio e Ex-votos, não são, apenas, como alguém os classificou, «espasmos de estylo». Atravez dos arabescos delirantes da sua prosa, ouvem-se as vozes humanas do extase do deslumbramento da amargura e do desespero. E' esse artista que a vida, na sua ironia cruel, atirou para uma cidade moderna da Africa portugueza, quando o seu unico opio é o sonho de Paris e do seculo XVIII. Em Lourenço Marques, Carlos Parreira, duplamente expatriado no tempo e no espaço, faz jornalismo para viver. Mas essa obrigação já teve a sua vantagem: Carlos Parreira foi levado por ella a contar a sua recente descoberta da litteratura brasileira. Porque os artigos que transcrevemos são, de facto, (e é esse o seu maior interesse) a descrição de um primeiro contacto com a litteratura do Brasil. Pouco a pouco, os portuguezes vão decobrindo esse novo paiz litterario, e vão ficando deslumbrados.

OSORIO DE OLIVEIRA.

A NOVA POESIA

Ainda muitos annos depois de Eça ter criado o aphorismo sarcastico do brasileiro ser o portuguez dilatado pelo calor, quando já Ruy Barbosa e Euclydes da Cunha, o instrumentista admiravel d'Os Sertões, desaparecido, um pouco á maneira de Pouchkine, numa tragedia sangrenta de «marido enganado», Gonçalves Dias e Machado de Assis, o annotador das *Memorias de Braz Cubas*, tão faiscante de verve endemoniada na apparente sisudez da sua compostura

GRANDE SUCESSO DE LIVRARIA:

de AGRIPPINO GRIECO

CARCASSAS GLOBIOSAS

Satiras do momento litterario, politico e social

PREÇO: 6\$000

Editora Livraria H. Antunes

estylística que o escriptor do *Mandarim* o preferia de entre todos os humoristas, Manuel de Macedo e José de Alencar, Castro Alves e Casimiro de Abreu, o Petrarca dos pampas, que tinha na certeza da morte precoce a sua Laura esbelta e misericordiosa, haviam despontado, a conferir cartas de pessoa mental, autonoma, a fremente, a estuante vastidão gaúcha, á patria esplendida do «verde e amarello», — muitos annos passados sobre esse motejo sacrilego, ainda não era possivel concebemos um natural do Brasil sem visionarmos logo um sujeito fruste, dum tom de pelle de chá preto, a espapaçar as vogaes em esbodegamentos fatuos, de panamá arredondando um rebordo catita, grilhão d'ouro a estiraçar-se ao de cima do ventre, calça côr de flor de alecrim...!

Esta imagem era absolutamente exacta no tempo das *Farpas*, quando o demiurgo do *Gouvarinho* esgrouviava os seus gestos de myope pelos forad'horas bohemios da *Taverna Inglesa*, e a anglophyllia flambante de Ramalho transformava em sainetes do burlesco mais picaro o guarda-chuva e a mala do Imperador D. Pedro, quando o fantasista do *Mysterio da Estrada de Sintra* cigarreava os seus despeitos de administrador de concelho na varanda corrida dum quarto andar do Rossio, sob a exultação das estrelas, almenares do Infinito, sussurrando não se sabe que conciliabulos de luz... era dum exacto absoluto. Simplesmente, o anguloso demonio ironico projectou-a para além do instante da sua verdade, com o seu sedicioso poder de persuasão.

Eis o irredimivel peccado dos ironistas!

O Brasil de ha uns decennios para cá, e graças lhe sejam! é um panorama esbelto das realizações mais audazes; uma summa magnetica de Emoção e de Arte, timbradas galhardamente de novidade.

Depois do forte impulso, dado pelos nomes em que falei atraz, outros vieram, tendo á frente Coelho Neto e Olavo Bilac, encantador sumptuoso de rythmos, Lima Barreto e Graça Aranha, o aristocrata requintado de *Chanaan*, compondo as suas paginas com a poeira doirada dos grandes *boulevards* de Paris, com a substancia de Fantasia e Sonho da atmosphaera dos seus museus, com a refracção de bemaventuranças, que revolteia no ar dos seus jardins; outros vieram, como Afranio Peixoto e Hermes Fontes, Alberto de Oliveira e Raymundo Correia, o sonetista das *Pombas*, cujos versos têm o marmoreo attico, todo sacudido de ondas vibratorias de enternecimento que ha nas composições de Sully Prudhomme.

Uma anthologia curiosissima, que ainda ha bem pouco acabei de ler, traz-me para a companha magnifica de superiores, mais corypheus, do mesmo modo ardendo dessa *contenção de ascese*, que tem de ser o dia-a-dia dos emparedados da escripta.

São poetas e prosadores modernissimos.

Dos primeiros extremo agora os que me parecem mais representativos do hausto fervido que combusta este Hoje, em que vivemos, tendo em cada minuto uma labareda de ansias e de pressas, deste Hoje que nos crucifica num madeiro de insatisfação, aureolados e ensanguentados do espantallo intimo de nós mesmos: Cecilia Meirelles, esse Watteau luarento

da emotividade em surdina, *virtuose* extasiada dessa musica de camera que é o seu *Poema da Ternura*:

Se Tu fôsses humano,
As minhas mãos
Viveriam tecendo
Carinhos e sêdas,
Para te darem trajas prodigiosos
De lenda...
Se Tu fôsses humano,
Os meus olhos andariam accesos,
Noite e dia,
E tão postos em Ti
Que brilharias todo,
Como quem vem coroado
Com o sol...
Se Tu fôsses humano,
A minha bocca seria
Fruto para a tua sêde,
Musica de amor para o teu somno,
Festa da consolação
Para a trisbeza...
Se Tu fôsses humano,
Eu seria o teu brinquedo
De criança,
As tuas armas
De guerreiro,
A flauta em que tua velhice
Louvasse o proximo cerimonial
Da Morte...
Se Tu fôsses humano,
O' Eleito,
Eu, seria tudo, na tua vida...
Mas eu não sou nada...
Eu não sou mais
Que esta ansiedade impossivel...

Gilka Machado cujos versos são «fogo de carne em voluptuosidade cosmica», a autora do charivarico, do redemoinhante, do espasmico e impetuoso *Samba*, que é toda a historia desalinhada, bacchica, em *pizzicatto*, do ardor caboclo do Brasil; Ribeiro Couto e Ronald de Carvalho, Felipe de Oliveira e Augusto Meyer, que ensinou aos desesperançados a sua *Oração ao Negrinho do Pastoreio*:

Negrinho do Pastoreio,
venho accender a velinha
que palpita em teu louvor...
...Negrinho santo, Negrinho,
Quero aprender a não ser!
Quero ser como a semente
na falação de Jesus,
semente que só vivia
e dava fruto enterrada
apodrecendo no chão.

Pela bocca da noite, as sombras longas,
que habitam as cafurnas profundas,
veem vindo e tombam nas estradas ermas
com grandes bois negros fatigados.

Eugenio Gomes, o Edgar Pöe, misturado de Goya, da *Manada de Sombra*:

Velha, velha
a noite tacteia nas brenhas
resmungando,
praguejando,
a quebrar gravetos
para o incendio festivo do dia...

Bolem as moitas ao vento
como salteadores agachados entre as arvores...

Manuel Bandeira e o pittoresco e impressionante Jorge de Lima, que entreteceu a maravilhosa tape-

çaria das legendas domesticas nativas, que é *Essa Negra Fulô*, e entumescceu, gloriosa de seiva, a planturosidade festiva do *Inverno*, que Osorio de Oliveira declamava, com tão contagioso encanto, no segundo andar do Contador-Mór, a Santa Luzia, cheio de airozas minuscularias de Arte e do requinte sensitivo de Rachel Bastos:

Zefa, chegou o inverno!
Chuva e mais chuva!
Vae casar tudo,
moça e viuva!
Chegou o inverno!
Covas bem fundas
para enterrar canna...
...Dentro da nossa
casa de palha
carne de sol
chia nãs brasas,
farinha dagua,
café, cigarro,
cachaça, Zefa...
...rede gemendo...
Tempo gostoso!
Vae nascer tudo!

CARLOS PARREIRA.

Oskar von Wertheimer — *Christina da Suecia* — Livraria do Globo — Porto Alegre.

Nenhuma figura mais controvertida que a de Christina da Suecia. Entre outros, o dramaturgo Strindberg, feroz inimigo das mulheres, tratou-a como um animal perigoso. Os francezes não deixaram nunca de referir-se sarcasticamente á soberana que tanto escandalizou Versalhes e adjacencias com seus ares masculos, com as suas attitudes de creatura rebelde a qualquer genero de compressão social. Muito mais equilibrado e sereno, com uma documentação fidedigna, Oskar von Wertheimer reconstitue a personalidade daquella que, segundo affirmam, foi confessada do padre Antonio Vieira. E' uma biographia que innumeradas vezes nos dá a sensação da perfeita novidade.

Arthur Ramos — *As culturas negras no Novo Mundo* — Civilização Brasileira — Rio.

Muuta gente se mette hoje a falar de pretos com uma erudição que se percebe ter sido obtida momentos antes numa visita apressada aos compendios europeus ou norteamericanos. Felizmente, não é esse o caso do authenticos homem de sciencia que nos vem de dar mais um livro sobre questões afro-brasileiras. O sr. Arthur Ramos, desenvolvendo o legado de Nina Rodrigues, ampliando-o e enriquecendo-o em dominios inesperados, tornou-se uma tal autoridade no assumpto que o seu renome, victorioso em todo o Brasil, já foi repercutir até nas bibliothecas e nas cathedras de nações bem mais cultas. Rejubilamos immenso com o exito desse nosso illustre collaborador, é o exito do trabalho do talento, da submissão á verdade historica.

Luis Gil Salguero — *Persona y destino* — S. Amigos del Libro Rioplatense — Montevideo.

Bastante nos alegra que os estudos philosophicos continuem a achar cultores devotados em terras do Prata. E a satisfação é tanto maior quanto os pesquisadores de problemas moraes se expressam, em Montevideo ou Buenos Aires, com a mais extrema clareza, sem afogarem a luz latina nos espessos nevoeiros germanicos. Assim, de um modo integral, no bello volume de meditações do sr. Luis Gil Salguero, que não é apenas um triturador de textos alheios, mas tambem um nobre creador por conta propria, dos que escrevem porque têm alguma coisa a transmittir ao proximo e não sómente para gastar em pura perda a vista do proximo. Bem louvavel ainda, nesse escriptor, a finalidade social de quasi todos os seus axiomas.

« MUCAMBOS DO NORDESTE »

Quando se fala hoje em historia social do Brasil, acode logo ao pensamento a obra de Gilberto Freyre. Nos Estados Unidos, onde adquiriu a sua formação sociologica, o autor de *Casa Grande e Senzala* é um dos rarissimos brasileiros, cujos trabalhos se conhecem e admiram. Isto nos dizia, recentemente, um especialista norte-americano — Frank Tannenbaum —, professor de Historia da America Latina na Universidade de Columbia.

Ao contrario de seus livros anteriores, o presente estudo de Gilberto Freyre não constitue um volume de algumas centenas de paginas, porém, uma pequena monographia. Na sua modestia, deu-lhe o autor o subtítulo de «Algumas notas sobre o typo de casa popular mais primitivo do Nordeste do Brasil». A originalidade destas «notas» sobre os mucambos nordestinos exige resumamos-lhes o conteúdo, embora sua riqueza torne difficil tal tarefa. Além disto, a belleza litteraria, cada vez mais accentuada em tudo quanto Gilberto Freyre escreve, dá vontade de transcrever a cada passo os periodos lidos.

«Na architectura domestica mais nobre do Nordeste — a casa grande de engenho, o sobrado de azulejo, a casa dura e forte de pedra — e — cal — a influencia do portuguez — neste ponto, como em tantos outros, enriquecido pela experiencia asiatica e pelos contactos com os mouros foi decisiva. Surpreende-se apenas um ou outro vestigio da influencia hollandeza ou italiana, destoando do gosto portuguez e da technica portugueza, dominantes na architectura dos primeiros séculos de colonização. Só no século XIX viriam certas modas europeas de casa quebrar a uniformidade portugueza — a moda do florentino, do gothico e principalmente do chalet. O chalet, este incorporou-se de tal modo á paisagem regional que em alguns trechos venceu a casa acachapada de quatro aguas. Na construção de casa popular mais simples é que a influencia dominante foi e é ainda a africana ou a indigena. Tanto que a denominação de casa desse typo que mais se generalizou no Nordeste foi a africana mucambo ou mocambo». O mucambo do Nordeste é um typo de habitação proprio de

cultura inferior á europeá, contrastando fortemente, na sua simplicidade de casa toda, ou quasi toda, de palha, folha ou capim-assú, com a moradia europeá de pedra, tijollo, telha, azulejo, vidro, soalho. E' verdade que, por um phenomeno de *acculturação*, apparecem ás vezes no mucambo janellas ou portas de madeira (elementos de technica europeá). A área geographica do mucambo não se restringe ao littoral, compreendendo, as varias regiões do interior («matta», «agreste», «brejos», «sertão»). Por sua vez, variam os typos de mucambo, em função do material, de que é feito, e diversos typos de vegetação. De um modo geral, o typo mais commum é aquelle em que o barro, ou a terra, entra na composição da paredes, ou tapumes, sendo a cobertura de palha, ou de capim-assú, ás vezes de folha de zinco. Podem ser dicriminadas quatro zonas de mucambos no Nordeste, conforme predomine a carnaúba, o buriti,, a barriguda e o coqueiro, dito da India. As tres primeiras pertencem ao interior, enquanto a ultima é littoranea. A estas quatro zonas de dominio de ty-

pos de vegetação correspondem diversidades de technica e arte. No mucambo de typo mais primitivo não se usam pregos, porém, o cipó ou a corda vegetal. Vê-se que, nesse caso, caracterizam-no o primitivismo e perfeito ecologismo. Com effeito, o material empregado é do lugar, ou da região, e as condições de aeração e insolação dessa casa popular apresentam-se, senão ideaes, boas. Hoje, todos reconhecem a superioridade do mucambo sobre a casa de pedra e cal, sob o ponto de vista daquellas condições. Sua arte tem por características a simplicidade de linhas, economia de ornatos, e firma-se, quasi exclusivamente, no material de que é feito o mucambo. Assim, não ha margem para effeitos artisticos *sophisticated*. Na sala da frente, encontram-se frequentemente estampas de reclame, ou recortes de revistas illustradas: mais um exemplo de *acculturação*. A cozinha participa do primitivismo proprio do mucambo, com seu fogão de forquilha, geito de varas de mangue e massapê. Dispõe o mucambo de oitões livres, aeração facil, insolação magnifica, simplicidade de material, inclusive a ausencia de vidro. As crianças, que nelle moram, ficam, por isto tudo, com a maxima liberdade de movimentos e de jogos. Geralmente pequeno, o mucambo favorece a monogamia, mesmo transitoria, e as artes caseiras (renda, cesto, chapéu, palha, esteira e outras), que florescem principalmente nos mucambos das areas ruraes ou praieiras, suavizando a vida da mulher pobre, tão opprimida pelo trabalho duro e rotineiro nos cortiços das cidades. Actualmente, por motivos economicos, o capim-assú, muito mais barato do que a palha, está tomando o lugar desta nos mucambos do Recife.

Aliás, a casa pequena de barro constitue, por excellencia, a casa pobre em todo o Brasil. Na construção do mucambo perduram, nos traços essenciaes, as influencias das culturas primitivas, mas, dia a dia, incorporam-se-lhe elementos de technica europeá, bem como material da Europa ou Estados Unidos. Sob o ponto de vista sociologico, grande é o interesse do mucambo. Illustra bem o phenomeno de repulsão e atracção entre grupos sociaes, ao qual se subordina a distribuição das ha-

Collecções encadernadas do

BOLETIM DE ARIEL

COM O INDICE DE ARTIGOS E
CITAÇÕES

Temos á venda collecções de
todos os annos

Preço do volume enca-
dernado 40\$000

Pedidos a

ARIEL EDITORA LTDA.

Rua 7 de Setembro, 162-1.º and.

RIO DE JANEIRO

bitações e tende a separar as pobres das ricas, as nobres das plebéas, distanciando-as no espaço geometrico e social. Na zona rural, o mucambo tende para se levantar isolado um do outro, sempre a distancia respeitosa das casas grandes, das moradias de pedra e cal, ou de taipa. Nas cidades, ou aldeias, a sua tendencia é surgir nas areas menos desejadas e saneadas, um quasi por cima do outro, por economia do espaço, sendo o chão constituido ás vezes de lama ou mangue. As relações sociaes de espaço entre os habitantes de uma região soffrem constantes alterações, através da competição entre os homens e grupos sociaes. Concretizam-se aquellas alterações em phenomenos de invasão, recessão e successão. O mucambo, devido á sua simplicidade de construcção, corresponde de modo adequado a esses movimentos, deixando-se erguer ou desmanchar rapidamente.

Como diz Gilberto Freyre, «o caso do mucambo do Nordeste é dos que illustram melhor o processo ecologico nas relações do homem com o espaço e o meio». Vimos que os typos do mucambo subordinam-se áquelles da vegetação; essa habitação popular situa-se, ou move-se, na paizagem regional, de accordo com as relações de competição entre os homens. Influem muito naquella situação, ou movimento, factos de natureza cultural, sobretudo economicos. O mucambo dá a essa paizagem tonalidades africanas ou indigenas, vestigios da primitiva preponderância de culturas mais atrazadas, ora em recesso, ou dissimuladas. Mas, ingenuo seria consideral-as esmagadas pela invasão da cultura europeá. Muito interessa o mucambo ao estudo da arte popular da região, procurando aquella, antes de tudo, realizar um ajustamento ao meio physico e ao espaço social. Além disto, na technica da construcção pode ser assignalada tambem a influencia da choupana portugueza, embora prepondere aquella africano-indigena.

Como restricções, poderíamos apontar a ausencia de discriminação, por Gilberto Freyre, da parte que cabe respectivamente ás culturas indigenas e africanas, aliás bem diversas e sem unidade alguma, na technica da construcção dos mucambos. Tambem, desejar-se-ia saber a exacta natureza da influencia portugueza. Mas, a brevidade do texto

justifica amplamente essas omissões. Finalmente, é de justiça felicitar o Sr. Rodrigo Mello Franco de Andrade, Director do Serviço do Patrimonio Historico e Artístico Nacional, pela optima escolha que fez ao iniciar a série das «Publicações» daquelle novo órgão do Ministerio da Educação. As illustrações da autoria de Dimitri Ismailovitch e Manuel Bandeira, reúnem ao valor artistico o documentario; essa publicação tambem representa um verdadeiro exito sob o ponto de vista das artes graphicas.

GUY DE HOLLANDA.

DUAS REVISTAS

Uma já é conhecida nossa: é o *Boletim do Centro de Estudos Historicos*, dos srs. Eremildo Vianna, Guy de Hollanda e Carlos Cantão. O ultimo numero dessa publicação trimestral regorgita de informações interessantes, em artigos subcriptos por nomes aos quaes ninguém recusará idoneidade para falar do passado dos povos. A outra vem de surgir, mas temos a impressão de um conhecimento antigo, tantos os nossos velhos amigos espirituazes que figuram entre os seus colaboradores. O novo mensario intitula-se *Aspectos* e, dirigido pelo infatigavel lidador da penna que é Raul de Aezvedo, realizará inteiramente a nobre finalidade, que a trouxe a campo, de approximar espiritos, de crear, no dominio das letras, a confederação de almas e cerebros que a politica ainda não conseguiu ultimar.

Baudelaire — *Pequenos poemas em prosa* — Athena Editora — Rio.

Boa idéa a de trazer ao nosso idioma a admiravel série de poemas em prosa de Charles Baudelaire. Ahi estão, sem o tormento da metrica e da rima, algumas das coisas mais typicas daquelle em que muitos enxergam o Dante do seculo XIX. De um modo geral, o traductor da collectanea venceu as difficuldades de transportar a uma lingua bem menos logica e synthetica que a franceza o escriptor que em todas as suas composições, versificadas ou não, conserva a densidade, a riqueza, a força concentrada do diamante. Não menos meritoria a tarefa de divulgar entre nós *As vidas dos doze Cesares*, de Suetonio. Este foi um historiador que soube arrancar da anecdotia os mais valiosos documentos psychologicos. Algo existia nelle de um grande jornalista, um pouco mexeriqueiro, do nosso tempo. Nem desdenhava da nota caricatural, ás vezes necessaria para mais absoluta exactidão do retrato. Finalmente, a traducção do volume *Dos delictos e das penas* facilitará aos brasileiros o pleno conhecimento de um jurista, de um bello cultor do direito christão, de que todos falam mas raros percorreram de extremo a extremo. Becaria, o primeiro a arrancar aos tribunaes modernos o caracter inquisitorial em que se compraziam, é bem um dos grandes corações da peninsula que deu S. Francisco de Assis e Manzoni.

Ultimas Novidades

ARIEL

Cyro Martins
SEM RUMO

Gastão Cruls
VERTIGEM
(2.^a edição)

A. da Silva Mello
PROBLEMAS
DO ENSINO MEDICO
E DE EDUCAÇÃO

José Simplicio
RETRATO
POPULAR DE
UM HOMEM

René-Albert Guzman
CIUME
5.^a edição
12.000 exemplares

Stendhal
DO AMOR
Traducção de
Marques Rebello
e Correia de Sá

Alberto Ramos
PROSAS DE ARIEL

RONALD DE CARVALHO

(Excerpto de uma biographia)

Era Ronald de Carvalho portador de uma grande sedução pessoal que foi uma das condições do seu triumpho. Artista até a ponta das unhas (creio que essa expressão ouvi d'elle, não me lembro a proposito de quem, mas se lhe ajusta admiravelmente), de uma intelligencia clara e espontanea, conversador magnifico, a que não faltava um pingo de ironia, estava sempre pronto a dar-se. Tinha facil o louvor. Sabia, com uma tolerancia não raro exaggerada, descobrir em tudo o aspecto mais amavel, para nelle apoiar o elogio. Impunha-se ao interlocutor pela facilidade com que apprehendia os assumptos e sobre elles versava com invejavel erudição.

Conservou inalterada a sua juventude a que favoreciam extremamente as condições physicas, e o seu traço era um encanto prolongado, desenvolvendo sempre a palestra com agilidade e irradiação. Na intimidade, como que todas essas qualidades se desenvolviam e, nella, é que se podia estimar perfeitamente o equilibrio do seu grande espirito. Mesmo nas horas de amargura, quando ferido ou soffrendo ingratições, Ronald nunca tinha um gesto ou uma palavra de odio. E no proprio desprezo dava uma fórmula ironica, na qual a piedade se occultava. Defendia-se heroicamente e tinha nitida a consciencia dos seus actos e da sua actuação intellectual. Pela idéa pura iria sempre muito longe, audaz e valente e, nas suas polemicas, foi sempre decisivo e implacavel. Sabia brandir com elegancia as suas armas de nobreza e de todas as feitas saiu-se da melhor fórmula. Certa vez, intentou mesmo um processo por injuria, quando accusado pelo Sr. Osorio Duque Estrada de ter plagiado o professor Antonio Austregesilo. A justiça reconheceu que não tinha plagio, mas não considerou o incidente litterario com as características do crime de injuria...

Na longa intimidade em que vivemos, durante cerca de vinte annos, admirei sobretudo nesse amigo querido, a sua extrema bondade. Sempre que me abria o coração, na mais absoluta fraternidade, podia ver e medir, em todas as circumstancias, como elle era bom e generoso. E, se soffreu muitas vezes, por essas virtudes, ellas lhe deram, em compensação, uma serenidade absoluta deante da vida e elle foi daquelles que realizaram o proverbio de Salomão — a existencia para o justo é um banquete continuado. A par disso, possuia uma alegria constante que era bem a marca da sua harmonia espiritual. Por ella vencida e adquiria a plena posse de si mesmo e o dominio sobre as coisas.

A casa de Ronald era um ambiente de grande espiritualidade. Não havia tertulias litterarias, coisa a que tinha um horror só comparavel ao que lhe despertava quando o consideravam homem de letras.

— Não sou litterato! O litterato é um ser artificial e pedante. Não me interessa falar de litteratura. Litteratura — conclua em blague — é falta de educação...

Realmente, junto d'elle se fallava de tudo e todos os assuntos serviam. Peregrino Junior disse com razão — «Ronald é uma «encyclopedia» encantadora, nova, leve, brilhante, que dá noticia de tudo, que sabe

tudo, mas não enfada. E' um conversador admiravel. Conversar com elle é conhecer uma deliciosa lição de elegancia espiritual. Elle tem o prazer sereno do pensamento e o sentimento claro da belleza». Era assim mesmo, e Peregrino Junior, um dos excellentes companheiros, se encontrava entre os poucos (porque eram poucos, em geral moços) que frequentavam assiduamente a casa do nosso poeta.

No seu gabinete da rua Humaytá, 56, ouvi quasi todos os capitulos da *Pequena Historia*, os seus artigos, poemas e mais tarde, *Toda a America*, numa noite de emoção inesquecivel. Tivemos ali grandes discussões, que obrigavam muitas vezes a fazer descer os volumes das estantes, fixámos serios problemas e aquellas paredes foram muitas vezes testemunhas de nossas duvidas e inquietudes. Falava-se tambem, e muito, em arte. Ronald teve um grande entusiasmo por Navarro da Costa e sua pintura vibrante e colorida lhe parecia uma expressão muito legitima da arte brasileira. Navarro viveu sempre em nossa companhia quando estava no Brasil, e Ronald lhe dedicou tambem amizade muito affectuosa. Expansivo, falador, patriota, um pouco exaggerado, Navarro era queridissimo. Só se tornava sobrio, quando falava das suas molestias, sempre ás voltas com os medicos, com uma saúde precaria, que deveria sacrificar-o muito cedo.

Muitas vezes acompanhámos Navarro, quando ia pintar. Uma manhã estivemos com elle em Nictheroy, quando elle fez um quadro de uns barcos, que presentou a Ronald, depois de ter sido premiado no Salão. Outra tarde, lembro-me ainda, no dia 21 de abril de 1920, andámos pela beirada da lagoa Rodrigo de Freitas e depois fomos á encosta da avenida Niemeyer, vendo Navarro fazer varias *manchas*. Já se queixava tambem de uma molestia de olhos. Recordo-me da tortura que soffria com a nossa luz, luz esquiva, que muda a cada instante e desafia o artista que a quer fixar. Ronald brincava muito com Navarro e vencida com o seu bom humor as crises de melancolia do pintor, com a ronda infatigavel da doença. E' um companheiro que evoco com immensa ternura. Mais tarde, com o advento do modernismo, Navarro teve a coragem de não tentar nenhuma modificação em sua arte. A mim, me disse certa vez:

— A minha pintura não é moderna, bem o sei. Mas assim é que a sinto e seria insincero se agora fosse mudal-a. Sou um homem do post-impresionismo...

Não ousou affirmar, mas como que senti uma certa melancolia nessa affirmação, que, mais uma vez transcrevo, como elogio a um artista, que tinha a dignidade da sua arte acima de tudo. Compreendia a emoção nova, mas não a sentia. Era incapaz de uma traição ao seu temperamento. Por isso mesmo, a sua arte teve o merecimento da sinceridade e quem não vê nitido aquelle espirito exorbitante e forte nos quadros audazes, feitos a espatula, em que tudo é o jogo prodigioso da luz?

Ao entrar no Itamaraty, Ronald teve como companheiro Alceu de Amoroso Lima, a quem já conhecia dos tempos de Faculdade, mas foi nessa época, em

que os dois como praticamente trabalharam na organização da bibliotheca do Barão do Rio Branco, que mais se aproximaram e datou dahi a amizade entre elles. Recordo-me que Ronald me falava com muito entusiasmo de Alceu, da sua cultura e do seu gosto litterario:

— Você precisa aproximar-se delle. Temos de encontrar-nos.

No entretanto, Alceu era retraido e não chegamos a nos reunir. Quando publiquei *Em Relevô*, Ronald fez questão que lhe enviasse um exemplar, e elle me respondeu em carta, extremamente generosa, que guardo com carinho. Depois, Alceu deixou o Itamaraty e, quando fundado *O Jornal*, estreou como critico. Ronald teve um enorme prazer, antecipando o triumpho do joven escriptor, cujo merito fôra dos primeiros a surpreender. Embora entre elles nunca tivesse havido grande convívio, depois daquelle curto periodo de Ministerio, foram sempre bons amigos e Alceu me confessou, ha pouco, ser um daquelles que ainda não se puderam conformar com a idéa do desaparecimento de Ronald, cuja morte dóe como uma injustiça.

Outra figura do Itamaraty, a quem Ronald muito se ligou, foi a do actual embaixador Araujo Jorge, que nesse tempo dirigia a *Revista Americana*, uma das publicações mais completas que temos tido, pois não só era um repertorio de estudos de historia e philosophia, como ainda de litteratura, sem preocupações de nomes consagrados, antes aberta aos principiantes. Ronald publicou ali varios poemas e trabalhos e me in-

cluiu entre os seus collaboradores. O seu entusiasmo pelo embaixador Araujo Jorge só pude justificar mais tarde, quando vim a conhecê-lo de perto, estimar a sua cultura, a sua intelligencia, vivaz e aquelle permanente bom humor, que o torna um companheiro magnifico e fraterno. O seu commercio é dos mais interessantes e, quando tive ensejo de auxiliá-lo, na viagem presidencial ao Prata, repeti-lhe mais de uma vez que, então, comprehendia o affecto e a admiração que Ronald lhe consagrava. Elle possui uma das qualidades espirituaes que Ronald mais prezava — a visão dos problemas em conjunto, quer dizer no tempo e no espaço. Os factos sem repercussão, por importantes que sejam na hora, pouco valem afinal. Só no que se deve projectar e fecundar deve demorar a atenção e, no diplomata, essa condição é fundamental. Por isso me dizia sempre:

— O Jorge é uma das maiores cabeças da nossa diplomacia. Tudo que faz é seguro e preocupado com as resultantes. Conhece como poucos a nossa historia diplomatica e tem uma noção muito alta de nossos destinos.

Creio mesmo que foi a amizade com Araujo Jorge que despertou, ou pelo menos incentivou, em Ronald o seu amor aos assumptos internacionaes.

RENATO ALMEIDA.

Beatrix Reynal — *Tendresses mortes* — Bernard Grasset — Paris.

Embora de origem franceza, Beatrix Reynal formou o seu talento aqui no Rio e assim só nos pôde alegrar o triumpho que vem de obter em Paris, através das palavras consagradas de Colette, Paul Brulat, Marcel Prévost e varios outros. *Tendresses mortes*, lançado por Bernard Grasset, editor de accesso difficil, conferiu logo á autora direitos de cidadania na capital do espirito. Felizmente para o nosso gosto, já escriptores brasileiros como Alvaro Moreyra e Renato Almeida haviam, antes dos francezes, accentuado os meritos de Beatrix Reynal. Ella é uma romantica, mas do bom romantismo, para o qual não desejamos sôro curativo, máo grado as duras apostrophes de Pierre Lasserre á escola malsinada por elle. Sua litteratura não se destina a morhinomanos ou opiomanos: é a litteratura da emoção, da alma, das que encontram facilmente o caminho que leva a sensibilidades mais nobres. Certos versos seus possuem um avelludado delicioso, ao mesmo tempo de vôo e de gorgeio. Beatrix leu os livros dos mestres, mas viu acima de tudo a natureza e os corações; deixou que a paisagem lhe invadissem o gabinete de estudo, que o céu, tropical ou provençal, lhe entrasse pelas janellas abertas, e impregnou tudo isso de sonho, de lenda, de reminiscencias infantis. Simples e espontanea, passa, todavia, a muitas milhas da vulgaridade. Não se enganou o nosso redactor-chefe ao classificar os poematos de Beatrix de «formosas melodias racionadas» e ao dizer que os «sentidos carnaes» dessa poetisa se enriquecem de tantos outros «bem espirituaes».

J. Lenz — *Symphonia sideral* — Livraria do Globo — Porto Alegre.

Camille Flammarion concorreu bastante para a popularidade dos themas astronomicos, que elle, numa gradação intelligentissima, explorava de um modo entre scientifico e novellesco. E o caso é que muita coisa se aprendia realmente ao percorrer os romances em que elle nos levava aos planetas distantes, entre imagens poeticas evitadas pelos seus confrades sisudos que, sempre de olhos no telescopio, não pensam senão nos mais difficeis calculos mathematicos. Continuador brilhante da maneira de Flammarion, J. Lenz faz-se o nosso amavel cicerone numa viagem ao sol, á lua, aos cometas. A luz é para elle uma especie de musica festiva, de cujo encanto nos faz participar generosamente. Livro de cientista e livro de artista.

PRECISAMOS COLABORAR

na defesa contra a
PROPAGANDA ANTI CRISTÃ

ler os bons livros

OBRAS DE ELEVADA ORIENTAÇÃO

UMA VISITA Á

LIVRARIA ANCHIETA

da EMPRESA EDITORA A B C LIMITADA

— livros moraes — instrutivos e católicos —

nacionaes e estrangeiros

serviço especial com as casas católicas

francesas

Praça Quinze de Novembro, 101 — 2.º

(proximo á esquina Assembleia)

Telef. 22-8635

Caixa Postal - 1.829

RIO DE JANEIRO



« Aguas Emendadas » e « Aguas dos Divisôres »

(A proposito da importante comunicação ao III Congr. Intern. de Hist. das Sciencias, em Coimbra 1934, pelo Snr. Coronel F. Jaguaribe de Mattos — «Les Idées sur la Physiographie Sud-Américaine (Évolution des Idées)», com duas cartus geographicas. (Actes) du Congr., Lisboa 1936; Extr. 1937).

A importante comunicação do illustre geographo Snr. Coronel F. Jaguaribe de Mattos, apresentada ao III Congresso Internacional de Historia de Sciencias de Coimbra, 1934, sobre Physiographia Sul-Americana, trabalho que está sendo agora distribuido, suggere novos e pacientes estudos de Phytogeographia Genetica, no Brasil, por motivo da ligação das grandes bacias hydrographicas, valendo cada nascente commum como um centro de dispersão hydrochorea da vegetação.

Oito typos de comunicações, com um total de 21 ligações directas e formação de 30 grandes ilhas, são indicadas, levando o autor a affirmar que, em rigor, não existe na America do Sul bacia hydrographica independente.

Que todas as grandes bacias sul-americanas se comunicam directamente umas com as outras na superficie da terra, sendo que em alguns casos por «sumidouros» tambem, ou vias subterraneas.

Por boa ethica scientifica, o autor pergunta, a pags. 15 de sua these, se intervem em seus raciocinios «uma pura phantasia»; não nos parece, uma vez que resultam de induções geographicas cuidadosas, tendo o apoio, preexistente, da noção de divisôres de aguas, e bem assim a contribuição da sabedoria popular, com as suas «aguas emendadas», dos pantanaes mais ou menos profundos e cujas aguas divergem em varias direcções.

A divisão da flora brasileira, em Flora Amazonica ou Hylaea e Flora Extra-Amazonica ou Geral, explicada em minha *Phytogeographia do Brasil*, deixa evidente a base hydrographica dessa primeira divisão floristica.

O facto de ser geral a flora não influenciada pelas aguas do Amazonas, decorre, muito provavelmente, dessa interdependencia das bacias fluviaes em cerca de 60% do territorio brasileiro, não se podendo ainda dizer, porem, até que ponto o vector hydrochorio fluvial concorre para a grande dispersão de muitas especies.

Aliás, temos tambem varias especies cosmopolitas, alem de varias outras pantropicaes e especialmente neotropicas, desde o Mexico até os paizes platinos, o que difficulta o estudo do assumpto, tanto mais quanto nem sempre o vector hydrochoreo é dominante.

Em muitos casos predominam os vectores edaphicos e climaticos, justificando diversificações floristicas no curso dos rios, razão das differenças entre o Alto e o Baixo Amazonas, bem como de campos, campinas, campinaranas e charavascaes inclusos na flora hylaeana; assim tambem, as differenças floristicas ao longo do S. Francisco.

Não ha negar no emtanto a influencia dos cursos d'agua na dispersão das plantas, como vectores de frutos, sementes e propágulos de qualquer ordem, passíveis de transporte pelas correntes.

Nos casos de aguas divididas pelas cumiadas das serras (divisôres de aguas), a dispersão é logicamente no sentido dos cursos fluviaes, mas, em parte pelo menos, pode ser até em sentido opposto, quando o vector é zoochoreo (peixes, etc.), ou mesmo anthropochoreo (o homem), anemochoreo (ventos).

Por si mesmas, as aguas dos rios, em especial as correntes fortes, agem simultaneamente como vectores no sentido longitudinal e como barreiras naturaes no sentido transversal, razão esta talvez das differenças floristicas entre as margens direita e esquerda do Amazonas, por exemplo.

Differenças entre as margens, de um dado rio em um mesmo local, tambem se verificam; basta lembrar que a Zona das Catingas cessa bruscamente á margem sul do riacho dos Guaribas e do rio Gurgueia, começando na outra margem a Zonas dos Cocaes, como fiz ver em minha *Phytogeographia do Brasil*, p. 96.

O actual estuario do rio Parahyba, no Estado do Rio de Janeiro, tinha outr'ora uma margem esquerda densamente florestal, segundo rezam as chronicas, emquanto que ao lado direito os chamados «Campos dos Goytacazes».

Trata-se então de predominancia de factores edaphicos ou telluricos na dispersão das plantas e formas de vegetação; só depois de terminada a extensa obra que venho elaborando, sobre a Flora do Rio de Janeiro e do Estado do Rio, é que poderemos verificar até que ponto as plantas das nascentes do Parahyba se propagam ao longo do curso.

Estou em via de começar a publicação dessa obra, por familias, na dependencia, porem, da grande revisão que está sendo feita pelos especialistas, de toda a Systematica, atravez da grande obra de Engles — «Das Pflanzenreich», ainda em publicação por fasciculos, estando como está a Phytogeographia na dependencia da verificação cuidada da synonymia scientifica das plantas.

A proposito da flora do rio Cuminá, na Amazonia, em relação com a do Trombetas e seus outros affluentes, já tenho um extenso fichario de notas, pelas quaes se verificam similitudes e differenças floristicas, entre o Trombetas e seus affluentes; de um modo geral, porem, uma flora commum.

São estudos que, por assim dizer, não tem fim, mas permitem deducções interessantes, desde que at-

Novidade ARIEL

de R. A. GUZMAN

CIUME

5.^a edição — 12.000 exemplares

Traducção de GASTÃO CRULS

A Realidade das Personagens de «Suburbio»

No prefacio de *Capitães de Areia*, Jorge Amado, encerrando a serie dos livros sobre a velha Baía, accentuou os rumos pamphletarios de seus romances. Em Amando Fontes, já o homem rebelde é uma sombra fugidia: o que faz o encanto dos *Corumbas* são os relevos lyricos e, sobretudo, essa onda de piedade que nos ajuda a compreeender a vida nas suas nuances dolorosas e que, na palavra do velho Anatole, nol-a torna sagrada. Lucio Cardoso realisa o typo do romancista interiorizado, aproveitando as personagens para definir os temporaes da propria angustia. José Lins do Rego nem se apresenta rebelde nem lyrico: seu estylo descarnado, secco, lembra um cipó de videira: no alto, entre as folhas verdes, surgem os bagos de uva macia: a poesia que vem dos velhos engenhos decadentes, dos rios que inundam as varzeas, dos canaviaes ao vento, das estações ferroviarias, onde ha um cego tocando rabeça, de chapéo á mão. José Lins do Rego não força a ternura dos assumptos: as proprias coisas é que se encarregam de transfiltrar a suggestão poetica e se incorporam ás paisagens lyricas que constituem o acervo sentimental do nosso espirito.

Faltava, á geração que se formou á sombra de José Olympio, o seu ironista, o prosador que, atravez da discreta illuminação do riso manso, nos ensinasse «a zombar dos maus e dos loucos que, sem elle, nós poderíamos ter a fraqueza de odiar.»

Suburbio, de Nelio Reis, revelou esse ironista. Nem indole pamphletaria nem lyrismo excessivo. Nem Jorge Amado nem Amando Fontes.

Nelio Reis, agil, nervoso, vivo, deixa que a penna situe typos e paizagens, tendo sempre o cuidado de imprimir ao perfil das personagens esse traço ligeiro que não deforma e que, ridicularizando, nos ajuda a interpretar-as fielmente.

Conhecem Radagazio Pinto? Sem aquelle discurso, na inauguração da garapeira no bairro pedreirense, elle seria um homem que passa na multidão, sem uma attitude memoravel. O riso de Nelio Reis nos impõe essa figura. Ella passa, num relance, para o plano das coisas reaes. E nós começamos a encontrar, a cada passo, o intellectual provinciano, de cabelleira leonina, oculos, o sorriso estudado, que reúne palavras bonitas, camanudas, com a infantilidade com que todos nós, no periodo das calças curtas, colleccionamos, em album, os artistas de cinema...

Conheço Agapito Collares. Ás vezes, eu e o Nelio falavamos de arte num café de Belém, quando elle entrava, sobraçando livros novos. Muitas vezes, recebeu as agressividades de minha neurasthenia. Nelio Reis o chamava. Attraia-o para nossa mesa e ficava a provocar-lhe a sandice, ouvindo-o carinhosamente, enquanto eu tinha vontade de esmurrar-o ali mesmo. Nelio parecia apalpar, enlevado, nesse instante, uma moeda rara. Quando eu o encontrei, nas paginas de *Suburbio*, citando Epicteto como um pensador contemporaneo, compreendi por que o romancista de hoje o fazia sentar ao seu lado, nos cafés de Belém, e tinha sempre para o seu espirito, digno do reino dos céus, segundo as

escripturas, as maiores parcelas de louvores e os mais espectaculares dos elogios...

Não foi em Belém que me avistei com o capitão Melo. Vim a encontrá-lo, no interior maranhense, não sentado na cadeira de molas, mas estirado na rede, com a bengala á mão, desgraçado e irascivel, sem uma palavra de alegria, sem uma expressão de piedade, agredindo circumstantes com o seu odio morbido de todas as horas, rejubilando-se apenas quando, sob a protecção do alpendre largo, via o vento destruir o casinholo dos pobres ou quando lhe communicavam que havia um crucifixo entre velas acesas á cabeceira de um caixão. Não morreu na fogueira, como a personagem de *Suburbio*. Acabou varado a bala, resmungando blasphemias, no dia em que sorriu da desgraça do colono cuja filha fugira romanticamente, no flanco de um cavallo, conquistada pelo desaffectedo.

Isto demonstra a porção de vida que Nelio Reis soube consubstanciar em *Suburbio*. Todos os personagens são facilmente encontraveis. Gersomino Freire, o velho Duga, Neco Capoeira, o negro Tulú, Gervasinho, são caminhos que se cruzam aos nossos olhos e por onde desfilam, nos seus heroismos e nas suas miserias, os homens que reclamam de nós, segundo a advertencia de Anatole, a Ironia e a Piedade, para que ellas sirvam de testemunhas e juizes, como os egypcios invocavam para os seus mortos a deusa Isis e a deusa Neftis...

JOSUE' MONTELLO

tinjam algum vulto, assim as notas que já tenho em via de publicação, sendo conveniente publical-as com muitas illustrações, para facilitar o desenvolvimento desses estudos.

— Outra é a questão das «aguas emendadas», isto é, que vindas de varios pontos convergem em pantanaes e d'ahi divergem em seguida, como nas lagôas e lagos em geral.

Emfim, numerosas questões a deslindar, no terreno da Phytogeographia Genetica, por motivo das communicações das bacias hydrographicas, postas em fóco pelo Snr. Coronel F. Jaguaribe de Mattos, em sua these.

Cita 8 typos de communicações, typos que em linguagem phytogeographica terão de figurar como «*Systemas Hydrochoreos*» de distribuição das plantas.

Não duvido que esses «systemas» venham a determinar, como prevê o illustre autor da these em apreço, modificações futuras na Phytogeographia do Brasil, pelo menos quanto á individualisação de sectores ou districtos nas zonas floresticas da Flora Geral, como aliás já se diz Flora do Rio Negro, Flora do rio Madeira, etc., quanto á Amazonica.

— Em sua these, ha ainda um minucioso historico dos trabalhos geographicos no Brasil e uma justa homenagem ao nosso grande sertanista, o eminente General Rondon; a individualisação do «*Meridiano Rondon*», em que se dá a communicação de bacias fluviaes, desde a embocadura do Esequibo até o Rio da Prata.

Sob varios pontos de vista, o trabalho em apreço é altamente importante.

A. J. DE SAMPAIO.

Saudação a Georges Dumas

Mestre:

Ha 30 annos Euclydes da Cunha escrevia a Alberto Rangel seu grande amigo, então em Paris:

«Appareceu-me ha dias em casa um quarentão de rosto pensativo e olhos profundos. Era o prof. Georges Dumas. Não calculas em que torturas andou o meu francez barbarizado. Passei com o grande sabio a hora mais illustre de minha vida, com o expressivo incidente de ter o artigo delle na *Revue du Mois*, sobre Joanna d'Arc, corrigido pelo seu proprio punho».

De então para cá o «grande sabio» só cresceu em grandeza, numa obra universal pelos varios ramos da Psychologia.

Não é aqui a hora nem é o lugar de examinar o que foi essa obra. Fóra, já o foi lembrado por algumas vozes autorizadas.

O que cabe a nós, os da Associação Brasileira de Educação, fundada ha quasi 15 annos por Heitor Lyra da Sylva que, vosso admirador, foi sempre dos vossos attentos ouvintes, é recordar para agradecer os que vos deve a educação de nossa gente.

Desde 1908 que vindes frequentemente á nossa terra e sempre, de cada vez, destes o encanto de vossa palavra singela e profunda sobre varios assumptos.

Recordo-vos uma das primeiras palestras que aqui fizestes, sobre Mistral, accentuando a semelhança que encontraveis do portuguez com os versos de *Mireille*. De outra, na antiga Escola Normal, no Largo do Estacio, mal havieis iniciado uma conferencia com a simplicidade de quem estava em casa e á vista dos ruidos de uma officina proxima, propuzestes a mudança de sala e todos se transportaram para longe do inimigo da psychologia...

Ficou memoravel, entre todos, o curso sobre a «Expressão das emoções», que fizestes na Escola Polytechnica (apezar das descargas dos automoveis proximos), assistida por um auditorio sempre numeroso e sempre attento.

Mas tudo isso foi a contribuição admiravel do conferencista moderno, pela forma e pelas ideas.

Desde que nos conhecestes, sentistes que nos faltava uma organiza-

ção cultural que fosse energia propulsora do nosso progresso mental e pratico.

E desde então vindes trabalhando, com idealismo e desinteresse, por esse alto objectivo.

Os dois cursos feitos em Paris por Oliveira Lima e Arrojado Lisboa, levaram á fundação do Instituto Franco-Brasileiro de Alta Cultura, obra e gloria da vossa vida. Graças a elle têm vindo ao Rio e a S. Paulo muitos dos mais altos valores das sciencias e das lettras francezas, como Mme. Curie, Paul e Pierre Janet, Lopicque, Abraham, Gley, Piéron, Hadamand, entre tantos outros e dos nossos foram alguns como Amoroso Costa, Miguel Ozorio, Paulo Carneiro e mesmo outros entre os nossos apenas levaram cerveja para Munich ou carvão para Newcastle e ás vezes que carvão e que cerveja...

Não foi vossa culpa que lá não estivessem até agora alguns como Rondon, Roquette-Pinto, Afranio Peixoto, João Pedro Cardoso. Muitos poderão dar testemunho do vosso empenho neste sentido. Mas isso, que é muito, é muito pouco se confrontarmos com o que nos devem as duas Faculdades de Lettras que possuímos.

Para a da Universidade de S. Paulo, mal chegava Theodoro Ramos á Europa e já partieis para Roma a combinar com o nosso eminente e saudoso patricio a collaboração da França e graças a vós S. Paulo teve desde logo em seus cursos alguns mestres de primeira ordem.

Para o Districto Federal o vosso carinho não foi menor e ao appello de Anisio Teixeira que vos levou Afranio Peixoto attendestes logo, obtendo da França a maior somma de vantagens com que a mais veneravel Universidade da Europa acudia á mais jovem dentre as da America.

Permitti, meu eminente Mestre, que vos recorde um episodio que diz expressivamente o bem que nos quereis. Quando a injustiça e a ingratição afastaram Anisio Teixeira do alto posto em que se achava, ao receber a communicação de Afranio Peixoto, não tivestes uma palavra de censura ou de magua siquer. Ao mostrardes o telegramma a alguém que estava em vossa casa dissestes

apenas com carinho e benevolencia: é a 13.^a tentativa que falhou, tentarei a 14.^a.

Felizmente que não falhou para o bem de nossa cultura e nossos deveres para comvosco e que apezar das vicissitudes varias a vossa filha mais nova vai crescendo e se robustecendo, dando já ao grande Padrinho as alegrias das primeiras proezas.

Tudo isso que fizestes, por nós pode ser contemplado exteriormente. Occulto, sem que se proclame, é o vosso cuidado vigilante e discreto com que pensaes e cuidaes de nós, em conjunto ou individualmente.

O vosso apartamento, Garanciere 6, perto do S. Sulpice, é um lar carinhoso em que qualquer brasileiro que bate á porta é recebido.

Toda vez que penso na obra de cultura que realizastes nas terras da America vem-se a lembrança uma pagina de Olavo Bilac.

Conta o grande artista que na nossa antiga cidade, que conhecestes ainda ao cair do crepusculo os prophetas, como se chamavam, accendiam os focos de luz que illuminavam a cidade.

Terminada a tarefa, que dava beleza e garantia a população, todos os esqueciam.

Na obra semelhante, com que embellezastes vossa grande vida, accendendo focos de cultura e de saber pelo continente de Colombo, não haverá talvez o vosso nome, mas na luz que dellas irradia qualquer olhar menos arguto encontrará uma raia característica que é a da vossa acção, desinteressada e cheia de fé e idealismo nos destinos da cultura de vossa França, de nossa França, deste occidente de que provimos que vem dirigindo os destinos humanos para um dia mais claro e radioso de paz e de fraternidade.

Honra vos seja por tudo que vos devemos em nome da Associação Brasileira de Educação, que vos agradece e se ufana de vos ter entre seus benemeritos.

FRANCISCO VENANCIO FILHO.

(Saudação a Georges Dumas proferida em nome da Associação Brasileira de Educação).

A funcção das Bibliothecas Escolares

No seculo presente, caracterizado pelo crescimento social desajustado ao arcabouço juridico que continha os interesses dos homens em sociedade, processou-se um grande movimento em todos os campos do pensamento.

O thermometro desta situação é a luta aparente entre os homens esposando uma doutrina politica, julgando-a salvadora da hora presente, dando a ella o devotamento quasi mystico de sua collaboração.

O movimento scientifico e industrial, a interpenetração do pensamento de molde a termos phenomenos universaes e não restrictos a determinados paizes, invadiu tambem a escola, que como orgão de systematização e de directrizes sociaes, não pode viver a luz do conceito de parar o individuo para uma vida futura, dentro de um padrão pré-estabelecido.

A funcção da escola é dar á criança o habito de pensar, para construir os seus padrões de acção dentro de um criterio que reflecta uma sociedade em constante transformação. Estas idéas não são novas, pois todos nós sentimos serem essas directrizes as unicas capazes de resolverem a asystematização determinada, pela ruptura do arcabouço juridico mundial, determinada, pela guerra de 1914.

Até este tempo sempre tudo se esperou das aristocracias intellectuaes, deixando a grande massa de pensar, pela falta de oportunidade para exercitar-se porque o phenomeno economico estavel eliminava o factor de aperfeiçoamento, como imperativo de vida.

Confucio, o grande pensador, na sua sabedoria já tinha anunciado ao mundo: «Aprender sem pensar é perder tempo; pensar sem aprender é perigoso». Em nenhuma epoca essa advertencia foi mais justa que na actual.

Criar-se a critica no individuo em sociedade é funcção da escola. Para desempenhal-a tem necessidade de apresentar-se como em sociedade qualitativamente igual á sociedade maior, dando a cada criança a oportunidade de penetrar a realidade social. Não se deve restringir o ensino de determinadas technicas, mas esforçar-se pela criação de habitos, principalmente

de observação e investigação, dominando as leis dos phenomenos naturaes e humanos e prevendo os resultados uteis para o individuo e a commuidade.

Não pode mais a escola cuidar somente da cultura litteraria, esperando sua applicação em condições novas, sem a formação de uma experiencia anterior, objectiva, concreta dos phenomenos ambientes.

O mestre se despersonaliza, perdendo a sua magestade de «sabe tudo» para confundir-se como pesquisador entre os seus alumnos, orientando-lhes as actividades e até as leituras em classes; familiarizando-os com os autores, exercitando-os na critica justa pela verificação experimental, criando enfim as attitudes exigidas pelos estudos em laboratorios e gabinetes. Abrir escolas é synonymo de fundar bibliothecas. Casas de estudo, onde todos, alumnos e mestres, se dedicam ao aperfeiçoamento das technicas pelo dominio em horizonte mais largo, engrandecendo o livro como instrumento do trabalho.

A vida moderna foi quem criou esta contingencia, pela scientificação dos meios de produzir, e a necessidade de economizar tempo, pela verificação da experiencia universal anterior. O individuo só pôde pensar, quando aprende criticando os meios de produzir e os resultados da producção.

A escola primaria e a secundaria como especializadas em ensinar as technicas de estudo, através da observação e da informação, não pode existir sem a bibliotheca como justificativa de sua finalidade. O homem aprende a ter confiança em si, pela capacidade de estar sempre em contacto com o pensamento universal.

Os nossos educadores já compreenderam o alcance das bibliothecas escolares. Nós podemos falar pela observação que nos deu um anno de actividade na direcção da Propaganda Escolar da Cia. Editora Nacional e sua irmã do Rio de Janeiro, a Civilização Brasileira S. A.

Em 1936, assistimos, com a collaboração de nossos systemas de vendas a longo prazo, a fundação de cento e quarenta e tres bibliothecas collegiaes. Este anno o mo-

vimento continúa crescendo, com o desenvolvimento das existentes e a criação de novas bibliothecas.

No Estado do Rio, o actual Director do Departamento de Educação, o Snr. Gastão Gouvêa, está fazendo o movimento cultural mais interessante destes ultimos tempos. Vae criar o «Dia da Bibliotheca» com a organização, de uma bibliotheca central de Educação e mais 81 bibliothecas escolares, uma em cada grupo, unindo as crianças em todo solo fluminense, na exaltação do pensamento pelo livro. Este movimento representa, a fundação de uma bibliotheca em cada municipio fluminense.

Não se compreende mais o homem moderno sem trazer consigo a capacidade de se auto-educar. Amanhã os alumnos dessas escolas encontrarão no livro a principal fonte de sua auto-educação, e continuarão a frequentar as bibliothecas, collaborando com o mestre de amanhã na educação de seus futuros filhos.

A escola deixará de ser uma simples casa de ensino, que o homem considera inutil para si mesmo, uma vez terminado o curso de humanidades.

O habito da leitura o integrará no pensamento universal e transformado em alumno permanente, fará penetrar na escola a realidade social.

PEDRO GOUVEIA FILHO.

Alvaro Las Casas — *Hespanha* — S. A. A Noite, Editora — Rio.

Póde ser que neste livro haja um pouco de partidarismo vehemente do autor em relação aos acontecimentos da Hespanha actual. Mas o certo é que não se trata de um pamphletario sem letras, apenas conduzido pelo desejo de invectivar patricios em pugna. O sr. Alvaro de Las Casas é escriptor em que o talento se robustece num forte numerario de cultura. Estudando os antigos poetas da Galicia, mostra-se um familiar de textos que os eruditos em geral tornam repulsivos, mas que, interpretados por um poeta comovido e entusiasta como é o escriptor de que falamos, adquirem uma força de persuasão a que os brasileiros não se poderão eximir, tanto mais quanto são innumerables as affinidades entre os artistas de nosso idioma e os que surgiram naquella formosa região limítrophe de Portugal.

D É B U T

(De um livro de viagens, «congelado»)

O meu primeiro contacto com o estrangeiro deu-se pelo pequeno e quasi ignorado porto paraguayo de Tacuru-Pucú, sobre o rio Paraná, pouco acima da foz do rio Iguassú, onde estão as maravilhosas cataractas de Santa Maria. Este acontecimento teve muita importancia no desenvolvimento posterior das minhas viagens: fez-me perder o medo instinctivo do que fica além da patria. Aliás, apenas officializava o meu conhecimento do Paraguay, pisando um palmo do seu territorio; a extensa zona brasileira limitrophe, seja em Matto Grosso, ou no Paraná, não deixa de ser uma continuação do territorio paraguayo dentro do Brasil. Naquella região, como terei que referir adeante, o idioma corrente é o guarany, não na sua forma pura, mas na maneira em que elle é usado entre paraguayos, isto é, submettido á habil modificação que os jesuitas fizeram, para tornal-o de facil estudo e adaptação entre pessoas de fala espanhola. Os habitos, da mesma forma, são paraguayos.

Convem dizer logo como fui parar naquelle remoto porto. A não ser nas excepçionaes circumstancias em que viajei até lá, ninguem comprehenderia que fosse Tacuru-Pucú, um lugar occulto na escala da navegação fluvial do Paraná, o ponto escolhido para a minha primeira expatriação.

Por essa época eu andava feito revolucionario; partindo de São Paulo em fins de Julho de 1924, na columna do General Isidoro Dias Lopes, attingiamos o sertão do Iguassú em meados de Outubro, depois duma incrível retirada no interior de São Paulo, até ganhar a matta espessa de Matto Grosso e os pinhaes soberbos do Paraná. Não vem ao caso contar o que foram os dias de padecimentos e sobressaltos, o inimigo á frente e á retaguarda e hostilizados pela natureza em todos os lados.

Nas nossas forças acampadas por toda a zona de Catanduvás não havia recursos medicos. Quem tratava dos feridos e doentes eram simples cabos e sargentos enfermeiros do Exercito ou da Policia, e a medicina que applicavam tinha em geral uma grande efficiencia: matava logo.

Está longe de mim o intuito de injuriar aquella gente abnegada dos postos de saúde do sertão, mas faço esta perfidia para justificar o meu afastamento da Revolução, nos dias em que ella mais necessitava de dedicação e sacrificios. Estas qualidades podem ornar a qualquer combatente, menos áquella que esteja, como eu estava, atacado de maleita. O meu commandante avaliando a pouca disposição que eu assim teria para continuar mobilizado, deu-me os recursos necessarios para uma estação de cura em Encarnación, o centro civilizado mais proximo, e onde muitos dos nossos companheiros deviam achar-se em tratamento.

Tacuru-Pucú fica em frente á cidade brasileira da Foz do Iguassú, e como estivessemos fóra da lei, os navios argentinos e paraguayos que navegam o rio Paraná, não tocavam na nossa margem. Para alcançar a embarcação que me levaria a Encarnación tive que atravessar o rio em canôa. A margem opposta, paraguaya, estava cheia de brasileiros. O nosso commando desta-

cára, em cada povoação ribeirinha, um ou dois delegados que se incumbiam de comprar artigos indispensaveis á tropa, e que serviam, ao mesmo tempo, de encaminhadores da correspondencia. O governo, tambem, tinha observadores naquellas localidades, e isto augmentava o numero de nacionaes em toda a região servida pelo rio Paraná.

A depressão physica que me affligia obscureceu em parte a minha memoria, a ponto de hoje, decorridos apenas dez annos, e sendo eu naquella occasião já homem feito, mal me recordar dos incidentes commigo occorridos. Lembro-me que ao chegar a Tacuru-Pucú, devido ao meu estado de saúde, logo sabido pelas autoridades, acharam ellas que eu não podia ficar «em circulação», segundo a expressão que usaram. Alguem havia inventado que a molestia era contagiosa, e não queriam a nenhum preço deixar-me em promiscuidade com a população local. Diversas pessoas intercederam por mim, allegando que o navio chegaria dentro de dois ou três dias e era necessario que a minha doença fosse ignorada, pois do contrario não me venderiam passagem. Pelo facto de falar em «autoridade», «população» e outras expressões ligadas á vida de uma cidade, não se pense que aquillo fosse um centro humano de rythmo organizado. Tacuru-Pucú reduz-se a duas ruas mal edificadas, sem a menor idéa de alinhamento, e os moradores não passam duma centena de trabalhadores dos herveas da região. O que havia de extraordinario naquelles dias era ter o governo paraguayo destacado ali um major do Exercito á frente do destacamento de soldados mais numerosos que até então surgira pela zona; o destacamento nacional fóra mandado para a eventualidade duma internação de brasileiros.

O seu commandante, o major, tornou-se intimo de certo official das nossas forças, naquelle momento em Tacuru-Pucú, e logo que aos dois chegou o boato de que o commissario de policia estava oppondo obstaculos ao meu desembarque, ambos vieram em meu auxilio. Eu estava aniquilado pela maleita; ficar «em circulação» ou fóra de circulação, eram hypotheses que pouco me atormentavam. A morte não teria sido mal recebida naquelles momentos de crise, e desde ahí comecei a ter pouca pena de quem morre por via da maleita. Para uma pessoa de imaginação, o estado de delirio provocado pela febre chega a ser um premio. Vive-se num mundo extraordinariamente desenvolvido, num rigoroso alheamento á realidade. Estou hoje convencido de que muitos dos prodigios da imaginação tiveram a maleita como ponto de partida.

O official brasileiro, meu amigo, imaginou que o melhor meio de me proteger era indispor o major com o commissario de policia, convencendo-o de que elle era o unico com autoridade para dar ordens em Tacuru-Pucú. Lembro-me de que o major acabou por passar uma tremenda descompostura no commissario, e para provar a sua sympathia por mim, mandou que eu fosse hospedado no seu proprio Quartel. Agradeçi-lhe muito, e tornei a manifestar o meu proposito de embarcar para Encarnación tão depressa chegasse o navio.

Do meu leito, no quartel, eu divisava uma sala onde o commandante despachava os seus papeis. A todo momento ali appareciam interessados ou queixosos, e a despeito do deploravel estado de saúde, sempre me restava curiosidade para observar o que se passava na sala. Mais ou menos á entrada da noite, nesse mesmo dia, estando o commandante paraguayo jogando cartas com o official brasileiro, percebi, mais por ouvir que por vêr, que certa pessoa, tambem brasileira, chegára até junto do nosso official, pedindo-lhe insistentemente que lhe trocasse um conto de réis. Allegava ter que tazer diversos pagamentos, e só dispunha duma cedula daquelle valor. Immediatamente attendido, recebeu a quantia de um conto de réis em diversas notas, ficando de trazer logo a sua cedula.

O jogo de cartas continuou calmo entre os dois, e o tempo corria sem que apparecesse o que viera pedir troco. A's vezes o militar olhava desconfiado para fóra da sala, tentando inutilmente divisar o seu patricio e devedor. Passadas duas horas, o major, que tambem extranhava a demora, mandou um soldado indagar do paradeiro daquelle pessoa. O soldado voltou minutos mais tarde dizendo que a encontrara numa roda de jogadores e, — parecia-lhe — perdendo muito. Esta noticia alarmou os dois, que se dirigiram apressados para o local do jogo, onde — segundo deduzi mais tarde — não puderam salvar mais que duzentos mil réis, pois o resto já o parceiro havia perdido. O teimoso jogador não dispunha de quantia alguma, e a allegação de possuir um bilhete de conto de réis era simples expediente para obter capital para novas paradas. A situação financeira do official não era das mais favoraveis, e elle não se conformava em perder o seu dinheiro, pelo menos sem applicar um severo castigo ao deshonesto jogador. Mas a presença do major e o facto de estarmos no estrangeiro, tiravam-lhe a liberdade de agir, pois áquelle cabia a punição do culpado.

Como disse antes, eu estava de cama, e só pela narrativa dos que testemunharam a scena é que vim a saber destes pormenores. O que vi, e nisso não tenho a menor duvida, foi o azarento jogador vir preso até o nosso quartel. Vinha acabrunhado e arrependido e não se animava a encarar frente a frente o official. Como faltassem ao quartel as intallações proprias dum xadrez, o preso teve ordem de permanecer no quarto onde eu me achava. Esta pessoa, era meu velho amigo e companheiro de batalhão. Fôra sempre um bravo, e conquistara ultimamente o posto de capitão. Espirito simples e credulo, bastante controlado, fosse para o combate fosse para a vida normal, a chantage que praticara deve-se ao desespero creado, primeiro pela longa permanencia no perigo, e depois pela inevitavel tentação do jogo. A sua situação chegou a me commover, não só porque o conhecia intimamente, como pelo meu generoso estado de espirito oriundo do proximo fim de vida em que eu julgava me encontrar. Nada preciso dizer sobre a máleita. E' uma molestia que mata impiedosamente. Não me illudia quanto ao estado de saúde e sabia bem que as raras capsulas de quinineo fornecidas no quartel, não seriam sufficientes para me collocar fóra de perigo. A todo momento, dependendo apenas da minha vontade, conseguia revêr com nitidez a minha existencia, e nem os mais remotos episodios da infancia deixavam de surgir claros e detalhados no scenario da evocação. E isto já era sympto-

ma de morte. Eu queria perdoar tudo e a todos. Olhava com benevolencia para o jogador e não atinava porque elle estava sendo castigado, dada a natureza, — para mim leve, — de sua falta.

A maneira por que este rapaz chegou a capitão foi das mais curiosas. Quando rebentou o movimento em São Paulo era cabo da Policia, e pela disciplina e disposição para a lucta, ganhou logo as divisas de sargento. Mais tarde, na retirada, por acto de bravura, foi elevado a segundo tenente. Neste posto portou-se valentemente e para fazer jús ao galão que o collocava no convivio dos seus antigos superiores, mostrava-se um autentico voluntario das missões perigosas. Só o que não pôdia disfarçar era o seu tremendo appetite. Isto era grande defeito naquelles dias de ração medida, e para conciliar o instincto de nutrição com as estreitezas da comida, acabou por candidatar-se a chefe da cosinha. Aqui, com o pretexto de provar a boia, conseguia sempre comer pelo dobro. Dotado de incrivel actividade, em todas as paradas do navio immediatamente mobilisava uma turma de pescadores, de cuja habilidade, e graças á extrema riqueza do rio Paraná, devemos os mais saborosos pratos daquelle época. Para cumulo, elle em pessoa, correndo risco de encontrar inimigos, embrenhava-se na matta para caçar animaes ou colher palmitos. Era, enfim, insubstituivel na direcção da cosinha de campanha.

Os nossos intuitos de lucta estavam abalados pelas más noticias que recebiamos, e a marcha rumo á fronteira dava a entender que nos fossemos internar em territorio paraguayo. Não admira, assim, que houvesse o maior desinteresse pelas promoções, tanto que ser tenente ou capitão, em nada influiu. Foi por isso que certa vez o nosso commandante, major Nelson de Mello, dirigindo-se ao chefe da cosinha, disse-lhe:

— Se você arranjar um bom cafésinho, considere-se promovido a primeiro tenente.»

Meia hora depois a officialidade deliciava-se com o caté, especialmente preparado pelo encarregado da boia, que se apresentava ostentando as insignias de primeiro tenente. Mais tarde, estando elle no commando duma companhia de guerra, em Guayra, e sendo este cargo attribuido a um capitão, o general João Francisco effectivou-o nesta patente, aliás com toda justiça, dadas as suas qualidades de guerreiro.

Quando me lembrava destas cousas e, o via agora todo amedrontado, prisioneiro num quartel paraguayo, sentia por elle uma indisfarçavel piedade. Houve momento em que ia me promptificar a entregar ao official prejudicado o conto de réis que lhe fôra, — porque não dizer — roubado. A máleita, que me preparava para grandes generosidades no terreno sentimental, não conseguia, entretanto, eclipsar a minha idéa sobre o valor do dinheiro, e até hoje lamento ter sido, occasionalmente, o culpado da scena que se seguiu á prisão daquelle meu companheiro.

O official brasileiro, valendo-se da momentanea ausencia do major, veio ao nosso aposento pedir contas ao faltoso. A discussão foi adquirindo um tom violento e eu prudentemente deixei de intervir. Para encurtar a historia basta dizer que o official, de chicote em punho, ameaçava castigal-o. O jogador, acovardado pelo arrependimento, e em ultimo recurso, achou de se esconder detraz da minha cama, collocando-me de permcio entre elle e o chicote do aggressor. Graças a Deus

alguns soldados perceberam a altercação e isolaram logo os contendores, dando-me com isto um enorme allivio, pois não estava longe o momento em que eu devia apanhar por conta do outro. Este incidente teve a virtude de provocar uma forte reacção no meu estado de abatimento, e na manhã seguinte já podia sahir á rua, sem grande cansaço.

Qualquer nucleo de paraguayos é sempre um espectáculo curioso e instructivo. O povo em geral gosta da musica, e os seus guitarristas encantam a vida com melodias de tocante suavidade. Já alguém disse que o Paraguay é o paiz mais americano da America, e isto é logo constatado por quem viaja o seu territorio. O paraguay não só dispõe dum idioma proprio — o guarany — como adquiriu expressões nacionaes na musica e na dansa. A hospitalidade é uma das suas grandes virtudes e aquella primeira impressão, ao percorrer sem horarios, as ruas simples de Tacuru-Pucú, ficou-me para sempre na memoria como um dos pontos altos da minha saudade.

Finalmente chegava o navio. Era o *Bell*, justamente o menos confortavel de todos, e que já vinha superlotado. A maioria dos passageiros procedia dos estabelecimentos da Empresa Mate Laranjeira, aos quaes a nossa occupação havia causado a paralyisia total dos trabalhos, e cujos funcionarios se retiravam receiosos de hostilidades. Havia tambem um grande numero de desertores, que na necessidade de encontrar justificativas, buscavam os menores pretextos para injuriar os seus antigos chefes. Quando o navio parava num porto qualquer, para receber novos passageiros, elles os aclamavam imaginando tratar-se de outros desertores. A minha subida, portanto, deu-se num ambiente de grande sympathia. Todos os passageiros eram hostis á revolução e esperavam encontrar na minha queixa, novos motivos de ataques e calumnias. Eu era amigo de muitos dos fugitivos e estes queriam ouvir detalhes sobre as ultimas operações. Um dos primeiros a interrogar foi certo morador da região de Catanduvás, que nos primeiros mezes chegara a fazer conosco a melhor camaradagem. Um dos nossos tenentes, porém, raptou-lhe a filha mais velha, e isto, com toda razão, enfureceu-o terrivelmente. A sua dôr era muito maior porque a filha não queria, a nenhum preço, largar o tenente, dando a entender que se sentia feliz ao seu lado. Foi tão grande o abatimento do pobre pae, que elle resolveu abandonar a sua propriedade, dirigindo-se com o resto da familia para o Paraguay.

Elle contava, a bordo, uma historia inteiramente falsa, fazendo constar que o tenente havia agido com violencia, sequestrando a moça sob a indifferença dos nossos chefes. Dentro do navio todos estavam do seu lado, solidarios com a sua desgraça. Com a minha presença, porém, a coisa podia se modificar, e tive neste individuo um encarniçado inimigo. O seu interesse era de me fazer calar, no caso do rapto da filha, e para isto sondou a minha opinião. Manifestei immediatamente o meu intuito de divulgar a verdadeira versão do facto, mas logo desisti do proposito, pois o meu anniversario sacando dum volumoso revolver obrigou-me a calar. Allegou que o nome da filha, e o da familia toda, só estariam escapes da honra se tivesse havido violencia. Pedia-me que confirmasse as suas declarações, pois do contrario me mataria.

No fundo aquelle sertanejo estava certo. Elle sabia que mais dia menos dia a revolução abandonaria a região, e o provavel era que a sua filha ali permanecesse exposta á maledicencia e ao commentario publico. Preferia, assim, apresental-a como victima.

Deante da arma resolvi sustentar a sua affirmativa.

Uma pequena covardia por conta da maleita.

NELSON TABAJARA DE OLIVEIRA.

Oswaldo de Andrade — *Theatro* — Livr. José Olympio — Rio.

Com todas as suas singularidades e provocações, com todas as suas attitudes desconcertantes, o sr. Oswald de Andrade é uma das forças do Brasil que pensa e escreve. Liberrimo, não querendo ter mestres nem discipulos, parecendo rebelde á cultura e não desejando exprimir senão o mundo tumultuoso que lhe referve lá por dentro do espirito, elle foi, na realidade, o modelador de muitas obras litterarias que se seguiram á sua e, lendo tudo quanto nos mandam os melhores prélos da Europa, tornou-se um dos mais expressivos interpretes do tormento de construcção original que tanto ennobrece os brasileiros de hoje. Ronald de Carvalho enxergava-lhe na intelligencia « uma chama purificadora ». Antonio de Alcantara Machado apontava-o como exemplo á « meninada » irrequieta das lettras. O sr. Ribeiro Couto sentiu bem cedo o forte humanista que ha nesse homem aparentemente brincalhão. Não tomando a serio nenhum dos modernistas, o velho Carlos de Laet encontrava no sr. Oswald de Andrade « o verdadeiro filete da corrente nova ». E, no entender do sr. Monteiro Lobato, muita gente derivou do manifesto do « Páo Brasil », uma especie de prefacio do « Cromwell » para a Paulicéa e o resto do paiz. Conceitos estes a que as duas peças do sr. Oswald, *A Morta* e *O Rei da Vela*, trazem uma reaffirmação de extrema vitalidade, mostrando a existencia de um pensador e até de um mystico no theatrologo em que muitos vêem apenas um contrafactor do *Ubu Roi*, um atrapalhador systematico.

Roberto Seidl — *Arthur Azevedo* — Editora A B C — Rio.

Um excellento ensaio bio-bibliographico. O sr. Roberto Seidl, dado o seu gosto pelas pesquisas de historia litteraria, a sua dedicação á memoria dos grandes mortos e, especialmente a sua aversão ao dogmatismo das affirmações contundentes, estava mais que nenhum outro indicado para reviver o escriptor que foi o encanto de tantas gerações de leitores, que foi elle só o teatro nacional durante longo periodo de tempo e, quando passava da satira ao lyrismo, filigranava sem esforço alguns dos nossos mais bellos sonetos de amor. Não falta aqui nenhuma das notas essenciaes sobre Arthur Azevedo, e é como se o revissemos deante de nós naquelle sorriso cordial com que sempre festejava os amigos e acolhia sem sombra de sarcasmo os timidos estreatantes em prosa ou verso, candidatos a uma referencia na adoravel *Palestra* saboreada todas as manhãs pelos freguezes do Paiz. Evocador felicissimo das luminosas sombras de João Caetano e Nisia Floresta, o sr. Roberto Seidl realizou mais um trabalho de polpa ao rememorar, em livro que as bibliothecas reterão, o maranhense seductor que se tornou o mais espirituoso dos cariocas.

Edição Ariel:

SEM RUMO

Novella gaúcha de CYRO MARTINS

EM TODAS AS LIVRARIAS

APOSTASIA

Ao abriremos o envolucro da brochura que o correio nos trouxera causou-nos especie o titulo extranho ou imprevisito da mesma — *Apostasia*.

Alguna these religiosa, talvez, ou algum pamphleto de natureza politica . . . reflectimos depois, sem maior curiosidade. E puzemos de lado o livro recémchegado para attender á correspondencia mais urgente.

Voltámos finalmente a folhear o volume que ficara ali numa passividade muda á nossa espera. Nem prosa biblica é diffusa de pastor protestante, nem ob-jurgatoria tremenda e dissonante de partidario extremado contra os seus adversarios na politica municipal, como suppuzeramos á primeira impressão do titulo. Tratava-se simplesmente de um livro de versos. Era mais um poeta que se revelava num recanto de provincia. O seu canto vinha de Campinas, a cidade eleita das andorinhas, no Estado de São Paulo.

Mas porque o titulo de *Apostasia* ao seu livro de versos daria o poeta estreante?

Novas conjecturas: naturalmente o vate rompera com o juramento que fizera aos seus deuses de jamais perpetrar máus versos . . .

Sem maior esforço, porém, encontrámos logo nas primeiras paginas a razão de ser do titulo extranho:

A crença de Ser Feliz! . . .
— *Eis o credo que eu não quiz.*

E' assim que Sólon Borges dos Reis, o poeta em questão, justifica o titulo do seu livro. Poderá não ser de uma originalidade impressionante essa justificativa, mas predispõe o leitor a entrar em relações com o poeta ignorado.

O autor de *Apostasia* antecede os seus versos, ou a sua poesia, destes conceitos do escriptor luso Agostinho de Campos: « . . . a verdadeira poesia pôde exprimir-se em versos perfeitos de ritmo e de rima; mas, nem o rythmo (o rythmo exterior ou rhetorico), nem a rima, são indispensaveis á verdadeira poesia . . . Na Biblia ha bellos poemas, poemas eternos, que não teem metro, nem rima . . . »

Dentro desse canon, a que obedece a poesia neo-romantica dos nossos dias, é que se enquadra a incipiente obra poetica do vate campineiro. A despreocupação da fórmula é a regra, a imagem, a synthese poe-

tica é tudo, no movimento moderno de renovação dos processos litterarios.

Sólon Borges dos Reis pôde se considerar no numero reduzido dos modernistas que se fazem realmente recommendaveis pelo seu potencial de talento creador e emoção poetica. E dois exemplos apenas bastam para fortalecer essa impressão. Vejamos:

DRAMA ETERNO

*Um olhar embriagador,
um sorriso que seduz,
e o coração abriga uma esperança.*

*Um vendaval de illusões
idilios, promessas e beijos,
numa ancia sem freios, de desejos,
num delirio de paixões . . .*

*Depois . . .
a ingratidão, o esquecimento,
desilusão e lamento . . .*

O pranto, a tristeza e a dôr . . .

— *Eis o amor.*

O POETA E O MUNDO

*Um dia,
extranhando,
o poeta viu o mundo cor de rosa
a surpreender-lhe os olhos fatigados
de mirar o velho mundo aborrecido.
E, contente, encantado, alegre e radiante,
quiz abraçar ao menos um instante
o esplendor daquele mundo renovado
e exuberante,
com a profunda força da imaginação
com que o berço o dotara.
O poeta sonhara . . .*

*O poeta teve um sonho cor de cinza.
Viu
as ruas do mundo entristecidas de langor,
e a esperança da vida substituida
pelo torpor do «spleen».*

*Viu
o véo da melancolia recobrindo
o rosto de todos os homens.
A alma do mundo estava fria.
Não viu ninguém sorrindo.
Entristecia o poeta
aquele sonho acabrunhado. . .
Não, não dormira. Elle estava acordado . . .*

Julgamos perfeitamente dispensaveis quaesquer commentarios a esses dois poemas surpreendentes. A verdadeira poesia impõe-se com a evidencia das coisas naturaes. Não se discute.

MARIO VILALVA.

LIVRARIA FRANCISCO ALVES

PAULO DE AZEVEDO & Cia.

(Livreiros Editores e Importadores)

RIO DE JANEIRO

166 — Rua do Ouvidor — 166

End. Teleg. ALVESIA — Caixa Postal n. 658

F I L I A E S :

Rua Libero Badaró n. 49
São Paulo

Rua da Bahia n. 1502
Bello Horizonte

O POETA SOCIAL DO BRASIL

Castro Alves volta agora novamente a publico, revivido num ensaio de interpretação feito por Edison Carneiro. Africanista de valor, não podia Edison esquecer o cantor por excellencia do soffrimento escravo.

Depois de umas paginas agradaveis sobre a essencia do sentimento poetico, com variações em torno ás diversas expressões da poesia (enumera até «uma poesia de classe»), o jovem escriptor bahiano penetra propriamente no assumpto.

O lyrismo hugoano do autor do *Navio Negreiro* parece ter contaminado o ensaista:

«Polo magnetico das aspirações populares, voz da natureza americana, a Poesia de Castro Alves commoveu as florestas seculares onde o selvagem campeava livre e abalou os proprios fundamentos das cidades onde se formava a consciencia nacional».

These tanto mais difficil quanto, por volta de 1860, a consciencia nacional talvez estivesse mais nos engenhos de assucar ou nas fazendas de café, no trabalho do campo emfim, do que em meia duzia de cidades infectas e sujas, com escassa e mal nutrida população...

A poesia, porém, arrebatada, tal a vibração communicativa das estrophes de Castro.

Com maior interesse de leitura, vem o capitulo *Os amores do poeta*, onde a galeria de apaixonados, em vez de deslizar em camara lenta como seria de desejar, passa rapidamente, meio atropelada: «Foi como *um homem* que elle amou as mais diversas mulheres, desde a actriz Eugenia Camara até á doce apaixonada do Currallinho e a Trinci Murri, o seu ultimo amôr.»

O leitor curioso espera detalhes e não vê. E ha uma atmospheria insinuante em redor dessa actriz Eugenia Camara...

O poeta mesmo confessava:

*No seio da mulher ha tanto aroma...
Nos seus beijos de fogo ha tanta vida...
— Arabe errante, vou dormir á tarde
á sombra fresca da palmeira erguida.*

Mas o ensaista deixa-se penetrar dos fluidos magicos dos versos e prefere abandonar a vida do poeta, mergulhada numa sombra de silencio. Argamassa apenas com linhas de prova as citações frequentes. Não se preocupa com as teias psicologicas, com o tem-

peramento e a technica da producção artistica.

O ensaio aflora temas, a communhão do poeta com a natureza, o sentimento da morte bem vivaz num tuberculoso, e caminha ligeiro para a segunda parte, para a these fundamental — poesia de acção social.

Ahi desdobra-se realmente o quadro que ha de ficar sempre, resistindo ao tempo, Castro Alves com sua lyra entregue á redempção da raça negra.

No poema dos *Escravos*, com aquella força suggestiva de que é capaz um artista perfeito, apparece a nostalgia do continente negro:

*Minha terra é lá bem longe,
das bandas de onde o sol vem;
esta terra é mais bonita,
mas á outra eu quero bem!*

A previsão da revolta esperada um dia faz os versos entumescerem num crescendo de vingança:

*Cae, orvalho de sangue do escravo,
cae, orvalho, na face do algoz.
Cresce, cresce, seára vermelha,
cresce, cresce, vingança feroz.*

Imagens claras de repudio ao escravagismo, fruto em grande parte de um coração grandemente humano rebellado contra as miserias de uma instituição abominavel, levaram no entanto o critico a um equivoco em que se compraz.

Com effeito, para Edison Carneiro surge Castro Alves como o «poeta da burguezia revolucionaria». O critico viae ao ponto de querer suspeitar o conhecimento de Karl Marx pelo autor de *O navio negreiro*.

Sacrifica mesmo a chronologia a essa prece votiva. Karl Marx só veiu a publicar o primeiro volume de *O capital* em 1867 (cf. V. Totomianz, *Historia de las doctrinas económicas y sociales*, Barcelona, 1934, pg. 167). Ora em 1871 morre o poeta e não é crível que tivesse tido tempo de conhecer o marxismo, que levou alguns annos a atravessar o Atlantico.

Mas essa preocupação sectaria, que é o que mais prejudica o ensaio de Edison Carneiro tão interessante sob outros aspectos, transparece e ás vezes se exhibe sem razão.

A certa altura, o leitor desgarrado dos bellos versos do vate bahiano para dar de cara com uma tirada importuna:

«Se, no seu tempo, houvesse essa coisa desmoralizada e desmoralizante que se chama *fascismo*, o Poeta, que lutava contra todas as formas de tyrannia, não a teria tambem abominado?» (pg. 79).

Evidentemente a terceira representa a melhor parte do seu despretençioso mas original ensaio de compreensão.

Sustenta Edison Carneiro que Castro Alves é o maior poeta da America. Passa então em revista, revelando uma bella cultura da musa continental os vultos mais expressivos de cada litteratura.

A galeria, além de imponente, torna-se pittoresca graças aos commentarios. A' excepção de Longfel-

Novidade ARIEL

de EDISON LINS

**HISTORIA E CRITICA DA
POESIA BRASILEIRA**

Em todas as livrarias

O BODE AZUL

Place à Tout! Je suis Pan; Jupiter! à genoux.
Hugo! — *Le Satyre.*

Helios Seelinger, Poeta e Pintor Sabaothico,
Do alto da tua ampla curul,
Attende ao nosso applauso, estridor apothetico,
Pelo teu quadro — O Bode Azul!

Bravo! Este Bode Azul, Capro Fantasmagorico,
Misto de Gés e Caliban,
E' o Satiro hugoanesco, a berrar, cathgorico,
Na allegoria do Gran-Pan!

Nimbando-lhe a galhada, em rebrilhos de phosphoro,
Vemos o sol em pleno azul!
Sente-se o vivo, irial Corno-de-Ouro do Bosphoro,
Sobre a esplendencia de Stambul!

Unico! Apologal! Ergo-te um panegyrico,
Porque externaste a Criação!
A infernalidade do mundo, ardoroso e vampirico,
Azul, em fundo de zarcão!

low e Poe situados em plano superior como Walt Whitman, apparecem os cubanos Julian del Casal e Heredia, o argentino Leopoldo Lugones e a uruguaya Juana de Ibarbouru.

Leopoldo Lugones, segundo o *bon mot* de Blanco Fombona, consegue ser «poeta a gritos». O critico trata menos mal a poetiza Ibaubouru que, para Edison, «talvez seja lida pelas telephonistas de Montevideu...»

Sucedem-se outras apreciações sobre Amado Nervo, do Mexico, Asunción da Silva, da Colombia, Ruben Darío, da Nicaragua e Santos Chocano, aquelle embevecido peruano que dizia satisfeito com a natureza:

— «Mis versos cubren siglos...»

Edison chega á sua conclusão, talvez com um pouco de pressa, «Castro Alves é o maior Poeta da America».

Não queremos trazer opinião pessoal em materia bem delicada para affirmações categoricas.

Um certamen de poetas, sobretudo hispano-americanas, com Lugones a dar gritos e Santos Chocano a cobrir seculos, não chegaria ao fim e muito menos a proclamar o *veredictum*.

O diluvio das palavras suffocaria qualquer gosto seleccionador.

Castro Alves nos apparece bem como o poeta social do Brasil, num Brasil sobretudo escravocrata. A aureola, que cercou essa existencia bem aventurada, como que foi definida num verso radioso de Amado Nervo:

Buscas la luz — y en ti llevas la aurora!

Lembrança excellente, a de Edison Carneiro. Focalizar um grande espirito e um coração maior como Castro Alves distrae sempre nessa hora em que a nossa terra offerece momentos analogos de inquietação social.

RENATO MENDONÇA.

Goya, o Supremo Goya, entre os Vates Vesnicos,
Félicien Rops, Chéret, Rioult,
Dar-te hia parabens pelos traços satanicos
Deste espantoso Bode Azul!

Cabalisticamente, inauguras a magica
Serie, a escarlata, negro e anil,
Das mil assombrações que ha na floresta tragica,
Selva selvagem do Brasil!

Pintas a vermelhão todo o Brasil Fantastico,
Helios Seelinger, Belzebú!
E o teu primeiro incendio é o teu fulvo e sarcastico,
Pathetico — Anhangabaú!

E a mula-sem-cabeça, e o lobishomem tetrico,
O currupira, o boitatá,
O sacipererê, e o cururú, e o electrico
Pai dos Fantasmas, o Anhangá!

Bravo! Realizarás um delirio symbolico,
Cheio de cobras cascaveis,
Com os varios avejões do teu — Brasil Diabolico,
Fulgindo em Trinta e Tres Paineis!

Não te esqueças, porém, de retratar teus emulos,
Teus companheiros de covil,
Os poetas, teus irmãos, impavidos e intrenulos,
Loucos furiosos do Brasil!

Faze que todos nós irradiemos, artifices,
Nas tuas telas magistraes,
Candomblés, cangerês de que somos Pontifices,
Grãos-Duques sobrenaturaes!

E recebe, Anhangoaera, o louvor enthusiastico
Do J. Carlos, do Raul,
Do Calixto, por este hyper-super-fantastico,
Ultra-estupendo Bode Azul!

MARTINS FONTES.

Nelio Reis — *Suburbio* — Livr. José Olympio — Rio.

O titulo pôde fazer crer, ás pessoas desattentas, que se trata da vida suburbana aqui no Rio. Trata-se de um suburbio, sim, mas do suburbio da capital do Pará. O autor, ainda muito jovem, quiz realizar uma especie de litteratura populista em relação ao recanto de que procede. Cedendo ao *poncif* da hora, incidiu demais na crueza de expressões, talvez pelo desejo de uma verdade humana total que sempre é necessariamente litteraria. Mas o certo é que seus typos vivem. O romance está povoado de gente bem sanguinea, bem nervosa, e não apenas de fantoches ou de sombras. O sr. Nelio Reis é daquelles que, segundo a insubstituível expressão de Taine, augmentam de facto o registro civil. A figura do official de policia reformado, mettido a fazer litteratura e a maltratar a familia, ficará, obsedante, ao lado das melhores creações de um Domingos Olympio ou de um José Lins do Rego. E insista-se em que esse brilhantissimo merito vislumbrou nelle o nosso redactor-chefe que vae consagrar-lhe varias paginas no volume *Romancistas*, a ser estampado proximamente pela mesma casa que editou *Suburbio*.

JOÃO CABELLUDO E O PROMOTOR

Acabava de bater meia noite no relógio da casa quando se ouviu certo movimento no barranco.

Os cães ladraram e correram. João Cabelludo, um mameluco de 25 annos, mariscador do barracão onde se passavam estes acontecimentos, acordou-se e, ainda meio tonto, benzeu-se arrepiado e soliloquiou:

— Que será, minha Nossa Senhora das Candeias?

Pulou da rede e foi-se rumo do porto. Ia um tanto desconfiado porque, dizia elle, desde *sutrodia* que notara a insistencia daquelles ruidos na beira d'agua. Assim que o gallo amiudava o canto, seu privilegiado ouvido assignalava o vago sibilar do tajá-que-pia, seguro indice de que ocorrera algum incidente anormal. Havia cousa... monologava totemica e philosophicamente o tapuio... ou jacaré ou raposa. Os bôtos, nesses momentos, fungavam, mergulhavam, boiavam lá ao largo. Cruzavam em todas as direcções como se buscassem algo perdido nas aguas. Depois, tudo cahia num silencio caracteristico da selva amazonica, silencio que é paradoxalmente cheio de vozes exquisitas e confusas: assobios, estridulos, roncões, baques, rasgar de panno, bater de asas, choro de criança.

Pela manhãzinha, assim que a madrugada começára a esgarçar a noite, foi a conversa em torno da chocolateira que fervia para o café no alpendre da cozinha.

A Merandolina, cunhantã de 16 annos, sorrindo e abanando a labareda no meio de tres tijolos articulados no chão, interpellou ligeiramente o mariscador sentado num banquinho baixo forrado com peito de jacaré:

— Que zoada foi essa, *seu* João, esta noite?

RECORDAE
COM ATENÇÃO
A FABULA
A CIGARRA
E A FORMIGA

4 1/2
AO ANO

CAIXA
ECONOMICA

JUROS
CAPITALISADOS
DE 6 EM 6 MESES

— Pergunte p'ra mãe d'agua, meu bem. Ella é que sabe. Cachorro vê tudo, mas não conta... Só sei que os d'aqui ficam botando a alma pela bocca, como se tivessem bispado cousa do outro mundo. O Quebraferro, antão, arregala cada zólho e abana tanto o rabo que parece que vae cair. Só mesmo *mundiado*.

A velha Andreza, cabocla, cincoentona, que se educara num collegio de freiras em Belém, e que estava sentada num bahú de marupá pintado de verde, accrescentou:

— Quebraferro enxerga tudo quanto é phantasma. Por isso, quando vejo elle assustado, sem faro, me assusto tambem. Dono d'elle era finado Desiderio, que Deus haja, pagé que levantava a espinhela cahida do marido de D. Zabelinha.

Nessa altura chegou junto á roda palreira que fazia o café matutino o senhor Anastacio Serapião da Silva, mais conhecido por coronel Igaraúna, proprietario do sitio plantado de cacauzeiros e seringaes, além das terras povoadas de castanheiras lá para o alto rio. Pae de muitos filhos, homem temente a Deus, casado com a senhora Victorina Pataqueira de Igaraúna, representava um varão muito estimado naquellas redondezas. Informou-se do reboliço nocturno. Estivera levanta não levanta. Receiou porém o sereno. Defluxo andava no ar só procurando um buraco p'ra entrar no corpo do proximo. Todo o cuidado era pouco. Cautela e caldo de gallinha não fazem mal a ninguem. Além disso, explicou, teve receio de acordar a esposa, que resonava, coitada, tão espalhada na rede que parecia estar vendo algum anjo.

— Mas, repete o que houve, insistiu o dono da casa, voltando-se para o João Cabelludo.

— Não foi nada, coronel, retrucou o tapuio arreganhando a dentuça de piranha apontada a canivete, e amarela de tabaco. Cachorro ladrrou, correu, abanou rabo, lá d'elle, afflicto que nem cobra que perdeu o veneno. Eu, então, segui esses *panema* safados. Não vi tanto assim... Agua estava lisa, quieta. Fulha não mexia. Estrella nem piscava.

— E como tu disseste que o Quebraferro só faltava botá a alma pela bocca?

— De frouxo que elle é. Quando vê onça mette o rabinho entre as perna e corre se mijando todo.

— Queira Deus não ande por ahi rabo de saia, sussurrou o coronel. Não faz um mez bôto levou p'ro fundo filha do cumpadre Malaquias, indo boiá lá em Santarem com a rapariga já meio barriguda. Bôto aqui é damnado...

O coronel sorriu, recebeu uma chicrinha de café que lhe deu a Merandolina, provou, achou que estava pegando fogo, derramou o liquido no pires, e, soprando, começou a beber.

— Gente, vocês socaram este café sem herba-doce. Não vale nada, sem graça, sem graça. Lavagem de espingarda não pega.

— Me esqueci, retrucou o João Cabelludo, que não era só o mariscador, o pescador, o caçador, mas tambem o ajudante da cozinheira, o remador, e até o campanga do coronel nas eleições. Xerimbabo da casa, fazia de um tudo, na phrase elogiosa da familia Igaraúna.

Nisto, porém, ouviu-se um rumor longinquo de remadas.

— E' canúa de baixo, disse a velha Andreza. Vem aproveitando a enchente.

Appareceu, de facto, no principio do estirão, á jussante, uma igarité equipada a seis remos, fóra o jacumã. O coronel collocou a mão em pala sobre os olhos e disse:

— E' pessoal da cidade. Com certeza o promotor, que vae para o sitio do major Fidelis.

Nordestino, o promotor chamava-se Valentim Samambaia Sucupira, oriundo de Campina Grande, Parahyba, onde fizera figura no jornalismo, sendo ainda membro correspondente de varios institutos litterarios. Tinha-se por muito amigo do major Fidelis, de sorte que mal lhe apparecia uma escapula, deixava Cametá e ia ter com o compadre, padrinho que era do Jesuino, caçula do casal de Cacoalinho, sitio do Fidelis, no furo do Mendaruçú. Não havia escaninho da casa do compadre que o promotor não remexesse, sendo mesmo ouvido com especial deferencia nas complicações domesticas.

D. Chiquinha, Francisca Pulcheria da Pureza Fidelis, trintona do gabo de Balzac, olhos e cabellos negros, bonita, de ramo de jasmim sempre fincado no pente de coque, nascida no alto Araguaya, não dispensava os conselhos do joven parahybano, provocando com isso, aliás innocentemente, o falatorio dos *filhos da Candinha*.

Mas a canôa atracou ao trapiche e o promotor, ainda a bordo, gritou:

— Dá licença, coronel?

— Suba com Deus e com os anjos. Esta barraca é sua.

O promotor galgou a escada lateral da ponte, e, sorrindo, apertou as mãos do coronel e da esposa, d. Victorina, já então fóra da alcova.

O dr. vestia calça de casemira preta e um casaco vistoso de pyjama. Usava oculos, calçava sapatos amarellos, meias escuras, e trazia na cabeça um chapéu de palha Brunetto. Bem falante, começou mettendo o pau no governo pela falta duma estrada de ferro numa zona daquellas.

— Não ha organização, dizia, nem patriotismo, nem liberdade. E povo que não é livre, já proclamava Ruy Barbosa, accrescentou, não vae p'ra diante.

— Mas abanque-se, dr., interveiu d. Victorina puxando uma cadeira. Merandolina, ata uma rêde branca p'ra o dr. Café já vem...

O promotor sentou-se, limpou o rosto alagado de suor, e proseguiu:

— Isto não é vida. Viajo desde a madrugada. Mal a maria-já-é-dia abriu as primeiras notas larguei de Cametá. Vou chegar já com o sol a pino. Estamos num paiz, coronel, em que ninguem faz força. Tudo caro e nem uma questão no Fôro. As melhores demandas deflagram em accordos. O sernamby, como o sr. sabe, pela hora da morte, castanha tambem!

— O dr. almoça connosco, sim? Vou mandá pegá uma franga de Nossa Senhora do O' que está mesmo dizendo: me comam.

— Não, não posso, volveu o hospede. A comadre Chiquinha me espera. Avisei que chegava antes das doze. Já vou atrasado. Na volta, se Deus não mandar

o contrario, terei todo o prazer de sentar na sua mesa honrada.

Tomou uma chicara de café e despediu-se.

— Saudades, falou dona Victorina. Recommende-me á d. Chiquinha. Diga pr'a ella que pelo Natal (eu vou lá tomá assahy. Está mais gorda que eu?

— Regulam... retrucou o promotor. Não fazem exercicio... engordam demais. Bem, adeus.

— Até cury, accrescentou o coronel.

A maré estava vasa não vasa.

— Aproveite rabo de enchente, aconselhou o coronel num abraço que era antes uma palmadinha no hombro do amigo.

A igarité largou num arranco vivo animado nos goles de agua que passarinho não bebe distribuidos á guarnição em terra. Cada remo roncava, tal a força que o tripulante empregava; e foi-se até dobrar a ponta de cima.

A familia do coronel Igaraúna, sentada na mesa após a partida do viajante, abordou um assumpto que ia engrossando todos os dias: as eleições. O chefe da casa estava como mãe de S. Pedro, entre o ceu e a terra. Não sabia o que fizesse. Compadre cinco vezes do deputado Isidoro de Mombança, além de afilhado de chrisma do mesmo, fóra as fogueiras que os dois pularam juntos nas noites de S. João, via-se no momento, com as noticias, entre a cruz e a caldeirinha. E' dente ou queixo... Ia-se entender com os paredros da capital.

— Mas fale franco, disse d. Victorina. Isso de mandá os amigos p'ro fogo e ficá lá bancando o apostolo, não é connosco. Aqui ninguem tem o nariz furado. Anta é elle.

Levantaram-se da mesa, dormiram a sésta e, pela volta das cinco, com o sol já cahindo, sentaram no trapiche.

A agua verde do Tocantins parecia reflectir a chlorophylla da matta. A superficie fluvial dir-se-ia um espelho de esmeraldas que reproduzia tudo. As arvores ribeirinhas, de perfil invertido, tinham apparentemente a copa no fundo do rio e os caules voltados p'ra cima, cravados no barranco. A' menor agitação na grande lamina liquida e glauca o tronco dessas arvores tremia na miragem mergulhada. No ar, de vez em quando, o cariz azul do céu via-se riscado por uma asa. Passavam araras aos pares; papagaios e periquitos aos bandos. De longe em longe, num vôo lento e rythmado, como um capulho vivo de algodão esvoaçante, quebrava o friso verdoengo da beirada uma garça branca.

As estrellas já surgiram piscando, inquietas... Espalhavam-se sombras em substituição ás penumbras; e trevas em substituição ás sombras. A natureza, exhausta do grande lume acceso de dia, transformava o crepusculo ensanguentado num escuro sudario. O relampaguear dos morcegos mal abria lampejos de brasa negra no espaço. A parabola dos asteroides, riscando o ceu, deixava um vinco fugidio de phosphoro na esteira. O recolhimento do sol, afundado na folhagem, tinha alguma cousa de olympico, de sagrado, de liturgico, como se a natureza encerrasse o cyclo da claridade com o rito das estrellas palpitantes.

RAYMUNDO MORAES.

(Trecho do Romance «Os Igaraúnas», no prélo).

SEM RUMO

Ariel, editôra, lançando a novela de Cyro Martins, deve ter tomado bem orientada iniciativa. O Rio não poderia deixar de ser também quanto aos torneios do espirito um centro irradiador, capaz de bem secretar, para melhor distribuil-a, a cultura que se faça da arte em qualquer recanto do paiz.

Porque os escriptores do sul sempre estiveram confinados ao ambito do pago; mercê da mal orientada divulgação de suas obras, ganharam os do norte, que o Rio propaga e incentiva, destacado prestigio.

Quasi que só a figura consular de Alcydes Maya podia ser opposta á pleiade brilhante do septentrião. Acreditamos, porém, que, para isso, houvesse contribuido mais o renome universalista da invejavel cultura do autor de *Ruinas Vivas* e *Alma Barbara* junto á sua qualidade de detentor do espadim academico, do que propriamente o conhecimento de sua magnifica obra gaucha.

Chegou a criar-se o «tabú», vigorante até para uma crítica «raffinée» de dentro das fronteiras do Rio-Grande, de que a litteratura regional deste estado, tem um sentido de esotérico hermetismo para os leitores do resto do paiz.

Nada mais injusto do que esse preconceito.

Ao mesmo espirito capaz de compreender a alma nortista vazada nos livros não pôde ser excluida a percepção de uma pagina campeira.

A bem entendermos o regionalismo, devemos referil-o menos ao homem quasi que mundialmente identico em seu fatalismo organico e psychico, do que ao socalco que elle ocupe.

Não queremos definir. Mas é grammatical a nossa conclusão. Apenas ao dado physico, por assim dizer, da região, igual ao meio, devem-se sommar outras características exteriores.

E é deante disto, parece, que se espantam os «habitués» exclusivos dos francezes ou dos russos, quando não das novelas de Wallace.

Fóra dahi, á parte o geral dos romances e da litteratura de estudos, só vêm do que é nosso o norte com a secca, o engenho e a tragedia do homem maltratado pelo sól.

Concedamos um pouco ao gosto dessa gente e, desprezando o heroi-

co que tanto malsinam, façamos, como Cyro Martins, uma litteratura mais humana, no sentido de aparar as arestas do nosso tradicionalismo guerreiro e esquecer os éstos quixotescos.

E ninguem terá o direito de ser intelligente quando não compreenda uma coisa tão simples como a novela desse autor crioulo.

Cyro Martins dá-nos a substancia e esquece os atavios. Não ha um excesso em seu livro. O proprio colorido meridional, producto, em outros escriptores, do encantamento pela natureza amavel e amiga do homem, é attenuante pela penna desse artista.

O seu estylo vivissimo, capaz de retratar os quadros de forte movimentação da lida campeira, retraese para a meia sombra e para a leveza das tintas em entrecchos de pura poesia. Perpassa em suas paginas

o sentido da paizagem feita emoção. Nada de descriptivo, nada pictural; puro sentimento.

Paizagem em funcção dos personagens e por elles sobrepujada. De sorte que, em tal preponderancia, assenta o segredo do desembaraço e do vigor com que se movem, a par do mais simples dos enredos, as criaturas da novela.

Cyro Martins soube penetrar a psychologia dos seus typos. Alguns ainda presos ao estado quasi animal, como aquelle impressionante negro Quileto, ou como o anão Velasque. Vivem ainda o puro instincto; o negro, zombeteiro e desavergonhado. O anão, na maldade de imbecil, matando os passarinhos á pedra, martyrisando os pobres guris menores do que elle.

Outros, como aquelle capataz da estancia, vulto sombrio, duro e soberbo, dominando a mulher, cheia de delicadas solitudes, pelo medo que lhe inspira.

De uma vida intensa todas as outras figuras: o professor rural, o chefe politico ardiloso e loquaz.

Depois, o Chirú, alma ao léo das circumstancias, totalizando os insuccessos e as desgraças. Como é comovente, atravez de Chirú, a vida, a vida do gurí do campo.

Com que fidelidade Cyro Martins arma-lhe os brinquedos solitarios, empresta-lhe a paixão dos galpões, que lhe infunde entonos de homem.

Que funda a emoção que nos vem daquella fuga do guri maltratado, tão novo e já atirado sem rumo na vida.

Mas, deixando de ser guri, liberto das maldades do anão e do relho do capataz Chirú vai topar a vida. E a vida toma o lugar daquelles nas artimanhas que lhe move. E como que se diverte em golpes — sem piedade, usando de todas as insidias contra a sua alma bronca e tão bem intencionada.

Como é eloquente a traição de Chirú ao Lopes atrabiliario e mau-la, quando corrupto no seu mandonismo de cabo eleitoral.

Grato aos beneficios recebidos, Chirú vae ás escondidas, cautelosamente, render a sua homenagem anonyma ao Dr. Rogerio. O entusiasmo da multidão o empolga; Chirú esquece a sombra do assecla que o vigia, e, num arroubo incontido,

Acaba de apparecer um grande livro

“Um estadista do Imperio
--- Nabuco de Araujo”

sua vida, suas opiniões, sua época

Por seu filho

JOAQUIM NABUCO

Nova edição completa em dois tomos e accrescida de um indice alphabetico por 50\$000

Em todas as Livrarias e na

LIVRARIA CIVILIZAÇÃO

Pedidos á

CIVILIZAÇÃO BRASILEIRA S. A.

Rua 7 de Setembro, 162—Rio de Janeiro

ergue aos hombros a pessoa do candidato que o povo ovacionava.

Mais uma debacle, movida pelo mando do ardiloso Lopes, cae sobre os hombros do Chirú. Roubam-lhe o bote, que era-lhe o unico recurso de trabalho honesto. Lançam-lhe ao rosto a pecha de traidor, e, tanto o perseguem, que elle, que ao entrar na cidade fôra preso por desoccupado, retorna ao campo por não ter trabalho.

Sempre sem rumo tinha de ser a vida de Chirú. O capataz de uma turma de trabalhadores de estrada despêde-o por ordens da direcção partidaria, que não lhe perdoára a traição.

E era o mesmo capataz da estancia em que elle fôra criado, que, até ali, levava-lhe a sanha perseguidora.

Chirú, amargando a desdita, embrenha-se no matto perto, afogueado, sem poder compreender tanta conspiração.

Na corrente clara do rio banha o rosto. Vem-lhe aos ouvidos o silvo da locomotiva, como um grito campeiro, accordando-lhe evocações.

Aqui o creador de Chirú perde-o de vista, abandona-o á fatalidade de um destino sem rumo, de anonyma sombro cançada que o silencio do campo acolherá talvez.

O mais é a riqueza das minucias, a força emocional de um artista lidimo, a fidelidade do chronista que, si bem observou, melhor disse sobre os costumes politicos e sociaes do pago.

E, sobretudo, a obra de Cyro Martins não tem modelo, é original e viva como um broto em terra boa.

Ariel deve engalanar-se por ter patrocinado esse escriptor novo que, apezar de não ser um estreiante, é um renovador da litteratura do pampa.

J. O. NOGUEIRA LEIRIA.

H. J. Magog — *Tres sombras sobre Paris* — Cia. Editora Nacional — S. Paulo.

Esse escriptor francez possui, como que para assustar os seus leitores, o nome de um dos gigantes biblicos inimigos de Israel. Sua especialidade consiste em romances de aventuras onde as peripecias se complicam mais e mais, num terrivel emaranhamento de detalhes. Mas o desfecho é sempre satisfatorio para os amigos da virtude duramente posta á prova pelas machinações dos tratantes. E o homem que relembra os monstros da Biblia acaba transmudando-se num confortavel divertidor das classes burguezas...

Musica

A França perdeu este anno em dos seus musicos de grande reputação: Alberto Roussel. Nasceu em 1869, na cidade de Tourcoing. Depois de fazer alguns estudos de musica (piano), ingressou na escola naval, mas aos 25 annos dedicava-se por completo á arte. Estudou com d'Indy na Schola Cantorum, onde pouco depois se tornava professor de contraponto. Embora fosse grande admirador de Debussy não parece tẽr soffrido influencia fundamental do autor de *Pelleas*. Sua musica appresenta grande variedade, mas é sempre de um grande arrojo, podendo ser classificada como das mais avançadas. Suas obras não são de facil comprehensão, e mesmo nos momentos mais grandiosos deixam no espirito do ouvinte desprevenido uma impressão contundente. Seja como fôr, desde 1912, data do seu bailado *O Festim da Aranha*, seu nome conquistou o publico, e hoje, graças ao disco é ao rádio tornou-se muito conhecido mesmo do nosso publico leigo, pois não são raras as transmissões da sua complicada Symphonia em si bemol. Roussel viajou pelas Indias, e não se pode negar um caracter oriental ás suas *Evocações* (triptico symphonico com côros), compostas em 1911. Além das peças citadas, merecem menção a ópera *Padmavâti*, o conto lyrico *O Nascimento da Lyra*, os poemas symphonicos *Resurreição*, *Poemas da Floresta* e *A uma Festa da Primavera*, o Concerto para piano e orchestra, o Divertimento para piano e instrumentos de sopro, varias peças para piano (*Rustica*, *Sonatina*), etc.

O Maestro Freitas Branco é talvez o nome de maior projecção internacional da musica portugueza contemporanea. Este anno foi elle convidado para dirigir em Paris uma série de representações do *Martyrio de São Sebastião*, tendo Ida Rubinstein como protagonista.

Sergio Lifar creou em Paris o bailado *David Triumphante* do ainda jovem compositor italiano Vittorio Rieti, que talvez comece a vêr agora o seu grande mérito reconhecido fora das fronteiras do seu paiz.

A Biennale de Veneza concedeu medalha de ouro á fita de Marcel L'Herbier

The Children's Corner, musica de Debussy, interpretada por Cortot.

Filmes musicas francezes recentes: *Provença* (Bailleferre), *Noite sobre o Monte Calvo* (Mussorgsky), *Occidente* (G. Aurriot), *Bella no Bosque Adormecida* (Poulenc), *Mademoiselle Docteur* (Honegger).

A proposito de musica no cinema: Darius Milhaud, no Congresso Internacional de Musica, realizado este anno em Florença, negou que o systema de composição wagneriano possa ser applicado ao cinema, por ser o menos rico em imprevisto, elemento dos mais indispensaveis ao cinema, o qual depende, antes de mais nada, do dominio da phantasia.

C. DE S.

SOCIEDADE LUSO-ÁFRICANA DO RIO DE JANEIRO

Sempre gentil para conosco, a Sociedade Luso-Africana do Rio de Janeiro vem de proporcionar-nos novos ensejos de aferir quanto a cultura e o gosto pelas artes graphicas augmentam dia a dia em Portugal. As publicações *Moçambique e Actividade Economica de Angola*, com que nos presenteou, assignalam, através de texto e illustrações que competem em vigor e belleza, o constante desdobramento do imperio colonial dos homens que deram o Brasil ao mundo. Quanto ao *Boletim* da propria Sociedade, ainda mais nos interessa, por ser impresso aqui mesmo no Rio e com a brilhante collaboração de intellectuaes portuguezes domiciliados entre nós.

Erico Verissimo — *Musica ao longe* — Livraria do Globo — Porto Alegre.

Alegra-nos immenso verificar que este bello romance do illustre escriptor gaúcho reaparece agora em segunda edição. Isto quer dizer que a preferencia do publico confirmou, de modo eloquente, a decisão de um jury de intellectuaes aqui do Rio quando conferiu á narração do sr. Erico Verissimo o grande premio «Machado de Assis», da Companhia Editora Nacional. Homens de letras como Gilberto Amado, Monteiro Lobato e outros não poderiam equivocar-se quanto aos meritos da *Musica ao longe*. Mas a venda da primeira edição do livro, em prazo não muito extenso, tambem não deixa de ter a sua significação.

Salomão de Vasconcellos — *O Fico* — Cia. Editora Nacional — S. Paulo.

Volume consagrado ao papel de Minas e dos mineiros no advento da independencia do Brasil. Muito se fez nas montanhas para que o grito famoso de Pedro I resoasse ás margens do Ypiranga. Os documentos arrolados e commentados pelo sr. Salomão de Vasconcellos o evidenciam com a maior clareza e a maior lealdade de argumentação. Este livro tomará logar de relevo na estante dos nossos homens cultos, ao lado do volume *As forças armadas e o destino historico do Brasil*, do coronel A. Lourival de Moura, uma synthese preciosa para os amigos dos estudos militares ou para os que delles pretendam extrair apenas as generalizações de interesse humano.

Edição Ariel:

GERMANA

Romance de
VICTOR AXEL

NOVIDADE

« OS OSSOS DO MUNDO »

Sou acusado de ser irritante e improprio para donzellas incautas. Irritar donzellas incautas e o sr. Souza Amaral não é exactamente a minha finalidade quando escrevo livros. Está claro que nas minhas pesquisas não vou colher só material adequado a agradar donzellas incautas e o sr. Souza Amaral.

A investigação psychologica do material ethnographico põe a nu o inconsciente material as vezes repellente e irritante á mentalidade normal do homem que passa; mas esta investigação é necessaria para o melhor conhecimento do comportamento do homem.

O rythmo do seculo trouxe consigo uma attracção mysteriosa para as cousas da alma. A arte moderna hoje é frequentemente uma experiencia da alma. Esta experiencia da alma que traz á tona da consciencia a arte moderna pertence aos desejos do seculo.

A obra Humana não pode se submeter á harmonia de que fala o sr. Souza Amaral por ser ella eminentemente inconsciente e fugir á adaptação ao mundo consciente. A harmonia é uma estructura Mas nem por isso essa obra Humana deixa de ser arte. Muitos se imaginam hoje que a arte não passa de um complexo autonomo.

O sr. Sousa Amaral mostra grandes preocupações com a minha ascendencia e acha que a minha arte degenerada indica que sou ou judeu ou mulato mas em vista da minha apparencia alourada conclue que devo sahir do Caucaso mas que não sou isento de «longes misturas semiticas ou de qualquer outra infecta nação» por que diz elle as minhas predilecções artisticas «não são arianas». Para livrar o sr. Sousa Amaral dos calores da duvida apresento aqui a minha ascendencia. Segundo informações do meu primo o deputado, engenheiro Nelson Rezende, descendo de um Judeu Internacional com uma Nobre Portugueza (Este par pittoresco procreou na historia o Vice-rei Conde dos Arcos). Para maiores detalhes o sr. Sousa Amaral que procure o proprio deputado Nelson de Rezende.

Sousa Amaral mostra-se irritado com as palavras de Gilberto Freyre a meu respeito e desejando collocar em segurança o seu Eu enfraquecido sente a necessidade de rebaixar o altamente collocado «Gilberto Freyre é um mestre da pornographia com fumaça de sociologo». Brada Sousa Amaral em attitude victoriosa.

Assim fazendo Sousa Amaral rebaixa Gilberto Freyre ao seu proprio nivel. O processo de castigo se opéra sempre de baixo para cima (Ver, a esse respeito, no meu proximo livro, o Mechanismo da Emoção Amorosa).

Felizmente que tanto Gilberto Freyre como a sua obra são demais conhecidos para que a phrase do sr. Sousa Amaral a sua grosseira má fé e abuso jornalístico possam surdir effeito.

O precipitado Sousa Amaral insinua que Gilberto Freyre vendeu os seus elogios a meu respeito a troco de outros elogios da minha parte. Meu archivo contendo tudo quanto escrevi na imprensa até hoje

está á disposição do sr. Sousa Amaral e interessados que poderão constatar quanto é mentirosa essa insinuação pois nunca escrevi nada sobre Gilberto Freyre apesar de muito admirar a sua obra. Em todo o seu artigo. Sousa Amaral não menciona um só dos assumptos tratados por mim no livro. No emtanto apresentei no meu livro, pela primeira vez no mundo, um modo novo e differente de interpretar a historia (Vice cap. Madona e Bambino). e tambem novas idéas sobre as origens da arte popular.

«Arte degenerada» é uma expressão de combate ao intellectualismo tanto de Berlim como de Moscou Em consequencia da nossa tendencia a imitação S. Paulo conta hoje com um numero apreciavel de verdadeiros phonographos de Moscou e Berlim.

As investidas contra a arte moderna vem sempre de personagens com tendencias á formas de puritanismo: annos atraz tivemos uma encyclica (ou cousa parecida) de Sua Santidade o Papa, sobre arte moderna. Hoje temos Hitler Stalin e o sr. Sousa Amaral. Hitler e Stalin se utilizaram de investidas contra a arte moderna para melhor agradar a mediocridade das massas (subterfugio politico) e melhor sublimar os seus pendores puritanos que visam sempre uma imagem normal e mediocre para representar a arte. Hoje pouco duvida-se sobre a anormalidade dos grandes artistas. Mas para não ser pessoal nesta questão passo agora a palavra á C. G. Jung, famoso psychologo allemão.

«O homem moderno é aquelle que tem a profunda consciencia do presente; aquelle que alcança esta consciencia do presente é necessariamente solitario. O homem chamado moderno é de todo o tempo solitario, pois cada passo que dá rumo a uma consciencia mais alta e mais larga,

o afasta da participação mystica primitiva e puramente animal com o rebanho, o arranca da immersão num inconsciente commum...»

«Emquanto o homem vive dentro do rebanho elle não tem alma e não sente a necessidade de ter...»

«O homem normal pode supportar sem detrimento a attitude geral: o homem que segue os caminhos secundarios, que não pode como o normal marchar sobre as grandes estradas militares, descobrirá o primeiro o que está fóra da grande estrada... A inadaptação do artista e a sua verdadeira vantagem ella lhe proporciona o ensejo de permanecer afastado das grandes vias, de seguir a sua propria aspiração e descobrir o que falta nos outros.»

«Afastando-se do descontentamento presente, a aspiração do artista se retráe até attingir no inconsciente a imagem primitiva que compensará a parcialidade do espirito de momento.»

«O moderno é escabroso e mal afamado como elle foi nos tempos passados. Se reconhecer moderno é fazer uma declaração voluntaria de fallencia, é um novo typo de voto de pobreza e de continencia, é mesmo o renunciamento, mais doloroso ainda, á gloria da santidade que é sempre a sancção da historia.»

«Existe uma orda de incapazes que se dão um ar de modernidade saltando fraudulentamente por cima de todos os graus que representam penosos deveres vitales...»

«Sei que os pretensos modernos detestam particularmente o conceito de capacidade que os relembram muito desagradavelmente da sua falcatrua.»

(Ver Essais de Psychologie Analitique — C. G. Jung, p. 28, 29, 30, 34, 145, 146).

Flavio de Carvalho

(Do «Diario de S. Paulo de 17-9-937»)

Acaba de Aparecer:

A MÃO E SEUS SEGREDOS

de ARUS SAB

3.º Edição

ARIEL

Herbert Baldus — *Estudos de ethnologia brasileira* — Cia. Editora Nacional — S. Paulo.

O prefacio do sr. Affonso de E. Taunay, bem redigido como sempre, põe em justo relevo os meritos deste cientista allemão, a quem as coisas do Brasil vêm interessando desde a adolescencia. Com a seriedade de propositos, o gosto da pesquisa minudente, a aversão ás conclusões apressadas, tudo aquillo, em summa, que caracteriza os homens de estudo provindos da velha Germania, o sr. Herbert Baldus expõe agora, de modo harmonioso e claro, os factos essenciaes da nossa complexa ethnologia.

P. Lopes Moreira — *Compendio de technica vocal* — Irmãos Pongetti — Rio.

Eis um volume que contém preciosos conselhos para a educação e correcção dos defeitos da voz. Elaborou-o quem estudou longamente o assumpto, seja através da leitura de outros autores, seja soccorrendo-se da observação directa, da sempre valiosa experiencia pessoal. Cantores e oradores muito terão a lucrar percorrendo este livro. Quanto á edição, dos irmãos Pongetti, é da mais perfeita elegancia.

NOVIDADES DO MEZ

Ultimas Edições da Companhia Editora Nacional

ARAÚJO LIMA Amazonia — A terra e o homem	10\$000	OSÓRIO DA ROCHA DINIZ A Política que convém ao Brasil	12\$000
OTONIEL MOTA Horas Filológicas	8\$000	TAVARES BASTOS A Província	10\$000
Preparatórios ao alcance de todos	5\$000	VIRIATO CORREA No Paiz da Bicharada	3\$000
GUY CHANTEPLEURE A Fadazinha	4\$000	M. DELLY Entre duas almas	4\$000
W. HEIMBURG A Querida do meu coração	4\$000	PHILIP MACDONALD R. I. P.	4\$000
ROBERTO C. SIMONSEN Historia Economica do Brasil — 2 vols.	25\$000	J. SWIFT Viagem de Guliver	3\$000
VIRIATO CORREA Bichos e Bichinhos	3\$000	HERBERT BALDUS Ensaio de Etnologia brasileira	15\$000
ILKA LABARTHE O Tapete magico de Tia Lucia	5\$000	SERAFIM LEITE Paginas de Historia do Brasil	8\$000
DR. AFFONSO H. FURTADO O livro da parteira	12\$000	SALOMAO DE VASCONCELLOS O Fiçq	15\$000
CONCORDIA MERREL Casamento por vingança	4\$000	CEL. LOURIVAL MOURA As forças armadas e o destino His- torico do Brasil	10\$000

Edições da COMPANHIA EDITORA NACIONAL - Sede: Rua dos Gusmões, 118 - S. Paulo - Filiaes : CIVILIZAÇÃO BRASILEIRA
Rua 7 de Setembro, 162—Rio de Janeiro—Rua da Imperatriz, 43 Recife-Pernambuco
A venda em todas as Livrarias do Brasil e Portugal

Livraria José Olympio Editora

Telegrammas

**OUVIDOR, 110
23-2389**

JOLYMPIO

**1. MARÇO 13
23-2831**

RIO DE JANEIRO

NOVIDADES DE OUTUBRO

General E. Leitão de Carvalho — A CONFERENCIA DO DESAR. MAMENTO	20\$000
Humberto de Campos — DESTINOS 5. ^a Edição	6\$000
Cyrol de Anjos — O AMANUENSE BELMIRO — Romance	8\$000

NOVIDADES DE SETEMBRO

Jorge Amado — CAPITÃES DE AREIA — romance	10\$000
Jorge Amado — JUBIABA — 2. ^a edição — romanc	10\$000
Jorge Amado — PAIZ DO CARNAVAL — 2. ^a edição — romance	8\$000
Plinio Salgado — CAVALEIRO DE ITARARE' — Romance — 2. ^a edição	10\$000
Plinio Salgado — A Vóz do Oeste — romance — 2. ^a ed.	8\$000
Plinio Salgado — O EXTRANGEIRO — romance — 3. ^a ed.	8\$000
Amando Fontes — A RUA DO SIRIRY — romance	10\$000
Edison Carneiro — CASTRO ALVES	6\$000

NOVIDADES DE AGOSTO

Octavio de Faria — MUNDOS MORTOS — romance	10\$000
Valdomiro Silveira — MIXUANGOS — contos	7\$000
Oswaldo de Andrade — TEATRO	7\$000
Nelio Reis — SUBURBIO — romance	6\$000
Humberto de Campos — SEPULTANDO OS MEUS MORTOS — 2. ^a edição	6\$000
LANTERNA VERDE N.º 5	10\$000
AUTOS DE DEVISSA DA INCONFIDENCIA MINEIRA N.º 5	5\$000

NOVIDADES DE JULHO

Abguar Bastos — SAFRA — romance	8\$000
Abguar Bastos — TERRA DE ICAMIABA — romance	6\$000
Abguar Bastos — CERTOS CAMINHOS DO MUNDO, romance	6\$000
Martinho Nobre de Mello — EXPERIENCIA — romance — 2. ^a edição	10\$000

NOVIDADES

ULTIMAS EDIÇÕES DA CIVILIZAÇÃO
BRASILEIRA S/A

LEWIS WALLACE
Ben-Hur — Col. Sip 2\$000

NICOLAS SEGUR
Casamento Carnal — Col. Os
mestres de amor 6\$000

B. LYTHON
Os ultimos dias de Pompeia
3 vols. — Col. Sip. — cada
volume 2\$000

DAVID CARNEIRO
São Paulo de Renan 5\$000

RAYMOND MARCHARD
Conceberás 6\$000

LEWIS WALACE
Patrulha da Madrugada — Col.
Sip 2\$000

VICTOR PAUCHET
Conservae a Mocidade 5\$000

LIVRARIA CIVILIZAÇÃO

Rua Sete de Setembro, 162

Telephone 22-6773 Rio de Janeiro
Venda directa ou pelo serviço de re-
embolso. Peça instruções. Envia-se
catalogo gratis.

MEU PAE

Meu pae me faz soffrer demais pela tortura da sua presença.

Elle é o homem dos habitos, dos pequenos habitos detestaveis. Eu, que sou desordenado, implico profundamente com isso. Seus gestos todos são compassados, medidos, sempre eguaes aos da vespera. Ao levantar-se, é fatal, faz quinze minutos de gymnastica, contados a relógio; sua maneira de fazer gymnastica é simplesmente ridicula! Pela casa toda ouvem-se os um-dois-um-dois monotonos, massantes, e pulos pesados que fazem palpar penosamente as paredes.

Depois, é o terrível momento das abluções: gargareja, em grunhidos gutturaes, desinfecta as narinas, escova os dentes, entra no banho. Si, nesse momento, o ouço cantar languidamente a «Élégie» de Massenet, já sei, que o banho é morno, e de immersão; si assobia fininho e a galope o Hymno Nacional, posso affirmar que o banho é frio, e de chuveiro.

Felizmente, vae trabalhar logo depois do café e almoço na cidade. Mas, quando é domingo, elle fica em casa, e quem sáe sou eu. Não aguentaria mais ouvil-o dissertar, á hora do almoço, sobre o modo de se fazer o arroz: «Maria, é preciso cozinhar mais o arroz, duro assim faz mal. Li outro dia um artigo muito interessante sobre a sua influencia na...» E até o fim da refeição, conversa-se arroz!

A' noite, é peor ainda a situação. Antes de se deitar, caminha mil passos, arithmeticos, inflexiveis, lendo um livro de philosophia. Por isso se diz, pomposamente, philosopho peripatético, não perdendo a oportunidade de me perguntar, pela centesima vez, si eu sei o que é peripatético. Para o agradar, finjo ignorancia, dando-lhe a grande alegria de me explicar, tambem pela centesima vez, que peripatética foi a escola philosophica fundada na Grecia por Aristoteles, que dava suas lições andando de um lado para o outro.

Depois, invariavelmente, fecha as portas e janellas da casa. Chegando ao meu quarto, aconselha-me a cerrar as venezianas, porque o tempo não está firme, ou então me diz que não leia até tarde, para não ficar com a vista cansada. Previendo esse fastidioso carinho costumeiro, fecho sempre minha porta á chave, de fórma que elle não pode ver a cara aborrecida que faço, deitado na cama, ouvindo sómente a minha voz que responde um «boa-noite» difficil, forçado.

Hoje completo 14 annos.

E Papae me disse que logo precisarei pôr calças compridas, como as de meu primo pouco mais velho do que eu. Fez-me tambem uma porção de perguntas sobre detalhes intimos, deixando-me completamente desenxabido; accrescentou que breve, muito breve, ficarei homem.

Não sei o que elle quer dizer com isso. Mas, si entende que ser homem é usar calças compridas — decididamente — eu não quero nunca ficar homem. Meu primo estava tão exquisito! Já me vejo, como elle, suppliciado por ignobeis collarinhos altos, ou talvez apatetado por alguma palheta implacavel.

Tenho muito medo de que Papae leia o que estou escrevendo; por isso, vou guardar estas folhas dentro do livro que elle, ha tempos, me deu — «O que um menino deve saber» —, que está bem escondido no fundo do meu armario. Francamente, até hoje não comprehendi por que Papae me fez presente desse livro estúpido: só diz bobagens, que me deram vontade de saber o que ignorava, uma porção de coisas sujas. O que não entendia, perguntava aos collegas, ou então á Vóvó, que é camarada e tem especial prazer em conversar sobre taes assumptos.

Foi assim que comecei a ter desillusões a respeito de Papae.

Quando era pequeno, achava-o tão bom, tão differente! Agora, não sei por que, acho-o mudado. Por Vóvó fiquei sabendo que todos os homens são eguaes, e que Papae é igual a todos os homens. Que horror! Pensar que Papae fez quando moço todas essas coisas feias que eu condemno, abomino! Ouvir falar tantas indecencias na escola e saber depois que elle as praticou todas, e quem sabe ainda as pratica...

Sinto-me desorientado com tudo isso, nem sei que pensar. E percebo que uma aversão visceral, inexplicavel, me afasta irremediavelmente de Papae.

A minha amiguinha, que móra em frente, perdeu hoje o pae. Contra a vontade, pensei no que sentiria, si morresse o «meu» pae. Quiz sentir piedade, mas não pude... Perseguiu-me a ideia confortavel de que não ouviria mais a dissertação do arroz, a escola peripatética e a recommendação de não ler até tarde. Procurei refrear esse pensamento, que me parecia delicioso e insensato ao mesmo tempo. Tentei forçar a sensibilidade, imaginando o desamparo, as difficuldades financeiras em que ficariamos. Mas não houve geito! Só consegui pensar que deveria chorar quando me déssem pesames, e, sem querer, comecei a estudar as palavras de agradecimento que teria de dizer. Lembrei-me, ainda, de que seria preciso mandar tingir a minha unica roupa de casemira, e que gastaria com isso uns quinze mil réis. 15\$000!... A frieza arithmetica dos numeros mostrou-me, numa volta á realidade, a frieza dos meus sentimentos. Assustado commigo mesmo, fui correndo á casa da minha companheirinha, ansioso por saber si era possivel que eu, sómente eu, tivesse ideias tão desequilibradas.

Lá, as flores cobriam tudo, desde a entrada. Seu perfume misturava-se desagradavelmente com um cheiro indefinido, que não pude identificar. Quando entrei na sala em que estava o corpo, esse cheiro tornou-se mais forte. E senti então, pela primeira vez, o perfume da morte civilizada, mixto de incenso, iodoformio, agua de colonia e carne em decomposição.

Senti-me mal, suggestionado pelo negror do ataúde e por aquelles cirios alvissimos que se consumiam inexoravelmente. Junto a elles a viúva, dolorosamente alheia de tudo. Fiquei impressio-

nado por ver que ella não se preocupava com o que devia ou não fazer, concentrando-se, apaixonada, na contemplação do ente perdido para sempre.

Esse «para sempre» me chocou, enervando-me. Mostrou-me o definitivamente irreparavel da morte. Comecei a repetil-o baixinho, sem poder parar, enquanto subia até o quarto de minha companheirinha, lá no fundo do quintal: «para sempre», «para sempre», «para sempre»...

Ella estava sentada na cama, e quando entrei, levantou para mim os olhos ainda húmidos de pranto. Um instante fiquei de pé na porta, esboçando uma porção de palavras de consolo e de ternura. Depois, torturado, exausto, não resisti mais tempo. Sentei-me ao seu lado e chorei convulsamente, com a cabeça no seu collo, as lagrimas suavissimas do arrependimento.

Pensando que tivesse chorado por sentir a morte do seu pae, ella me acariciou a cabeça meigamente, agradecida. Mas a verdade é que eu estava martyrisada pelo remorso, tremendo com medo de que Papae, o meu querido paezinho, tambem morresse, deixando-me para sempre, para sempre...

Naquella noite não deixei fechada a minha porta. E quando Papae me recommendou, como fazia sempre, que não lesse até tarde, pedi-lhe que entrasse um pouco.

Commovido, abracei-o affectuosamente. Tinha a impressão de reencontrar alguém que perdera, uma pessoa que tivesse passado muitos annos fóra. Em palavras entrecortadas por soluços, contei-lhe tudo, tudo, minhas duvidas e tristezas, meus temores e ignorancias. Sob a meiguice de seu olhar foi revivendo, pouco a pouco, a antiga confiança, a tão confortadora amizade. O quebra-luz illuminava o quarto com doçura, tornando mais facil o retorno a uma intimidade que já havíamos esquecido quasi.

Tive mesmo até a coragem de mostrar-lhe as pontinhas duras do meu peito, susurrando-lhe ao ouvido, corado de orgulho, que podia mandar fazer calças compridas para mim, porque eu já era homem, e ha mais de um mez.

MIROEL SILVEIRA.

Edição Ariel:

VERTIGEM

Romance de GASTÃO CRULS

2.^a Edição

Discos

DISCOS SELECCIONADOS

Antigas arias e dansas italianas (para alaúdes) — *Transcrição de Ottorino Respighi para quartetto de cordas — Quartetto Roma (Victor 12019/20)* — A arte de Respighi para fazer transcrições deu-lhe tanta reputação no assumpto, que isso de certo modo prejudicou a sua nomeada como compositor. Mas a verdade é que essa actividade revelava não só um talento todo especial, mas ainda um accentuado bom gosto, que muito influiu na musica italiana contemporanea. Estas arias e danças do seculo XVI, que o Quartetto Roma executa com grande maestria, e que a Victor registrou em dois discos pequenos, constituem uma verdadeira joia para os discófilos.

João Sebastião Bach — *A Paixão de Nosso Senhor segundo São Matheus (Final) — arranjo para organ por C. M. Vidor — Charles M. Courboin (Victor — 14321)* — Emquanto não temos uma gravação integral da immensa Paixão segundo São Matheus, somos obrigados a contentar-nos com pequenas partes isoladas, as quaes, mesmo quando em transcrição como no caso presente, servem pelo menos para recordar a grandiosidade do original. Vidor conhecia todos os segredos do organ, e portanto não admira que o seu arranjo seja optimo. A execução está bôa. Quanto á gravação, é indispensavel assignalar o progresso conseguido na arte difficil de registrar a musica de organ, tornando a sua reproducção plena-

mente satisfatoria ainda mesmo em vitrolas sem grandes recursos.

João Sebastião Bach — *Suite N.º 2 em Si menor — Adolpho Busch e Orchestra de Camara — (Victor — 11996/8)* — Os desacertos da maioria dos compositores modernos exigem, como compensação, que Bach seja posto furiosamente na moda. Pelo numero de discos que nos chegam mensalmente com musicas do mestre de Eisenach, estamos certos de que os magnatas do grammophone hão de consideralo como um legitimo «best seller». Depois de Cortot, com os Concertos Brandenbuerqueses, temos agora Busch (que não é apenas um optimo violinista), dirigindo excellento conjuncto de camera. Porém o que dá mais sabor á edição desta Suite é a presença de Marcel Moyse, o flautista que creou para o seu instrumento uma nova importancia, semelhante á que se tem pelo violoncello depois de Casals.

João Sebastião Bach — *Preludio e Fuga em Fa menor — orchestrada por Luciano Cailliet — Orchestra de Philadelphia sob a direcção de Eugenio Ormandy — (Victor — 14382)* — Por este disco se vê que a obra de Bach persiste sendo musica a despeito de todas as transformações e arranjos que lhe dêem. Não quer dizer que a orchestração de Cailliet seja má. Muito pelo contrario, é admiravel, com um sabor, não d'rei de modernismo, mas de coisa de hoje, tornando a peça talvez mais accessivel ao homem medio, e respeitando sempre o texto, sem nada das phantasias rebarbativas de Schoenberg, que abusou demasiado das cinzas de Bach. A orchestra de Philadelphia tem agora novo director, nome aliás sufficientemente conhecido e louvado. Pela amostra, não temos duvida de que Ormandy elevará

ainda mais alto o conceito de que goza aquella philharmonica. A gravação está optima.

Ricardo Strauss — *Sonata em Mi bemol para violino e piano — Jascha Heifetz e Arpád Sándor — (Victor — 7974/7)* — Esta sonata faz parte das primeiras obras do então futuro revolucionario Strauss: traz a classificação de opus 18, e deve ter sido composta antes de 1890. E' muito bem trabalhada, tem varios momentos de grande belleza, e não faz suppor qua alli estaria o germe de composições transformadoras do gosto musical de uma época. Heifetz toca como sempre, e é possivel que o seu exemplo seja seguido pelos demais virtuosos, resuscitando uma obra que não merece o esquecimento em que tem andado. A gravação é bôa, mas é das roubadas, isto é, só occupa dois discos e meio, ficando a sexta face em branco.

Vittorio Rieti — *Quartetto em Mi maior — Quartetto Pro Arte — (Victor 1821/2)* — Vittorio Rieti é um nome novo na musica italiana moderna, não tendo ainda quarenta annos. Nasceu em Alexandrina, no Egypto, e foi discipulo de Respighi. Embora guarde um certo ar de familia com o seu professor, não o imita absolutamente. Este quartetto é uma pequena obra prima, de excellent feitura, de um modernismo discreto e de muito bom gosto. E' notavel pela graça e habilidade com que explora temas populares italianos, sobretudo no primeiro tempo. A interpretação do quartetto Pro Arte é bôa, como sempre. A gravação deixa um pouco á desejar, particularmente nos registros agudos.

C. DE S.

Srs. Escriutores:



PARA SEUS ORIGINAES
UTILIZEM-SE DA MACHINA
DE ESCREVER

TRIUMPH PORTATIL

Rapidez



Perfeição de Serviço



Durabilidade

REPRESENTANTE EXCLUSIVO

W. KREBS

RUA DA ALFANDEGA, 189

TELEPHONES

Escriptorios : 43-3471

43-4392

Officina : 23-3714

A CENTENA

Embora a roupa estivesse pesada e já fosse bem tarde, D. Amelia parou á porta do açougue, os braços levantados segurando a trouxa:

—Boa noite, seu Manuel. Tem algum palpito para amanhã?—

Seu Manuel, que estava golpeando um bonito pedaço de chã de dentro, respondeu sem levantar o rosto:

—A esta hora!... — Mas só então percebendo que a voz de D. Amelia lhe parecera diferente do costume, olhou para a porta e indagou:

—Que é isso, D. Amelia? Está doente?—

—E' Juquinha. Está com um febrão que nem sei... — E entrou, rapida, pelo portão da avenida.

Era uma parda gorda, já passada dos 40. O marido morrera quando Juquinha começava a andar, lá se iam 9 annos. Se *lavava para fóra* quando o marido vivia (para ajudal-o, coitado, que ganhava pouco), ao enviivar passou francamente a *lavadeira*. A principio, com o augmento da roupa, via-se atrapalhada para lavar, cuidar da casa e do Juquinha e ainda fazer os carretos. Mas logo que o filho começou a ficar esperto e podia acompanhá-la, a cousa se tornou mais suave. Tinha algumas freguezas boas, de pagamento certo, mas a maioria era sem consciencia: a mulher do pharmaceutico, por exemplo, já lhe devia quasi 80\$000 desde Fevereiro...

D. Amelia era de bom genio, fallava pouco das visinhas, vivia só para o filho, mas tinha um viciosinho que a dominava irresistivelmente: era o jogo do bicho. Jogava diariamente pela loteria e á noite ainda tentava a sorte pela *Confiança*. Quasi não sabia ler, embora conhecesse bem os algarismos, mas comprava diariamente a *Mascotte*, cujos palpites o padeiro ajudava-a a decifrar. A noite, depois de passada a roupa, ficava até altas horas *estudando* dois livros surradissimos, nos quaes vinha registrando desde longo tempo os bichos que davam diariamente. Só ella comprehendia os garanchos, mas se lhe perguntassem que bicho havia dado em 3 de Agosto de 1929 pelo salteado, a resposta viria quasi de prompto.

Muito cedo já D. Amelia sahia com a roupa que estivesse prompta e aproveitava para indagar por onde passasse, vendas, quitandas, açougues, padarias, qual o sonho da noite passada, qual o palpito para o dia.

—Sonhei com o Chico; Elle estava fa...—

—Ah, então é camello. Mas, não sei não: o camello já deu este mez quatro vezes... Bem, até logo, seu Almeida. — E passava adiante para fazer alto na porta da quitanda:

—O Sr. já viu, seu Agostinho? Hontem deu tigre no salteado...

—Ai, sim? Pois hoje estou outra vez com palpito nelle...

—O Sr. acha?... — Dizia, incredula; mas logo, esperançosa: — No anno passado deu tigre quasi uma semana inteira. Pode ser, quem sabe?...—

Não é que jogasse muito dinheiro e ganhasse sempre. Muitas vezes eram só mesmo duzentos réis no porco, um tostão no avestruz e outro no gallo.

E' verdade que nos principios de mez, quando a freguezia pagava certo, D. Amelia abusava e até houve um dia em que arriscou 5\$000 na cabra (não dava desde Março e seu Antonio da padaria havia sonhado com uma cabrita preta). Quando ganhava era sempre pouco relativamente ao que havia jogado, e se se levasse em conta que ás vezes passava uma semana inteira sem acertar, comprehende-se que D. Amelia mais perdia do que ganhava.

Juquinha, que era principalmente carregador de roupa, fazia tambem o joguinho: se apparecesse a policia poderia escapular com facilidade. O bicheiro, que tinha o appellido de Santinha, tão meloso era, fazia o jogo escondido nos fundos do açougue.

Um grande desgosto profissional perturbava D. Amelia jogadora (os desgostos profissionaes de D. Amelia lavadeira eram tantos que nem vale a pena contar). Nunca havia acertado numa centena! Parece incrível, mas nem uma só vez conseguira ter a *sastifação* de poder dizer a seu Agostinho quitandeiro, *fêra* para pegar centenas:

—Sabe, seu Agostinho? Hontem fiz uma asneira: botei só duzentos réis no 672...—

Nada lhe fazia maior inveja do que ouvir de alguém que acertara na centena, mas fazia sempre questão de saber todos os detalhes, como fóra, como não fóra. A força de tanto pensar nelles, certos casos assumiam caracteristicos de factos lendarios. O sonho da visinha do 7, por exemplo: o fallecido apparecera-lhe em sonho na vespera do despejo: —Maricota, jogue 2\$000 no 324!

Deu para pagar ao senhorio e ainda sobrou dinheiro para o Carnaval.

D. Chiquinha costureira nunca havia viajado de automovel. No dia do enterro do irmão da Zelia offereceram-lhe um lugar no taxi. O carro derrapou no asphalto molhado, sahiu da fila e foi de encontro a uma carroça. Resultado: D. Chiquinha quasi quebrou a perna com o choque. Mas mesmo sentindo dores atrozes teve a idéa de pedir que jogassem por ella quinhentos réis na centena do automovel e quinhentos na da carroça: deu a da carroça exactinha.

Quando morreu a mulher do Dr. Raymundo (uma senhora de coração de ouro, só de roupa das creanças pagava 30\$ por mez), muita gente acertou na centena do dia do mez com a hora do enterro: 275. Imagine só.

Só ella, Amelia, é que nunca acertara na centena!

D. Amelia occupava a ultima casa da avenida, que era a mais geitosa porque o quintalzinho grammado dava para a valla do terreno do Guimarães. Ao entrar, encontrou Juquinha, que havia ficado na cama com febre alta, sentado

no chão da cozinha brincando com o gato.

—Juquinha, voce está maluco? Volte já para a cama e vamos tomar o remedio.—

Custara-lhe esse remedio! Ella que havia jurado a si propria nunca mais entrar na pharmacia de seu Chico — porque a mulher delle, aquella sem vergonha, não havia meio de pagar a conta da roupa — fóra forçada a ir pedir-lhe por favor, imagine só, por favor, para fiar o remedio. Tambem o Dr. Raymundo — depois que perdera a mulher — andava tão preguiçoso que só receitava remedios promptos, que custavam um dinheirão.

Parecia até cousa feita que o Juquinha fosse ficar doente no fim do mez e logo nesse mez que andava mesmo horrivel. Tudo lhe estava sahindo ao contrario: uma das melhores freguezas havia se mudado para a cidade; não recebera um tostão do asylo; um azar tremendo no jogo; e agora, para mal de seus peccados, ainda o Juquinha entendera de ficar doente.

Ao dar o remedio, poz-lhe a mão na barriga: escaldava. Cobriu-o com um cobertor velho, uma saia pesada e duas toalhas e, embora preocupadissima, foi *estudar* os livros. Comparou demoradamente certas folhas com outras, fez algumas contas com os dedos e foi remexer na gaveta da commoda: encontrou apenas 1\$700. Parou algum tempo contemplando o filho e acabou deitando-se ao seu lado.

A madrugada palpitava apenas — o ar purissimo no espaço silencioso — quando D. Amelia se levantou do colchão para espiar o doente: os olhos fechados, elle respirava com difficuldade, o corpinho queimando de febre. D. Amelia assustou-se: lavou depressa o rosto no tanque, bebeu uma chicara de café requentado, poz no pescoço um chale velho e partiu para casa do Dr. Raymundo, com o coração singularmente pesado. No caminho foi pensando no meio de conseguir algum dinheiro emprestado para o que desse e viesse. Lembrou-se de seu Agostinho da quitanda, que já em outra occasião lhe havia servido. A quitanda ficava no caminho; sim, pediria a seu Agostinho. O pensamento voltou-se em seguida para o Juquinha. Só podia ter sido o banho de mar do domingo passado, no Sacco de São Francisco. Amanhecera dia bonito, de sol forte; Juquinha pedira tanto para ir com os outros meninos da visinhança, que ella não tivera coragem para negar. Vestira-o com a camisa azul do filho do Dr. Marcilio (tambem elles pagavam tão pouco pela roupa!), calça e paletot de brim pardo. Juquinha só apparecera de volta ás 7 horas da noite, abatidissimo do banho prolongado naquella soalheira. Na certa pegara um resfriado forte. Bem que não quizera que elle fosse; mas a gente precisa ás vezes dar um pouco de liberdade ao menino para não acabar um maricas como o Santinha bicheiro. E' verdade que Juquinha fóra sempre fraquinho; sahira ao pae, que já an-

dava tão doente. Só mesmo com o muito cuidado della é que vingara. Mas Deus é grande; o Dr. Raymundo havia de botar-o bom...

Uma surpresa aguardava-a: o doutor não voltara para a casa na vespera. A preta Justina, escandalizada com o facto, nem lhe deu grande attenção; mas prometteu fallar ao patrão quando chegasse, se chegasse... E voltou resmungando para a cozinha.

D. Amelia regressou devagar, puxando de instante a instante o chale para o peito. A quitanda só abria ás 7, mas já encontrou seu Agostinho pendurando as bananas na porta.

— Uai, D. Amelia, madrugou hoje?

— Bom dia, seu Agostinho, eu precisava um favor. Juquinha está doente e eu queria que o Sr. me emprestasse 20\$000. No sabbado eu recebo do Almirante... —

— A Sra. quer é para jogar no bicho. Nada disso, não tenho para emprestar. —

— Oh, seu Agostinho, não diga isso; o Sr. já me emprestou 10\$000 no anno passado e eu paguei pontual... —

— Sim, mas agora a Sra. deu para jogar demais. Toda a gente sabe que a Sra. põe tudo no bicho. Porque não pede ao Santinha?... —

— Está bem, não quer emprestar não empreste. Mas fique sabendo que ninguém tem nada com a minha vida! —

E partiu demonstrando tal indignação que seu Agostinho se arrependeu logo de ter negado.

Quasi ao chegar á avenida, viu o filho da visinha correndo como que para fallar-lhe: o coração bateu ligeiro, sentiu-se um pouco tremula, mas o menino passou sem olhal-a sequer. Mas quando ia entrando em casa a visinha gritou-lhe da janella:

— Juquinha está fallando umas cousas tão esquisitas, D. Amelia... —

Acercou-se do filho, que, com os olhos abertos, pareceu não lhe dar a menor attenção, como se não a visse ou não a reconhecesse. Depois, entrou a gritar, exaggeradamente ancioso:

— Olha seu Guimarães, pessoal! Foge, pessoal! Apanha a bola, Heitor!

Instinctivamente D. Amelia olhou para a porta da cozinha, de onde se via ao fundo o terreno baldio, a essa hora co-football com uma bola pequena, de tennis. Mas logo teve a attenção voltada para o filho, que já então dizia outras cousas, virando-se constantemente de um lado para o outro:

— Fura essa! Vamos fazer Jacaré! Me larga seu bobo. — Soltou em seguida uma gargalhada, que pareceu D. Amelia tão extranha que o coração se lhe apertou.

— Juquinha, meu filho, fica socegado, fica quietinho. Eu vou ferver leite para você. —

— Mas só então percebera que, com o nervoso que seu Agostinho lhe déra, até se esquecera de comprar o leite...

— Mamãe, eu estou sentindo uma dor aqui... — e, afastando a camisinha de morim, poz a mão um pouco acima da virilha direita. A mãe tentou apalpar o logar indicado, mas Juquinha não deixou, retrahindo-se e gritando que doia muito.

D. Amelia calculou que já seriam quasi 2 horas, porque o sol começava a entrar pela janella da frente. Surprehendida de que o Dr. Raymundo não tivesse ainda dado signal de vida, resolveu ir até ao açougue para telephonar. Ao mesmo tempo (pensou um tanto envergonhada, porque as palavras do quitandeiro não lhe saham da cabeça), aproveitaria para fazer o joguinho. Lembrou-se depois que só lhe restavam novecentos reis e, com a lembrança, veio-lhe o receio de perder e ficar sem dinheiro algum, com o filho passando assim mal. Mas, novecentos reis ou nada, que grande differença fazia? Se (Deus não permittisse) alguma cousa acontecesse, ella teria mesmo de arranjar mais dinheiro de qualquer maneira. Acabou jogando apenas duzentos réis na centena predilecta, 672.

Quando estava fallando ao telephone com a preta Justina (porque o doutor ainda não havia voltado para casa), vieram chamal-a com urgencia: Juquinha estava gritando desesperadamente, com uma dor medonha no lado. Foi encontral-o torcendo-se no chão, as lagrimas descendo-lhe pelo rosto, sem forças para dizer qualquer cousa.

— Juquinha, meu Deus! Meu filhinho!

D. Amelia havia acabado de saber, por um servente da *Assistencia*, que déra o gallo com 352, quando alguém veio dizer-lhe que o filho talvez não escapasse. Não escapou mesmo, o pobresinho.

No dia seguinte, meia hora antes de levarem o Juquinha, D. Amelia tomou o bonde com a comadre Feliciano e foi esperal-o no cemiterio. Com o resto dos cincoenta mil réis que seu Agostinho lhe havia ido levar pessoalmente, comprou um ramo de flores.

Enterraram o pequeno caixão na subida do morro. Sacudida pelos soluços, espantosamente envelhecida, no espirito a angustiosa interrogação «Que vou fazer sem Juquinha, meu Deus?» D. Amelia deixou o cemiterio apoiada em Feliciano.

Caminhou algum tempo em silencio. De repente seus labios tremulos deixaram escapar estas palavras, vindas sabe Deus de onde:

— Reparou na centena da sepultura, comadre? —

E cahiu num pranto de cortar o coração...

E. PINTO MONTEIRO.

Mario Souto Maior — *Paulo Setubal* — Recife.

Contando apenas dezeseis annos de idade, o sr. Mario Souto Maior não pôde ser ainda um critico severo. Assim, ao referir-se a Paulo Setubal, é todo entusiastico, sem entrar em qualquer genero de restricção ao romancista que o empolgou.

Exalta-lhe igualmente os versos e, mostrando-se bem informando em relação ao autor da *Marqueza de Santos*, enumera os intellectuaes que sempre tiveram palavras de louvor para o morto glorioso. E nem se esqueça que o sr. Mario Souto Maior faz parte de um gremio litterario do Recife de que Paulo Setubal é o patrono.

Serafim Leite — *Paginas de historia do Brasil* — Cia. Editora Nacional — S. Paulo.

«Paginas de mestre»: eis como o sr. Afranio Peixoto classifica esta contribuição historica do padre Serafim Leite. E que não se trata de elogio de favor todos nós o sentimos ao concluir a leitura do livro. Jesuita operoso e culto, esse revivedor do passado honra a nobre casta intellectual que deriva de Loyola. Em S. Paulo obteve elle um premio dos mais significativos, ao escrever-se a historia da cidade, da gloriosa Piratininga fundada exactamente por um outro membro da Companhia de Jesus: o immortal Anchieta.

Miguel Reale — *Actualidades brasileiras* — Schmidt editor — Rio.

Encarando-o pelo lado objectivo, sem nenhuma adhesão aos principios politicos postos em jogo, somos forçados a reconhecer que o livro *Actualidades brasileiras*, do sr. Miguel Reale, é de um homem de letras. Expositor de uma limpidez, de uma finura, de uma polidez que andam longe dos processos contundentes de que Tobias e Sylvio foram pregoeiros entre nós, esse sociologo moço e vibrante é dos que dão, ao credo por que se batem, características da melhor cultura. Concordando ou discordando, não é elle dos que tonteiam os idolos á força de incenso ou arremettem aos berros contra os adversarios. Ha uma intelligencia sempre desperta nesse joven preocupado pelo que existe de profundo e eterno no Brasil moral.

Charles Darwin — *Viagem de um naturalista ao redor do mundo* — Cia. Brasil Editora — Rio.

A traducção do sr. J. Carvalho, de um grande escrupulo de fidelidade verbal, não desfigurou de modo algum o livro em que o genial naturalista inglez consagra tantas paginas admiraveis ao Brasil. Tambem o sr. A. Tenorio d'Albuquerque nos apresenta uma feliz transplantação brasileira do texto em que o maravilhoso Gogol nos relatou as aventuras de *Tarass Bulba*. Trabalhos originaes, a Companhia Brasil Editora vem de offerecer-nos dois: o volume *Perolas*, em que Agrippino Grieco reuniu innumerados dispartes de escriptores nacionaes, sendo alguns do proprio autor da collectanea, e o romance *Mára*, do sr. Martins Capistrano, chronista e contista em quem se vae bellamente desenvolvendo uma nobre personalidade de animador de almas.

Edição Ariel:

VERTIGEM
Romance de GASTÃO CRULS

2.^a Edição

LETRAS BRASILEIRAS

« Historia e Critica da Poesia Brasileira », por Edison Lins

O autor da *Historia e Critica da Poesia Brasileira* — livro copioso e erudito, seguro na informação, sereno e justo de critério, e revelando estudo honesto e perfeito — tem apenas 21 annos de idade.

Assim o declara logo, num pequeno prefacio, pequeno mas singularmente elucidativo dos intuitos, caracter e ambiente da obra. Demonstração de sinceridade, que seria vulgar num poeta *mussetiano*, mas que supponho bastante rara entre criticos e ensaistas. Demais a mais vem de passagem, dita com singeleza *sympathica*. O sr. Edison Lins não receia que o accussem de excessivamente jovem para trabalho de tanta importancia e de responsabilidade, e que por isso mesmo lhe neguem a cultura e a ponderação que elle exige. E não lhe fica mal essa coragem, antes pelo contrario, porque nem cultura nem ponderação lhe faltam. Ambas, a par de nobres virtudes mentaes e duma curiosidade de espirito amplamente universal, permittiram-lhe o equilibrio, a maturidade e a agudeza de apreciação e de juizos de que um Agrippino Grieco, um Tristão de Athayde, um Octavio Tarquinio de Souza, um Tasso da Silveira, e alguns outros, são exenplos e modelos já gloriosos no Brasil contemporaneo.

Mas — honra lhe seja! — taes qualidades de mais velho, não lhes diminuem nem entibiam o ardor, o impeto, o entusiasmo, a paixão da mocidade. Uma obra que « não pretende ser historia, pois a historia confere aos vivos um ar de museu, senão de cemiterio », eis como define o seu livro. Definição exacta. A *Historia e Critica da Poesia Brasileira* não é realmente museu, não é de modo nenhum cemiterio. E' um vergel de presenças seivosas. Ali, até os proprios ancestraes, de Anchieta a Castro Alves, são alma, carne e sangue quasi visiveis, palpaveis, animados de intensa palpitação, de estranha vitalidade. « A poesia no Brasil segue mais depressa a *démarche* do espirito poetico em opposição com a do espirito rhetorico, mais frequente, evidentemente, fora do nosso paiz », accentua Edison Lins. De facto. E' mais intimamente humana, e mais espontaneamente social. Mais natural, mais pura, mais liberta de artificios e de mentiras convencionaes, mais poesia, em summa. Edison Lins dá-nos, precisamente, essa impressão e essa noção, porque é tambem o *espirito poetico* o supremo guiador e inspirador da sua obra de critico. Não reduz a poesia á restricta situação dum genero litterario (o ultimo capitulo do livro occupa-se da *Poesia dos Prosadores*); não a enfeixa dentro dos apertados liames das technicas da versificação; não a olho sob esse aspecto mesquinho, embora, citando Gilberto Amado, termine numa especie de apello a disciplinas rigorosas, que ordenem e clarifiquem o chaos da renovação, da criação modernista. O lyrismo, para Edison Lins, é a manifestação do espirito « *acima da materia* », é o sonho do homem que ultrapassa as condições da existencia quotidiana, é « a aura emotiva e indefinivel que precede e constitue certos estados anteriores e simultaneos á producção artis-

tica ». Vida, portanto; vida superior, sublimada, larga, vehemente, victoriosa, cimeira, mas vida escorrendo aneio, gotejando ideal, gritando ou murmurando preces. De tal sorte o entende, de tal sorte o considera, de tal sorte o sabe mostrar, através das figuras, biographias psychologicas e obras dos numerosos poetas que estuda e evoca em perto de quatrocentas paginas de constante vibração.

Das longinquas origens — « *poesia já havia no Brasil muito antes da chegada dos portuguezes* » — aos mais recentes inventores de rythmos e de imagens, Edison Lins desdobra-nos o panorama vasto da poesia brasileira. Não occulta as influencias alheias que por vezes a desviam do rumo ingenito, sem, no emtanto, a privarem da sua essencia profunda. Não hesito em contestal-a, em recusar-a, em negal-a aos versos dum Bento Teixeira Pinto, o autor celebre de *Prosopopeia*, nem em chamar « *estirada epica em dez cantos* », ao *Caramuru*, de Santa Rita Durão, poema cujos meritos não ha duvida, não residem na dureza ferrea das suas estrophes. E assevera: « *o poema insinua nacionalismo feroz, americanismo exagerado, indianismo exagerado* », o que — perdõe-me a audacia de estrangeiro, desejoso de não metter foice em seara alheia — supponho tambem leve exaggero... Não perdôa ainda a Gregorio de Mattos, e, de modo geral, a quantos, poetas de nome e fama, não cabem no seu conceito de poesia. Mas este conceito é, afinal, o mais limpo, o menos discutivel, o mais luminoso e, — porque não confessal-o? — o unico de eterna resonancia. Escrever uma *Historia e Critica da Poesia Brasileira*, obedecendo a tão austera exigencia de pensamento não é falsear a justiça, nem esquivar-se ás imposições da verdade. E' comprehendel-as, cumpril-as, respeitl-as, acatal-as...

Edison Lins, em plena hora de juventude, não se furtou ao difficil dever. Critico da poesia, é ao mesmo tempo um poeta da critica — não esvasiando esta do idealismo constructivo, da admiração racionada e da emoção fervorosa que a tornam uma arte suprema e communicativa, e não uma actividade fria, de pretensões só analyticas. Não consente um rapido artigo de jornal as transcripções necessarias á completa intelligencia do livro de Edison Lins. E' preciso lel-o, lel-o e medital-o.

O actual momento poetico brasileiro, e os seus antecedentes remotos ou proximos, têm nelle a mais perfeita, fiel e subtil interpretação. E todos poderemos dizer, depois da leitura attenta, que Edison Lins não nos engana ao registrar « *sem preconceito nacionalista ou da patria* », a seguinte e consoladora certeza: — nenhuma poesia da America, do Mexico á America do Sul, é tão grande, tão authentica e tão sobranceira poesia como a poesia antiga e moderna do Brasil, renovador do eterno lyrismo...

JOÃO DE BARROS.

(Transcripto do «Primeiro de Janeiro», do Porto, de 14-9-937).

Henrique Paulo Bahiana — *O Japão que eu vi* — Cia. Editora Nacional — S. Paulo.

Muito tempo decorrerá ainda sem que o Japão perca a sua seducção de mysterioso exotismo sobre as almas fatigadas da monotonia do Occidente. Do espolio litterario de Pierre Loti, talvez a parte relativa á gente nipponica seja a de maior durabilidade. Lafcadio Hearn, outro entusiasta das geishas e dos bonzos de Tokio, continúa a ser vendido nas livrarias, e Wenceslão de Moraes, que adquiriu uma segunda alma de japonês perfeito e abandonou para sempre os amores e os mexericos de Lisboa, é um constante enlevo para os que adoram as paginas bem estylizadas. Quanto ao nosso patricio sr. Henrique Paulo Bahiana, merece o successo obtido pelo seu magnifico volume sobre o paiz do Mikado. Substanciosos prefacios de Napoleão Reys e do general Moreira Guimarães, dois brasileiros idoneos para se expressarem no assumpto, dizem bem do valor de um livro que facilmente chegou á segunda edição.

Almeida Cousin — *Naufragios* — Victoria.

Em 1931, o sr. Almeida Cousin estampou o volume *Itamonte*, longo poema épico de caracter nativista que, meneado com indiscutivel habilidade, deu a muitos a sensação, sem duvida illusoria, de que era possivel renovar entre nós esse genero litterario condemnado para todo o sempre. Identicas qualidades de finura, de persuasiva intelligencia poetica, encontramos nesta collectanea lyrica do sr. Almeida. Os themas são os mesmos dos classicos, dos romanticos, dos parnasianos. Os rythmos não aspiram a innovações metricas de qualquer especie. Mas, assim mesmo, falando como todos os nossos antepassados falavam á hora do amor ou da melancolia, jogando com as cadencias tradicionaes que tanto soffreram por parte dos modernistas truculentos, esse artista discreto e affavel manda-nos, do seu recanto espiritosantense, um punhado de lindas estrophes e manda-nos duas excellentes traducções de Baudelaire, superiores a muitas das que foram arroladas pelo sr. Felix Pacheco. Um grande poeta? Certamente que não. Mas um poeta puro, e isso, é o bastante.

Antonio Alves Camara — *Ensaio sobre as construcções navaes indigenas do Brasil* — Cia. Editora Nacional — S. Paulo.

Muitas novidades se encontram neste livro, consagrado a um assumpto que evidentemente exigiu do autor longas pesquisas preparatorias. E' um volume que se percorre sempre com satisfação, mesmo quando não se seja impellido pelo desejo de fazer erudição em themas do passado. Poetas e prosadores romanticos a Gonçalves Dias e José de Alencar infundiram duradouro prestigio em tudo aquillo que recorde a vida dos nossos indigenas, e só nos póde agora deliciar o conhecimento dos meios de transporte de que se soccorreram os antigos habitantes do Brasil para vencer as aguas dos rios e dos mares. A boa historia não prescinde aqui de certo encanto de narração lendaria.

Cinema

COMMENTANDO

Motion Picture Herald é uma revista de propaganda quasi que meramente commercial.

Dispõe de magnifico serviço photographico para not'car o, annuncios de films, seu successo mercantil, formação de sociedades productoras, sua extincção etc. Existe nella uma secção chamada «What the picture did for me». Como a propria revista o declara, esta parte é um serviço do exhibidor para o exhibidor. Um informa o outro da capacidade dos films para produzir dinheiro, dizendo o que convem evitar. Bilheteria pura.

Não é de admirar que se encontrem lá juizos como estes:

Jardim de Allah — Marlene Dietrich e Charles Boyer. Marlene Dietrich, creio, viu o seu melhor dia».

Tempos Modernos — Charlie Chaplin e Paulette Goddard. O. K. para os garotos, mas a gente grande quer comedias faladas, não apenas sincronizadas. Exhibimol-o apenas uma noite e demo-nos por muito felizes por não vêr os nossos freguezes fugirem desta especie de comedia grosseira (slapstick fun). Elles não teriam vindo de modo algum.»

Caras novas de 1937 (New Faces of 1937) — R. K. O. Radio). O pessimo em toda a sua plenitude. Nem é um film para agrado dos olhos apenas. Os olhos já estão cançados de ver aquellas mesmas tolices, aquellas mesmas graças inossas, aquellas eternas banalidades. E os ouvidos já se recusam ao baticum dos sapateadores. Dá vontade de gritar um «scram» irritado e deixar o cinema de carreira.

Navio negreiro — Slave Ship) — 20th Century Fox Direcção — Tay Garnett. — Não é tanto o trabalho cinematographico, a perfeição technica manifestada, que me chama a attenção para esse film.

E o caso da dor humana infinita, desse soffrimento, de cuja mancha nossa civilização nunca mais se limpará.

Seculos e seculos de bondade jamais conseguirão resgatar a miseria sem nome do procedimento dos brancos, desses brancos de quem dizia uma mulher esquimó: «Meu filho, fuja dos homens brancos. Elles tem a pelle branca, mas a alma é negra.» E a quem Jack London, que quasi sempre os encontrou levando a infelicidade ás populações innocentes do mundo, chamava-o «inevitavel homem branco». «Abraham Lincoln» de Griffith e as scenas do «Navio Negreiro» têm mais força emotiva do que tudo o que a litteratura me tem mostrado.

A imagem visual tem uma expressividade mais forte, tem um poder de convicção esmagador e me approxima enormemente dessas dolorosas criaturas chegadas ao extremo do martyrio, ás quaes a divida eterna de amor e piedade me liga muito mais que a condição social.

«Navio Negreiro» é a historia de um barco que começou sua vida manchado de sangue. Ao deixar a carreira esmagou um pobre trabalhador.

Após uma serie longa de desastres e mudanças de nome, transformou-se em navio negreiro, num tempo em que o trafico já estava prohibido e em que os traficantes eram punidos com a morte.

A vida dos capitães desses navios é uma longa historia de heroismo negativo, de coragem orientada para o mal. De homens capazes de um tal esforço de abstracção, que podiam conceber o homem negro como fóra da humanidade, como coisa no commercio. Dahi a indiferença, a displicencia com que privavam de vida esses entes desgraçadissimos.

Eram uma especie de «gangsters» de hontem. Irmãos emespirito e em verdade daquelles mesmos que ha poucos dias burlavam a «dry law» na civilizadissima Chicago.

Como sempre succede, as peripecias do «Albatross» entrelaçam-se com a aventura amorosa de Jim Lovett e Nancy Marlowe e tudo acaba em beijos, abraços e sorrisos em uma fazenda da Jamaica.

Cumprê destacar as scenas do motim a bordo, o embarque de escravos na Africa, detalhas de partidas.

Wallace Beery perfeito em Jack Thompson — Mr. Thompson, o contra-mestre, e Warnes Baxter é bem a figura do homem que precisava mergulhar-se na inconsciencia da embriaguez para escapar ao peso da vida consciente. Elisabeth Allan, tantas vezes excellente, vac muito bem na graça antiga de Nancy Marlowe, carinhosa, boa, mas heroica na hora do perigo, como aquellas mulheres que acompanhavam os pioneiros na sua durissima luta civilizadora. O grumete Swifty está todo na actuação magnifica de Mickey Rooney.

Digna de nota a direcção de Tay Garnett.

Stella Dallas — United Artists — Direcção King Vidor. — A presença de King Vidor é para nós sempre um consolo, um desafo, uma certeza de que a arte das imagens ainda apresenta seguras condições de vitalidade.

Embora cedendo ás exigencias da sincronização, o vigor do seu genio de modo algum ficou suffocado por esse mundo de horrores que é a producção corrente do cinema actual.

De vez em quando ainda nos vem elle com uma affirmacção feliz de sua capacidade. Hontem foi a realizacção corajosa de «Atiradores do Texas» arrostando um thema já tão explorado. Ha um pouco mais de tempo uma serie de obras de notaveis qualidades. «Pão Nosso», tão cheia de lyrismo, de ingenuidade, de sentimento; «Amante Perfeito», tão delicada, tão suave, tão repassada de subtiliza psicologica. Hoje, «Stella Dallas», que vamos analysar.

Stella Martin é filha de um operario de caracteres individuaes e das influencias do meio social sobre elles.

Stella Martins é filha de um operario de uma pequena cidade. De natureza preguiçosa e sensual, enchia-se de litteratura de manhã á noite. Essa litteratura levou-a anciar por uma libertação, por uma ascensão a um nivel melhor, onde houvesse o luxo, o chic, os prazeres das mulheres da alta roda, que apparecem nos romances. E por todos os meios consegue conquistar o desilludido Stephen Dallas, que se entrega como um encanto.

Stella não comprehende a simplicidade culta de Stephen, sua distincção de maneiras, seu horror ao excessivo, ao escandaloso, ao extensivo. Prefere-lhe Ed. Munn, um tratador de cavallos — o deboche em pessoa.

Indo para Nova York em commissão Stephen encontra Helen, seu antigo amor, agora viuva, é que é o seu verdadeiro ideal.

Laurel, filha do casal Dallas, fica encantada por Helen, em cuja casa passa as ferias. Instintivamente percebera que alli estava a companheira indicada para seu pae.

Stella Dallas leva consigo a vergonha, o espalha-fato, a relaxação para onde quer que se dirija e traz em tortura permanente a pobre Laurel, forçada a amar coisa tão ordinaria.

Quando Stella comprehende o soffrimento da filha sacrifica-se em holocausto á sua felicidade: procura tornar-se tão odiosa que a filha vê-se forçada a fugir, a correr della, horrorizada diante de tamanho abaixamento moral.

Ha no amor de mãe uma força tão grande, uma energia tão tenaz, que elle se conserva puro, immaculado, mesmo nos seres que perderam todos os attributos de dignidade humana, fazendo-os capazes dos actos mais heroicos: é a ultima reacção do divino contra o assalto destruidor das forças da natureza.

O film, é dirigido com aquella maestria que jamais abandonou o creador peregrino de «Alleluia».

A sequencia do passeio de bicycletas que se funde com o idyllio de Laurel e Dick é admiravelmente silenciosa e não apresenta um so letreiro!

O final é profundamente emocionante, penetrando intimamente a nossa sensibilidade.

Barbara Stanwyck vive apaixonadamente a figura desgraçada de Stella Dallas. Ann Shirley é toda frescor, toda vida, toda cheia desse segredo mysterioso da mocidade sadia, feliz apenas de viver, de ser uma entre as demais coisas do mundo. E John Boles é ainda o grande elemento humano mantendo na tela aquella delicadeza de sentimentos, de maneiras, manifestando-se agora, como em todos os seus films, um soberbo producto de cultura. «Stella Dallas» tem uma significação altissima dentro da miseravel producção actual.

AURELIO GOMES DE OLIVEIRA.

Em edição ARIEL:

PAULO GUANABARA

A ORIGEM DO MUNDO

Um livro que põe a historia e a vida do mundo ao alcance das creanças

MEMENTO BIBLIOGRAPHICO

De LISBOA

«Carcassas Gloriosas»

O Boletim de Ariel pede aos srs. editores ou autores que lhe remetam um exemplar das obras pelos mesmos publicadas, afim de que esta secção seja a mais informativa possível.

- Agrippino Grieco — PEROLAS... — Cia. Brasil Editora — Rio.
- Amando Fontes — RUA DO SIRIRY — Romance — Liv. José Olympio Editora — Rio.
- Jader de Carvalho — DOUTOR GERALDO — Romance — Edésio Editor — Recife.
- Ilka Labarthe — O TAPETE MAGICO DE TIA LUCIA — Companhia Editora Nacional — São Paulo.
- Nosor Sanches — A CANÇÃO DA FELICIDADE — Poesias — Rio.
- Herbert Baldus — ESTUDOS DE ETHNOLOGIA BRASILEIRA — Cia. Editora Nacional — São Paulo.
- Erico Verissimo — MUSICA AO LONGE — 2a. edição — Livraria do Globo — Porto Alegre.
- Mario Souto Maior — PAULO SETUBAL — Recife.
- Serafim Leite — PAGINAS DE HISTORIA DO BRASIL — Cia. Editora Nacional — S. Paulo.
- Miguel Reale — ACTUALIDADES BRASILEIRAS — Schmidt Editor — Rio.
- Martins Capistrano — MARA — Romance — Cia. Brasil Editora — Rio.
- Almeida Cousin — NAUFRAGIOS — Versos — Victoria.
- Salomão de Vasconcellos — O FICO — Cia. Editora Nacional — São Paulo.
- Cel. A. Lourival de Moura — AS FORÇAS ARMADAS E O DESTINO HISTORICO DO BRASIL — Companhia Editora Nacional — São Paulo.
- Antonio Alves Camara — ENSAIO SOBRE AS CONSTRUCÇÕES NAVAES INDIGENAS DO BRASIL — Companhia Editora Nacional — São Paulo.
- Arthur Ramos — AS CULTURAS NEGRAS NO NOVO MUNDO — Civilização Brasileira — Rio.
- Roberto Seidl — ARTHUR AZEVEDO — Editora A. B. C. — Rio.
- Beatrix Reynal — TENDRESSES MORTES — Poesias — Bernard Grasset — Paris.

Paulo Setubal — *Confiteor* — Cia. Editora Nacional — S. Paulo.

Eis ahi a historia de um coração que o soffrimento levou a Christo. Nem na *Bonne Souffrance* de Coppée ha paginas que excedam estas memorias, estas confidencias de um amoroso de Jesus. Trata-se de livro cujo interesse não caducará no affecto e na emoção das almas mysticas. Gerações successivas saberão dessedentar-se nessa fonte de poesia e ternura, por assim dizer medievaes, que Paulo Setubal encontrou na floresta de odios e ambições do mundo de hoje.

Genolino Amado — *Vozes do mundo* — Cia. Editora Nacional — S. Paulo.

Quando escrevia nos jornaes de S. Paulo, o sr. Genolino Amado dava-nos a sensação de estar sempre afindo um bom epigramma para golpear os pascacios. A Irreverencia era a sua musa. Não encontravamos então, em todo o jornalismo do paiz, chronistas de maior espirito. Mas, com o tempo, esses facéis triumphos de humorista o fatigaram e entrou elle a fornecer-nos ensaios felicissimos, de um recorte á Charles Lamb e de uma densidade de substancia á Jaques Boulenger. Numa época em que os mediocres, pela incapacidade de admirar, vêem todos os nichos vazios, o sr. Genolino verificou que no mundo, no seculo da Carteira e do Pé, ainda existem d'Annunzio, Chesterton, Shaw. E' elle dos que nos desesperam de assistir ainda no Brasil ao pleno advento da intelligencia. Já agora mais benigno que no periodo da Paulicéa e com uma immensa capacidade de indultar a tolice, esse homem que percorre os livros, as revistas, os jornaes litterarios dos dois mundos, escreve com uma tal civilização de gosto e estylo que ás vezes parece mais um contemporaneo de Lemaitre ou de Matthew Arnold que um contemporaneo nosso. E' sempre um encanto lel-o num paiz onde pontificam tantos mestres do tedio. Até os chavões de barbas brancas e gagueira senil são admiravelmente renovados por elle. Morto João Ribeiro, o sr. Genolino Amado é, sem duvida alguma, o primeiro ensaista do Brasil.

No exaggerado conformismo em que a vida litteraria portugueza, salvo raras excepções, gostosamente se delicia, nem eu sei nem é facil saber desde quando — todos celebres, todos eminentes, todos incomparaveis! — um livro de intenções, vehemencia e coragem identicas ás de *Carcassas Gloriosas*, o ultimo do critico e ensaista brasileiro Agrippino Grieco perturbaria decerto a calma do torpido ambiente e provocaria indignação e protestos sem conta. Mas prestava o grande serviço de arejar, sanear e estimular espiritos e almas, obrigando os proprios escriptores e o publico a rever a escala de valores intellectuaes que geralmente aceitam e respeitam, e a verificar até que ponto ella corresponde a um criterio elevado e justo.

Attitude de summa importancia para activar ou promover a formação de verdadeira e equilibrada cultura, realmente representativa das virtudes criadoras da grei, e privada da qual esta nunca attingirá o prestigio e a capacidade de irradiação universal, que a todo e qualquer paiz confere a existencia duma mentalidade superior. Vantagem, utilidade conhecida e manifestada critica sincera, pensada e orientada, mesmo se acaso fôr violenta. Nada peor, em materia de arte e de litteratura, de que distribuir corôas de louros a bons e mãos, e até de que não condemnar nos melhores deslizes possiveis e os erros e fraquezas, embora minimos. Não fica mal a ninguem emendar-se, e nem sempre são os genios mais cimeiros os menos desejosos de que lhes indiquem as faltas e inadvertencias de que porventura sejam culpados...

Carcassas Gloriosas é precisamente, uma obra resultante dessa convicção fundamental, inspirada no mais puro e acendrado amor, ou, antes, na mais ardente paixão pelo destino e brilho das letras do Brasil. Talento de excepção, erudição vastissima e profunda, estylo de singular e suggestivo relevo, graça, ironia, sarcasmo de inedito sabor — tudo isso Agrippino Grieco possui, e espalha no seu livro, não esquecendo a emoção lyrica, sempre vibrante na prosa deste poeta de nascença. Apeia idolos, aponta desacertos, censura peccados litterarios com o impeto e a alegria, não dum destruidor, mas, quasi sempre, dum constructor de novos edificios, cujos materiaes offerece ou mostra a futuros obreiros. Não perdôa as phrases feitas, a rethorica bafienta, os tropos gastos, a eloquencia vazia de ideas, as idéas cansadas de servir a meio mundo. Parece o arcanjo combatendo o monstro, todos os monstros que lhe saem ao caminho, disfarçados em metaphoras sonoras e em presenças imponentes. Avança rápido e firme, e os seus golpes não poupam as mais solidas e consagradas reputações. Apenas — insisto — não ha nenhum que simultaneamente não rasgue limpidas clareiras de belleza. Agrippino Grieco é um critico de merito excepcional porque não se limita a criticar. — ensina rumos novos, abre novos horizontes á litteratura de amanhã, de hoje e de sempre.

Não vae a audaciosa tarefa sem um tanto de relativa iniquidade, de severidade excessiva. Assim o creio, e assim o não escondo. Mas, afinal, ser falado, ainda que sacudida ou impiedosamente, num livro de Agrippino Grieco, já constitui uma honra. Não é para os imbeois a alcunha de *Carcassas Gloriosas*... Aliás, o que pretendo louvar e accentuar aqui é a independencia e o denôdo intellectual do admiravel polygrapho. Elle nos offerece uma lição austera e magnifica, digna de ser comprehendida, seguida e imitada entre nós.

JOÃO DE BARROS.

(Transcripto do «Diario de Lisboa»)

Exupero Monteiro — *Trio* — Aracajú.

Excellent artista regional, o sr. Exupero Monteiro é tambem um evocador commovido de quantos, antes d'elle, nasceram poetas nas lindas terras de Sergipe. Aqui estão, por exemplo, palavras vivamente fraternas sobre Hermes Fontes, que constituiu um paradoxo impressionante em materia de gloria, sendo reputado genio aos vinte annos e rudemente discutido aos quarenta, quando sua obra, descendo a imprevisas excavações psychologicas, excedera muito a pintura verbal meio allucinada do seu volume de estréa. Mas nem só os sergipanos interessam ao sr. Exupero Monteiro. Fala elle com um fremito de enthusiasmo não menos vivo de Olavo Bilac e, evidenciando não sentir ciume dos que se encontram ainda em actividade lyrica por este mundo, consagra ao sr. Catullo da Paixão Cearense paginas de uma perspiciacia definidora bem rara mesmo em criticos de maior renome.

O VALOR INTRINSECO DO PRESENTE

Quantas vezes, quando desejamos presentear a um ente querido, ou a uma pessoa amiga, se nos depara o dilema da escolha:

«Será que vai gostar? Eis o que nos perguntamos, intimamente. «Ah! isto elle (ou ella) já tem!» — «Este não!» — «Francamente, não sei o que dar!»

Todas estas são phrases comuns, a todos nós, quando vamos escolher um objecto para presente.

Talvez, por causa disso, é que um curioso em estatisticas teve a santa paciencia de constatar o seguinte, sobre 100 pessoas que receberam presentes de um parente ou pessoa amiga:

50%, intimamente não apreciaram o presente.

30%, o apreciaram, momentaneamente, mas logo o relegaram ao esquecimento.

20%, apreciaram e conservaram o presente com carinho.

O mais curioso de tudo isso é que 11, dessas 20 pessoas que conservaram com carinho a lembrança, receberam livros, como presente! E note-se que um livro custa, proporcionalmente, menos que qualquer outro objecto!

Logo, constata ao pé da estatistica, o paciente observador, «quem dá um livro agrada ao proximo!» Ainda mais se esse livro traz uma affectuosa dedicatória do offerante.

... porque não é o valor intrinseco do objecto como lembrança que pode agradar a quem o recebe!

Na escolha de um presente temos que ser psychologos, mesmo não o sendo!!! Um objecto pode recrear a vista; pôde ser-nos util, materialmente, mas um objecto que recrée a alma e o espirito — só mesmo um livro!

... e o menos versado em psychologia, sabe o que uma moça gosta de lêr: um bom romance de amor, um bom livro de poesias. O menino: um livro de aventuras; a menina: um livro de contos; a senhora: um romance; o homem: uma obra que se enquadre em seu nivel de cultura.

Porque, então, não vulgarizamos o livro como presente, como troca de cortezia, em todas as occasiões necessarias: num anniversario, no Natal, no dia de Reis, etc., como é uso em outros paizes civilizados?

«Um paiz se faz com homens e livros», disse Monteiro Lobato.

... e nós concordámos.

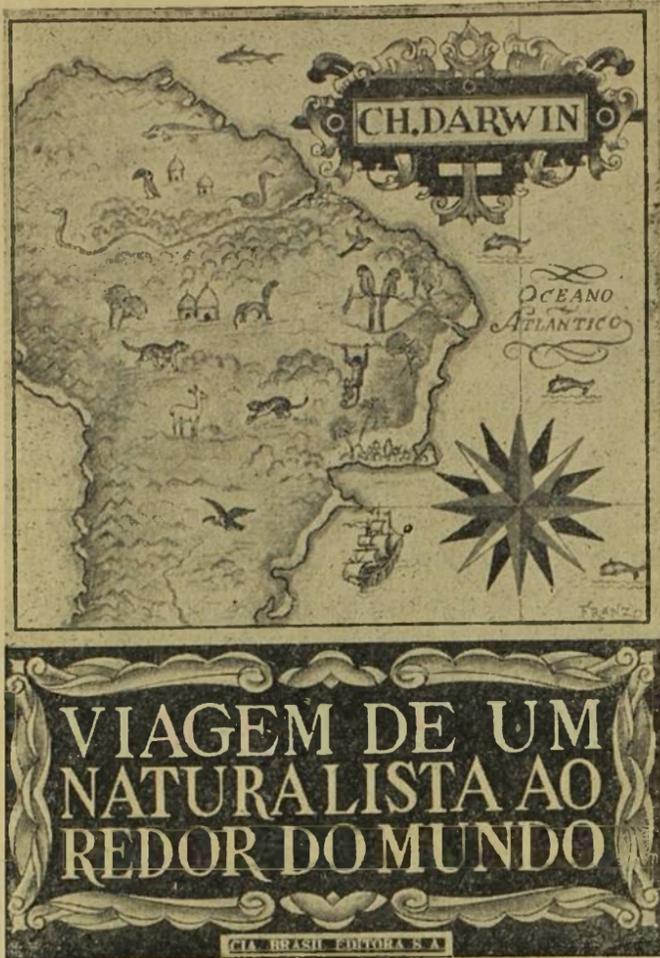
... e todo bom brasileiro, que ame verdadeiramente sua terra, collocará um tijolo nos alicerces do futuro grande edificio que será o Brasil, no conceito das nações, vulgarizando o livro como presente, como troca de cortezia entre parentes e pessoas queridas!

CAMPANHA PELO LIVRO NO BRASIL

INICIATIVA DO

« SERVIÇO DE REEMBOLSO » da CIVILIZAÇÃO BRASILEIRA S. A.

Rua Sete de Setembro, 162 — RIO DE JANEIRO



Um livro maravilhoso!

VIAGEM DE UM NATURALISTA AO REDOR DO MUNDO

de CHARLES DARWIN

Charles Darwin figura, com honroso realce, entre os maiores sabios do mundo. Aos 25 annos, já era scientista de solida reputação e os seus conceitos eram respeitados.

Com o seu excepcional poder de observação de que era dotado, aproveitando-se de todos os ensejos para estudar, para chegar a novas conclusões, Charles Darwin fez uma longa viagem a bordo do Beagle. Esteve em dezenas de paizes. Visitou centenas de cidades. Estudou os costumes, os aspectos, a natureza dos lugares, por onde excursionou, e escreveu um livro, em que, com linguagem amena, attrahente, forneceu-nos preciosos ensinamentos e em que ha paginas interessantissimas de observações sobre o Brasil, acerca dos nossos habitos, escriptas com sinceridade por um verdadeira sabio.

«Viagem de um Naturalista ao Redor do Mundo» é um excellent livro que instrue recreando, que nos leva ora a sorrir, ora a meditar.

Enc. Rs. 30\$000

ROMANCES CELEBRES

- Selma Lagerlof* — A LENDA DE UMA QUINTA SENHORIA (Premio Nobel de Literatura) — Trad. de Araujo Ribeiro: Br. 6\$000
X. B. Saintine — PICCIOLA (Obra laureada com o premio Montyon) — Br. : : : : 6\$000

LITERATURA RUSSA

- Nicolau Gogol* — ALMAS MORTAS — Prefacio de Agrippino Grieco — Trad. J. L. Costa Neves, 2 vols. — Br. 12\$000
 TARASS BOULBA — Trad. de A. Tenorio D'Albuquerque — Br. 6\$000
Dostoiewsky — NETOTCHKA — Trad. de J. L. Costa Neves — Br. 6\$000

LINGUA PORTUGUESA

- Laudelino Freire* — ESTUDOS DE LINGUAGEM — Br. 6\$000

AUTORES NACIONAES

- Ignacio Raposo* — MESTRE CUIA — (Contos do Tempo da Escavidão) — Br. 6\$000
Origenes Lessa — O JOGUETE — Romance Br. 6\$000
Raul de Polillo — RETRATO VERTICAL DO BRASIL — Br. 6\$000
Martins Capistrano — MÀRA — Romance — Br. 6\$000

COLEÇÃO ARGONAUTAS

- F. E. Raynal* — OS NAUFRAGOS DAS ILHAS AUCKLAND — Obra premiada pela Academia Francêsa — Br. 6\$000
J. Bulkeley e J. Cummings — ULÁ VIAGEM AOS MARES DO SUL — Trad. de J. Carvalho Br. 6\$000
Charles Darwin — VIAGEM DE UM NATURALISTA AO REDOR DO MUNDO — Trad. de J. Carvalho — Encadernado 30\$000

LIVROS PARA CRENÇAS

- Sylvia Autuori* — HISTORIAS DA CANDIMBA, contadas por Tia Chiquinha, n.º 1 — Enc. . . . 6\$000
 HISTORIAS DA CANDIMBA, contadas por Tia Chiquinha, n.º 2 — Enc. 6\$000
 HISTORIAS DA CANDIMBA, contadas por Tia Chiquinha, n.º 3 — Enc. 6\$000
 JOÃOSINHO, O MENINO QUE SONHA, n.º 4 — Enc. 6\$000

DIVERSOS

- Agrippino Grieco* — PEROLAS — Br. 6\$000
A. Tenorio D'Albuquerque — HITLER: — Sua personalidade atravez de varias opiniões — Br. 5\$000
Arnold Bennett — COMO FAZER-SE ESCRIPTOR — Trad. de J. Carvalho — Br. 6\$000

EDIÇÕES DA

CIA. BRASIL EDITORA

Rua Buenos Aires, 20, A-4.º — Tel. 23-4142 — Caixa Postal 3066 — RIO DE JANEIRO

QUATRO LIVROS NOTAVEIS

INICIAÇÃO CIENTIFICA

ARQUEOLOGIA GERAL — Angyone Costa (Do Museu Historico Nacional). — Neste livro o A. faz uma «escursão amena a territorios limitrofes com a arqueologia brasileira», alinhando para os espiritos curiosos, fatos e coisas da arqueologia e da prehistoria do resto do mundo. Iniciando a obra pela parte que diz respeito á America pré-colombiana, apresentou o seu autor um estudo tanto quanto possível claro, ilustrado com grande numero de gravuras, algumas delas, como ás referentes ás excavações promovidas pelo «Instituto Carnegie», as de Machú Pichú, a da ceramica do Arroyo de Leys, estudada recentemente por Felix Oútes, etc., ainda não divulgadas em livro. Da arqueologia greco-romana, da oriental e da européa, ha tambem o bastante para uma viva impressão de conjunto, capaz de esclarecer muita curiosidade ainda não atendida. Série 4.^a — Vol. 13.

Brochado 15\$000.

ATUALIDADES PEDAGOGICAS

PSICOLOGIA DA INFANCIA — Sylvio Rabello — O presente livro destina-se a todos que pretendem iniciar-se no estudo das ciencias da Educação. Não é, entretanto, desprovido de interesse para as pessoas que tem sob sua responsabilidade a formação das crianças nas primeiras idades, a sua orientação no sentido das condições individuaes e sociais, assim como o seu aproveitamento na comunidade humana. Pais; juizes de menores; pediatras; diretores de abrigos, de crèches, de orfanatos, de escolas profissionais; mestras de jardim da infancia; professores; estudantes; etc. encontrarão nele o esclarecimento indispensavel a uma conduta menos tateante e mais racional. Serie 3.^a — Volume 23.

Brochado 15\$000.

A EDUCAÇÃO E SEUS PROBLEMAS — *Fernando de Azevedo* — A autoridade didatica do prof. Fernando de Azevedo dá-nos com esse novo volume a sua ultima palavra em aprimorados estudos e calorosos debates sobre os grandes

problemas de educação no Brasil atual. Destacam-se dessa obra os seguintes capitulos, cada qual estilizado pela mesma facêta com que o autor se fez uma das maiores sumidades pedagogicas do nosso tempo:

O problema da educação rural — A missão da Universidade — O Estado e a Educação — Política e Educação — Política contra a Educação — As lutas politicas e a Universidade — Política de Educação — A unidade nacional e a Educação — O idealismo na educação nova — Pela cultura e liberdade de espirito e outros estudos — Volume 22.

Brochura 10\$000.

ASPETOS DA CULTURA NORTE-AMERICANA — *Gilberto Freyre, Afranio Peixoto e outros* — Desnecessario é dizer que um trabalho como este não pode ter intenção alguma de unidade doutrinaria. Escripito por colaboradores pertencentes a diversas crenças politicas, filosoficas e quiçá científicas, e tendo cada um elaborado a sua contribuição em completa independencia dos outros, resultou uma visão multifacetada do pais estudado. Caberá ao leitor reconstituir uma impressão de conjunto. E o seguinte o texto deste volume de cerca de 350 paginas em grande formato:

Helio Lobo — O direito publico desde a Constituição de Filadelfia. Artur Coelho — A imprensa. O cinema. Anisio Teixeira — A educação e a America do Norte. Heloisa Marinho — Vida Universitaria. Gilberto Freyre — Dois aspetos da moderna cultura americana. Francisco Venancio Filho — A fisica norte americana. Adolfo Santos Junior — Nos dominios da eletricidade. Francisco de Sá Lessa — A evolução da quimica. Afranio do Amaral — O progresso da biologia. F. A. de Moura Campos — A fisiologia humana. Carlos Delgado de Carvalho — A sociologia na terra de Lester Ward. Armando de Godói — O urbanismo nos Estados Unidos. Geraldo Paula Souza — A evolução da saúde publica. Jáime Pereira — Condições atuais das ciencias medicas nos Estados Unidos. Gustavo Lessa — As vitorias do espirito de tolerancia. Noemí da Silveira Rudolfer — Esboço historico da psicologia nos E. Unidos. Afranio Peixoto — Porque não descobrimos a America.

Brochura 10\$000.

A VENDA EM TODAS AS LIVRARIAS

EDIÇÕES DA **COMPANHIA EDITORA NACIONAL**

Rua dos Gusmões, 118 — São Paulo

RUA 7 DE SETEMBRO, 162 — RIO DE JANEIRO

SERVIÇO DE REEMBOLSO

NO INTUITO DE BEM SERVIR AOS SEUS LEITORES, *BOLETIM DE ARIEL* TEM ORGANIZADO UM INTERESSANTE SERVIÇO DE FORNECIMENTO DE LIVROS PELO SYSTEMA DE ENTREGA DA ENCOMMENDA CONTRA REEMBOLSO.

DAMOS A SEGUIR AOS NOSSOS LEITORES OS ESCLARECIMENTOS NECESSARIOS PARA QUE POSSAM SE UTILIZAR DESSE VANTAJOSO E PRATICO SYSTEMA.

- A — O fornecimento de livros será feito para qualquer localidade do Paiz desde que esta possua o serviço de «vales postaes» em sua Agencia do Correio.
- B — Os livros serão remetidos em qualquer quantidade.
- C — As encommendas poderão ser feitas pelos meios usuaes: carta, telegramma ou por um simples cartão postal, sendo indispensavel apenas que tanto o titulo das obras como o nome e endereço do destinatario sejam escriptos com a maxima clareza.
- D — No acto da encommenda V. S. não precisará remetter-nos importancia alguma. Feita por nós a remessa de sua encommenda, V. S. receberá da Agencia do Correio de sua localidade o aviso da chegada, bastando então que compareça á mesma onde receberá os livros mediante o pagamento da respectiva importancia.
- E — Os livros serão fornecidos pelos preços de capa, sem augmento de especie alguma.
- F — Todas as despesas de embalagem, porte e registro correrão por nossa conta, ficando apenas a cargo do destinatario despesas referentes ao «Serviço de Reembolso» que são mininas. Nas encommendas, entretanto, superiores a Rs. 30\$000, até mesmo estas ultimas despesas correrão por nossa conta.
- G — Afim de que V. S. possa conferir a exactidão da importancia a ser paga ao Correio, seguirá sempre com a encommenda uma factura detalhada onde serão especificados os titulos e preços de cada obra.
- H — Dado o enorme vulto de encommendas que recebemos constantemente de nossos leitores e assignantes, é indispensavel, para o bom andamento de nosso serviço, que V. S. indique em seu pedido que a remessa deverá ser feita pelo «Serviço de Reembolso». Para maior facilidade, damos abaixo um coupon que poderá ser utilizado em taes casos:

À ARIEL EDITORA, LTDA.

R. 7 de Setembro, 162 - 1.º andar - RIO DE JANEIRO

Pelo SERVIÇO POSTAL DE REEMBOLSO queiram enviar-me os seguintes livros:

.....
.....
.....
.....
.....

(Nome e endereço completo, bem legíveis)

.....
.....
.....

CYRO MARTINS
SEM RUMO

GASTÃO CRULS
VERTIGEM
(2.^a edição)

A. DA SILVA MELLO
**PROBLEMAS DO ENSINO MEDICO
E DE EDUCAÇÃO**

JOSÉ SIMPLICIO
**RETRATO POPULAR
DE UM HOMEM**

STENDHAL
DO AMOR

Tradução de Marques Rebello e Corrêa de Sá

RENÉ-ALBERT GUZMAN
CIUME (5.^a edição)

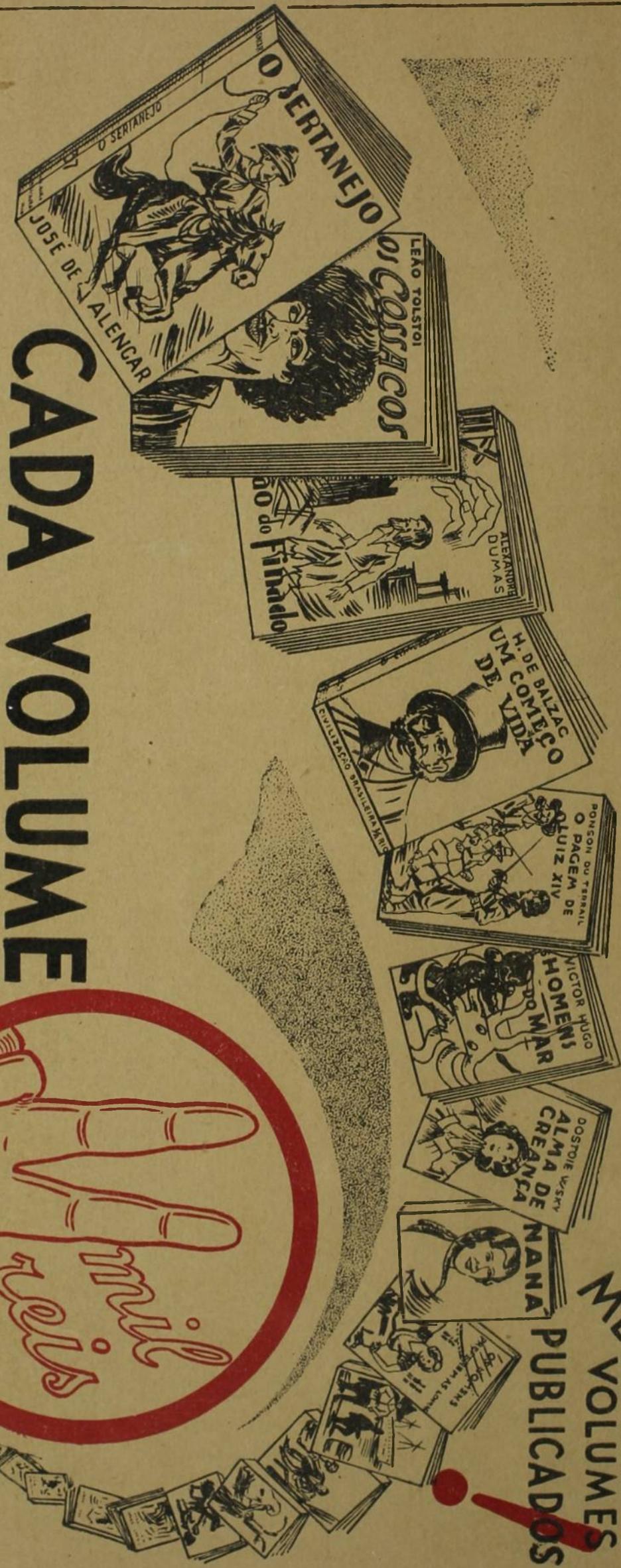
12.000 exemplares

Últimas novidades
ARIEL



COLEÇÃO "SIF"

MEIO MILHÃO
DE
VOLUMES
PUBLICADOS



CADA VOLUME

EM TODAS AS LIVRARIAS E NA
LIVRARIA CIVILIZAÇÃO - RUA 7 DE SETEMBRO 162 - RIO